

revista
movimento
crítica, teoria e ação

ano 6. n.19-20. out. 2020/mar. 2021.

150 anos de Rosa Luxemburgo: pensamento e ação



revista
movimento
crítica, teoria e ação

ano 6. n.19-20. out. 2020/mar. 2021.



Editora
Movimento



Dedicamos este número da *Revista Movimento* a nosso saudoso camarada Luiz Fernando Souza Santos (1966 – 2021), vítima da Covid-19. Sua memória e sua luta seguirão vivas em nossas fileiras. **Até o socialismo sempre!**



Editores Etevaldo Teixeira
Roberto Robaina
Diretor Thiago Aguiar
Responsável Movimento Esquerda Socialista

Projeto gráfico Adria Meira
Capa e diagramação Vittorio Audi Poletto

Transcrições, traduções e revisão Clara Baeder
Gustavo Souza Menezes
Luciana Genro

Periodicidade Trimestral
19ª e 20ª edições. Ano 2021.

Autores que contribuem nesta edição: Antônio Louçã, Camila Souza, Clara Zetkin, Coletivo 1º de Maio, Coletivo O Barulho dessa Cidade é a Nossa Voz, Giovanna Marcelino, Luciana Genro, Luiz Fernando Souza Santos, Mariana Conti, Michael Löwy, Rosa Luxemburgo, Tony Cliff, TLS, Vladimir Lênin

Movimento : crítica, teoria e ação / Movimento Esquerda
Socialista. ano 6, v.1, n.19-20 (out.2020 - mar.2021) .
Porto Alegre : Movimento, 2021.

Trimestral.

ISSN 2448-1491

1. Marxismo Brasil. 2. Marxismo Mundo.
3. Socialismo. 4. Política Brasil. 5. Política
Internacional. — — —

CDD 335.4

Ficha catalográfica elaborada por Fernanda Melchionna e Silva
CRB10/1813

Editora Movimento
Rua Bananal, 1679, Bairro Arquipélago
90090-010 - Porto Alegre-Rio Grande do Sul - Brasil

Impresso no Brasil
2021

Índice

Apresentação	9
<i>Thiago Aguiar</i>	
Sobre Rosa Luxemburgo	
Discurso de abertura do I Congresso da III Internacional	13
<i>Vladimir Lênin</i>	
Rosa Luxemburgo	15
<i>Clara Zetkin</i>	
O lugar de Rosa Luxemburgo na História	19
<i>Tony Cliff</i>	
Pensamento e ação de Rosa Luxemburgo	
“O socialismo é inseparável da liberdade e da democracia”	27
<i>Michael Löwy</i>	
Panorama da vida e da obra de Rosa Luxemburgo	37
<i>Luciana Genro</i>	
As contribuições de <i>Reforma ou Revolução?</i> , obra de Rosa Luxemburgo	69
<i>Camila Souza</i>	
Rosa Luxemburgo e o marxismo feminista	79
<i>Giovanna Marcelino</i>	

Quando os social-democratas mandaram matar Rosa Luxemburgo	89
<i>António Louçã</i>	

Artigos selecionados de Rosa Luxemburgo

Folheto Junius	103
<i>Rosa Luxemburgo</i>	

Uma questão de tática	139
<i>Rosa Luxemburgo</i>	

Quais são as origens do dia dos trabalhadores?	145
<i>Rosa Luxemburgo</i>	

Carta da prisão a Sonia Liebknecht	149
<i>Rosa Luxemburgo</i>	

A ordem reina em Berlim	155
<i>Rosa Luxemburgo</i>	

Documentos

É preciso retirar o genocida Bolsonaro do poder!	165
<i>Executiva Nacional do MES</i>	

Abaixo o governo genocida de Bolsonaro	167
<i>Executiva Nacional do MES</i>	

Crise política e perigo autoritário no governo Bolsonaro	177
<i>Secretariado Nacional do MES</i>	

Unificação MES-TLS: um salto de qualidade na construção de um polo socialista no PSOL	185
<i>MES e TLS</i>	
Manifesto de ingresso da militância do coletivo 1º de Maio no MES	189
<i>Coletivo 1º de Maio</i>	
Anúncio de ingresso no Movimento Esquerda Socialista	197
<i>Mariana Conti</i>	
É tempo de unir forças! O Barulho anuncia um processo de unificação com o Movimento Esquerda Socialista (MES)	199
<i>Coletivo O Barulho dessa Cidade é a Nossa Voz</i>	
Luiz Fernando Souza Santos: presente!	203
<i>Executiva Nacional do MES</i>	
As raízes de uma Manaus sem ar e de vacina para os ricos	205
<i>Luiz Fernando Souza Santos</i>	

Apresentação

Thiago Aguiar ¹

Esta é uma edição especial de nossa *Revista Movimento*, de números 19 e 20. Nela, publicamos um dossiê que celebra os 150 anos de nascimento de Rosa Luxemburgo, vinculado à iniciativa coordenada por nossa camarada Luciana Genro: o curso da Escola Marx “150 anos de Rosa Luxemburgo: pensamento e ação”.

Por isso, inauguramos a edição com três materiais sobre a vida de Rosa Luxemburgo: o discurso de Lênin em sua homenagem na abertura do I Congresso da III Internacional, um artigo da revolucionária Clara Zetkin e outro do trotskista Tony Cliff.

Na sequência, dedicamo-nos ao pensamento e à ação de Rosa por meio da reprodução das aulas de Luciana Genro e de Michael Löwy na inauguração do curso na Escola Marx. Nesta seção, Camila Souza analisa o livro *Reforma ou Revolução?* e Giovanna Marcelino propõe uma reflexão sobre o pensamento de Rosa e o marxismo feminista. Também reproduzimos artigo de António Louçã resgatando a participação da social-democracia alemã no assassinato de Rosa Luxemburgo.

Na seção seguinte, oferecemos à nossa militância e a nossos leitores uma seleção de cinco artigos de Rosa Luxemburgo. Desse modo, seguimos o esforço de divulgação de obras da revolucionária alemã, iniciado nas edições n. 11-12 de nossa revista e com a publicação de *Reforma ou Revolução* pela Editora Movimento.

A seção de documentos publica as últimas elaborações e resoluções dos organismos nacionais do Movimento Esquerda Socialista, bem como os materiais que anunciam e assentam as bases das importantes fusões que celebramos nos últimos meses com organizações socialistas e revolucionárias brasileiras, cujos militantes hoje dividem conosco as fileiras do MES.

¹ Doutor em Sociologia (USP) e diretor da *Revista Movimento*.

Por fim, relembramos nosso camarada Luiz Fernando Souza Santos, falecido em decorrência da Covid-19 em 11 de março, publicando o último artigo de sua coluna no site de nossa revista, onde ele denunciava os governos David Almeida, Wilson Lima e Bolsonaro pelo colapso da saúde amazonense. Luiz foi um grande camarada, intelectual, professor e pai. Sua perda inesperada trouxe dor, indignação e tristeza a nossa militância. A ele dedicamos esta edição da *Revista Movimento*.

Boa leitura!

Sobre Rosa Luxemburgo

Discurso de abertura do I Congresso da III Internacional¹

Vladimir Lênin

Por encargo do Comitê Central do Partido Comunista de Rússia declaro inaugurado o primeiro Congresso Comunista Internacional. Antes de tudo, rogo a todos os presentes a honrar a memória dos melhores representantes da III Internacional, de Karl Liebknecht e Rosa Luxemburgo, fiquemos de pé.

Camaradas: Nossa assembleia reviste grande alcance histórico-universal. Demonstra o fracasso de todas as ilusões da democracia burguesa. Pois a guerra civil é um feito não somente na Rússia, mas sim nos países capitalistas da Europa mais desenvolvidos, como a Alemanha, por exemplo.

A burguesia tem um medo extremo ao crescente movimento revolucionário do proletariado. Isso se compreenderá se temos presente que o curso dos acontecimentos, depois de a guerra imperialista, conduz inevitavelmente ao movimento revolucionário do proletariado, que a revolução mundial começa e cobra forças em todos os países.

O povo se da conta da magnitude e alcance da sua luta travada em nossos dias. Só falta encontrar a forma prática que permita ao proletariado exercer seu domínio. Uma forma assim é o sistema soviético com a ditadura do proletariado. A ditadura do proletariado! Palavras essas que soaram em latim para as massas. Perante a propagação do sistema de soviets por todo o mundo, este latim foi traduzido para todas as línguas modernas; as massas operárias deram a forma prática da ditadura da ditadura. As grandes massas operárias a compreendem graças ao poder soviético instalado na Rússia, graças aos espartaquistas da Alemanha e as diversas organizações de outros países, como os Shop

¹ Originalmente publicado em <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1919/03/02.htm>.

Stewards Committees na Inglaterra, por exemplo. Tudo isso demonstro que foi encontrada a forma revolucionária da ditadura do proletariado, que o proletariado já está em condições de aplicar na prática seu domínio.

Camaradas: Creio que depois dos sucessos da Rússia e depois da luta de Janeiro na Alemanha é de singular importância assinalar que também em outros países se abre caminho à vida e adquire domínio a novíssima forma do movimento do proletariado.

Hoje, por exemplo, li em um jornal anti-socialista um comunicado telegráfico sobre o fato de o governo inglês ter concedido audiência ao soviet de deputados operários de Birmingham e expressou sua disposição a reconhecer os soviets como organizações econômicas. O sistema soviético venceu no solo da atrasada Rússia, senão na Alemanha, o país mais desenvolvido na Europa, assim como na Inglaterra, o país capitalista mais velho. A burguesia segue cometendo atrocidades, assassinam aos milhares os operários. A vitória será nossa, a vitória da revolução comunista mundial é certa.

Camaradas: Saúdo-os cordialmente em nome do Comitê Central do Partido Comunista da Rússia, proponho que passemos para a eleição da presidência. Peço a sugestão de nomes.

Rosa Luxemburgo¹

Clara Zetkin

Setembro de 1919

Em Rosa Luxemburgo vivia uma indomável vontade. Dona sempre si, sabia atizar no interior de seu espírito uma chama disposta a brotar quando fizesse falta, e não perdia jamais seu aspecto sereno e imparcial. Acostumada a dominar a si mesma, podia disciplinar e dirigir o espírito dos demais. Sua delicada sensibilidade precisava estar protegida das influências externas. Sua aparente frieza e estrita reserva era a tela detrás da qual se escondia uma vida de sentimentos ternos e profundos; uma grande simpatia que não abraçava somente os seres humanos, mas que abarcava a todos os seres vivos e encarou o mundo como um todo unificado. Quantas vezes aquela a quem chamavam “Rosa, a sanguinária”, toda fatigada e cansada de trabalho, se detinha e voltava atrás para salvar a vida de um inseto perdido entre as plantas! Seu coração estava aberto a todas as dores humanas. Não carecia nunca de tempo nem de paciência para escutar ao que acudiam a ela buscando ajuda e conselho. Para si, não necessitava nunca de nada e se privava com gosto do mais necessário para dá-lo a outros.

Severa consigo mesma, era toda indulgência para com seus amigos, cujas preocupações e aflições a entristeciam mais que seus próprios pesares. Sua fidelidade e sua abnegação estavam acima de qualquer prova. E aquela que era tida como uma fanática e sectária, esbanjava cordialidade, engenho e bom humor quando se encontrava rodeada de seus amigos. Sua conversa encantava a todos. A disciplina que se impunha e seu natural pudor haviam lhe ensinado a sofrer apertando os dentes. Em sua

¹ Originalmente publicado em <https://www.marxists.org/archive/zetkin/1919/09/rosa.htm>.

presença parecia desvanecer-se tudo o que era vulgar e brutal. Aquele corpo pequeno, frágil e delicado abrigava uma energia sem igual. Sabia exigir sempre de si mesma o máximo esforço e jamais fracassava. E quando se sentia a ponto de sucumbir ao esgotamento de suas energias, impunha-se para descansar um trabalho ainda mais pesado. O trabalho e a luta lhe infundiam vigor. De seus lábios, raramente saíam um “não posso”; em contrapartida, o “devo” aparecia todas as horas. Sua delicada saúde e as adversidades não faziam rachaduras em seu espírito. Rodeada de perigos e de contrariedades, jamais perdeu a segurança em si mesma. Sua alma livre vencida os obstáculos que a cercavam.

Mehring tem farta razão quando disse que Luxemburgo era a mais genial discípula de Karl Marx. Tão claro como profundo, seu pensamento brilhava sempre por sua independência; ela não necessitava submeter-se às fórmulas rotineiras, pois sabia julgar por conta própria o verdadeiro valor das coisas e dos fenômenos. Seu espírito lógico e penetrante era enriquecido com a instrução das contradições que oferece a vida. Suas ambições pessoais não contentavam em conhecer Marx, dominar e interpretar sua doutrina; necessitava seguir pesquisando por si mesma e criar sobre o espírito do mestre. Seu estilo brilha lhe permita dar realce a suas ideias. Suas teses não eram jamais demonstrações secas e áridas, circunscritas nos quadros da teoria e da erudição. Repletas de engenho e de ironia, em todas elas vibrava sua contida emoção e todas revelavam uma imensa cultura e uma fecunda vida interior. Luxemburgo, grande teórica do socialismo científico, não incorria jamais nesse pedantismo livresco que aprende tudo na letra de molde e não sabe de mais alimento espiritual que os conhecimentos indispensáveis e circunscritos em sua especialidade; seu grande afã de saber não conhecia limites e seu amplo espírito, sua aguda sensibilidade, levavam-na a descobrir na natureza e na arte fontes continuamente renovadas de gozo e de riqueza interior.

No espírito de Rosa Luxemburgo o ideal socialista era uma paixão avassaladora que tudo atropelava; uma paixão, a par do cérebro e do coração, que a devorava e a instigava a criar. A única ambição grande e pura desta mulher sem par, a obra de toda a sua vida, foi a de preparar a revolução que havia abrir uma passagem franca ao socialismo. O poder viver a revolução e tomar parte em suas batalhas era para ela a suprema alegria. Com uma vontade férrea, com um desprezo total de si mesma, com uma abnegação que não há palavras com que expressar, Rosa pôs a serviço do socialismo tudo o que era, tudo o que valia, sua pessoa e sua vida. A oferenda de sua vida à ideia, não deixou tão somente no dia de sua morte; havia dado pedaço a pedaço em cada sua existência de luta e de trabalho. Por isso, podia legitimamente exigir também aos demais que o entregassem tudo, sua vida inclusive, no interesse do socialismo. Rosa Luxemburgo simboliza a espada e a chama da revolução, e seu nome ficará gravado nos séculos como uma das mais grandiosas e insignes figuras do socialismo internacional.

O lugar de Rosa Luxemburgo na História¹

Tony Cliff

Franz Mehring, o biógrafo de Marx, não exagerou quando chamou Rosa Luxemburgo de o melhor cérebro depois de Marx. Mas ela não contribuiu apenas com seu cérebro para o movimento da classe trabalhadora; ela deu tudo o que tinha - seu coração, sua paixão, sua força de vontade, sua própria vida.

Acima de tudo, Rosa Luxemburgo foi uma socialista revolucionária. E entre os grandes líderes e professores socialistas revolucionários, ela tem um lugar histórico especial próprio.

Quando o reformismo degradou os movimentos socialistas ao aspirar puramente ao “estado de bem-estar”, ao mexer com o capitalismo, tornou-se de primeira importância fazer uma crítica revolucionária a esta serva do capitalismo. É verdade que outros professores marxistas além de Rosa Luxemburgo - Lenin, Trotsky, Bukharin e outros - conduziram uma luta revolucionária contra o reformismo. Mas eles tinham uma frente limitada para lutar. Em seu país, a Rússia, as raízes dessa erva daninha eram tão fracas e finas que um simples puxão foi suficiente para arrancá-la. Onde a Sibéria ou a força enfrentavam todo socialista ou democrata, quem em princípio poderia se opor ao uso da violência pelo movimento operário? Quem na Rússia czarista teria sonhado com um caminho parlamentar para o socialismo? Quem poderia defender uma política de governo de coalizão, pois com quem poderiam ser feitas coalizões? Onde os sindicatos mal existiam, quem poderia pensar em considerá-los a panaceia do movimento operário? Lenin, Trotsky e os outros líderes bolcheviques russos não precisaram se opor aos argumentos do reformismo com uma análise metódica e exata. Tudo o que eles precisavam era de uma vassoura para varrê-lo para o monte de

¹ Tradução: Luciana Genro. Fonte: https://www.marxists.org/ebooks/cliff/rosa_luxemburg-cliff.pdf.

esterco da história.

Na Europa Central e Ocidental, o reformismo conservador tinha raízes muito mais profundas, uma influência muito mais abrangente sobre os pensamentos e estados de espírito dos trabalhadores. Os argumentos dos reformistas tiveram de ser respondidos por superiores, e aqui Rosa Luxemburgo se destacou. Nesses países, seu bisturi é uma arma muito mais útil do que a marreta de Lenin.

Na Rússia czarista, a massa dos trabalhadores não estava organizada em partidos ou sindicatos. Não havia tal ameaça de impérios poderosos sendo construídos por uma burocracia surgindo da classe trabalhadora como no movimento operário bem organizado da Alemanha; e era natural que Rosa Luxemburgo tivesse uma visão muito mais antiga e mais clara do papel da burocracia trabalhista do que Lenin ou Trotsky. Ela entendeu, muito antes disso, que o único poder que poderia romper as correntes burocráticas é a iniciativa dos trabalhadores. Seus escritos sobre o assunto podem servir de inspiração para os trabalhadores nos países industriais avançados e são uma contribuição mais valiosa para a luta para libertar os trabalhadores da ideologia perniciosa do reformismo burguês do que qualquer outro marxista.

Na Rússia, onde os bolcheviques sempre foram uma grande e importante parte dos socialistas organizados, mesmo que nem sempre tenham sido a maioria, como seu nome indica, a questão da atitude de uma pequena minoria marxista em relação a uma organização de massas liderada por conservadores nunca foi realmente um problema. Coube a Rosa Luxemburgo, em grande parte, desenvolver a abordagem correta para essa questão vital. Seu princípio norteador era: fique com as massas durante todo o trabalho de parto e tente ajudá-las. Ela, portanto, se opôs à abstenção da corrente principal do movimento trabalhista, não importando o nível de seu desenvolvimento. Sua luta contra o sectarismo é extremamente importante para o movimento tra-

balhista do Ocidente, especialmente no presente, quando o estado de bem-estar social é um sentimento que permeia tudo. O movimento trabalhista britânico, em particular, tendo sofrido com o sectarismo de Hyndman e o SDF, mais tarde o BSP e o SLP, então o Partido Comunista (especialmente em seu “terceiro período”) e agora outras seitas, pode se inspirar em Rosa Luxemburgo para uma luta de princípios contra o reformismo que não degenera para fugir dele. Ela ensinou que um revolucionário não deve nadar com a corrente do reformismo, nem sentar-se fora dela e olhar na direção oposta, mas nadar contra ela.

A concepção de Rosa Luxemburgo da estrutura das organizações revolucionárias - que deveriam ser construídas, de baixo para cima, em uma base consistentemente democrática - se ajusta às necessidades do movimento dos trabalhadores nos países avançados muito mais do que a concepção de Lenin de 1902-04, que foi copiado e recebeu uma reviravolta burocrática adicional pelos stalinistas em todo o mundo.

Ela entendeu mais claramente do que ninguém que a estrutura do partido revolucionário, e a relação mútua entre o partido e a classe, teriam uma grande influência, não só na luta contra o capitalismo e pelo poder dos trabalhadores, mas também no destino dos este poder em si. Ela declarou profeticamente que sem a mais ampla democracia dos trabalhadores, “funcionários atrás de suas mesas” substituiriam o controle dos trabalhadores sobre o poder político. “Socialismo”, disse ela, “não pode ser decretado ou introduzido por decreto”.

A mistura de espírito revolucionário e claro entendimento da natureza do movimento operário na Europa Ocidental e Central de Rosa Luxemburgo está de alguma forma conectada com seu histórico particular de nascimento no Império Czarista, longa residência na Alemanha e plena atividade tanto no polonês quanto no Movimentos trabalhistas alemães. Qualquer pessoa de estatura menor teria sido assimilada em um dos dois ambientes, mas

não Rosa Luxemburgo. Para a Alemanha, ela trouxe o espírito “russo”, o espírito da ação revolucionária. Para a Polônia e a Rússia, ela trouxe o espírito “ocidental” de autossuficiência, democracia e auto-emancipação dos trabalhadores.

Seu *The Accumulation of Capital* é uma contribuição inestimável para o marxismo. Ao tratar das relações mútuas entre os países industrialmente avançados e os atrasados agrários, ela trouxe à tona a idéia mais importante de que o imperialismo, ao mesmo tempo que estabiliza o capitalismo por um longo período, ao mesmo tempo ameaça enterrar a humanidade em suas ruínas.

Vital, enérgica e não fatalista na abordagem da história, que concebeu como fruto da atividade humana, e ao mesmo tempo desnudando as profundas contradições do capitalismo, Rosa Luxemburgo não considerava que a vitória do socialismo fosse inevitável. O capitalismo, ela pensou, poderia ser a antecâmara para o socialismo ou a beira da barbárie. Nós, que vivemos à sombra da bomba H, devemos compreender esse aviso e usá-lo como um incentivo à ação.

No final do século 19 e no início do século 20, o movimento operário alemão, com décadas de paz por trás dele, mergulhou na ilusão de que essa situação era eterna. Nós, que estamos no meio de uma discussão sobre desarmamento controlado, Nações Unidas, Reuniões de Cúpula, não poderíamos fazer melhor do que aprender com a análise clara de Rosa Luxemburgo sobre o laço inquebrável entre guerra e capitalismo, e sua insistência em que a luta pela paz é inseparável da luta pelo socialismo.

A paixão pela verdade fez Rosa Luxemburgo recuar diante de qualquer pensamento dogmático. Em um período em que o stalinismo em grande parte transformou o marxismo em um dogma, espalhando desolação no campo das idéias, os escritos de Rosa Luxemburgo são revigorantes e vivificantes. Nada era mais intolerável para ela do que se curvar às “autoridades infalíveis”. Como uma verdadeira discípula de Marx, ela foi capaz de pensar

e agir independentemente de seu mestre. Embora captasse o espírito de seu ensino, ela não perdeu suas faculdades críticas com a simples repetição de suas palavras, fossem elas adequadas ou não à nova situação, fossem elas certas ou erradas. A independência de pensamento de Rosa Luxemburgo é a maior inspiração para os socialistas em todos os lugares e sempre. Em consequência, ninguém teria denunciado com mais veemência do que ela mesma qualquer tentativa de canonizá-la, de torná-la uma “autoridade infalível”, líder de uma escola de pensamento ou ação. Ela adorava o conflito de ideias como um meio de se aproximar da verdade.

Durante um período em que tantos que se consideram marxistas enfraquecem o marxismo em seu profundo conteúdo humanista, ninguém pode fazer mais para nos libertar das cadeias do materialismo mecanicista sem vida do que Rosa Luxemburgo. Para Marx, o comunismo (ou socialismo) era “humanismo real”, “uma sociedade em que o desenvolvimento pleno e livre de cada indivíduo é o princípio dominante”. Rosa Luxemburgo foi a personificação dessas paixões humanísticas. Simpatia para com os humildes e oprimidos era o motivo central de sua vida. Sua profunda emoção e sentimento pelo sofrimento das pessoas e de todas as coisas vivas se expressavam em tudo o que ela fazia ou escrevia, seja em suas cartas da prisão ou nos escritos mais profundos de sua pesquisa teórica.

Rosa Luxemburgo, no entanto, sabia muito bem que onde a tragédia humana está em uma escala épica, as lágrimas não vão ajudar. O seu lema, como o de Spinoza, pode ter sido: “Não chore, não ria, mas compreenda”, embora ela própria tivesse a sua cota cheia de lágrimas e risos. Seu método era revelar as tendências de desenvolvimento da vida social, a fim de ajudar a classe trabalhadora a usar suas potencialidades da melhor maneira possível em conjunto com o desenvolvimento objetivo. Ela apelou para a razão do homem ao invés da emoção.

Profunda simpatia humana e um desejo sincero pela verdade, coragem ilimitada e um cérebro magnífico unidos em Rosa Luxemburgo para torná-la uma grande socialista revolucionária. Como sua melhor amiga, Clara Zetkin, escreveu em seu obituario:

Em Rosa Luxemburgo, a ideia socialista era uma paixão dominante e poderosa do coração e do cérebro, uma paixão verdadeiramente criativa que ardia incessantemente. A grande tarefa e a ambição avassaladora dessa mulher surpreendente era preparar o caminho para a revolução social, limpar o caminho da história para o socialismo. Experimentar a revolução, travar suas batalhas - essa era a maior felicidade para ela. Com vontade, determinação, abnegação e devoção para os quais as palavras são muito fracas, ela consagrou toda a sua vida e todo o seu ser ao Socialismo. Ela se entregou totalmente à causa do Socialismo, não só na sua morte trágica, mas ao longo de toda a sua vida, diariamente e de hora em hora, através das lutas de muitos anos... Ela foi a espada afiada, a chama viva da revolução.

**Pensamento e
Ação de Rosa
Luxemburgo**

“O socialismo é inseparável da liberdade e da democracia”¹

Michael Löwy²

Agradeço à Escola Marx por me convidar para esta conversa e estou muito feliz de estar aqui em companhia de Luciana Genro, a quem admiro muito. Como disse a Luciana, eu descobri a Rosa Luxemburgo em 1955, para vocês verem como eu sou velho, aos 17 anos. Descobri seus primeiros escritos e foi uma paixão que durou a vida inteira. Realmente, uma paixão pelo pensamento, pela obra, pela vida e pela figura de Rosa Luxemburgo. Quando, anos mais tarde, eu resolvi aderir à Quarta Internacional, um dos textos que me convenceu disto era um escrito do Leon Trotsky que dizia “a nossa Quarta Internacional tem como referência Lênin e Rosa Luxemburgo”. Encerro aqui o parêntese pessoal.

Bem, eu diria que talvez o traço fundamental, tanto da obra como da vida de Rosa Luxemburgo, é o que eu chamaria de humanismo revolucionário, que atravessa os seus escritos. Seja a crítica do capitalismo como sistema inumano, sistema desumano; a crítica das guerras que o capitalismo provoca; das intervenções imperialistas e colonialistas que são parte do sistema capitalista. Então, este é o primeiro aspecto. Outro, igualmente, é a sua visão do socialismo, sua visão humanista revolucionária do socialismo. Um socialismo que é inseparável da liberdade — por isso nós gostamos do partido que se chama Socialismo e Liberdade. O socialismo é inseparável da liberdade e da democracia.

Em função disso, é verdade que em um certo momento ela critica seus camaradas bolcheviques, Lênin e Trotsky, em uma brochura de 1918 que se chama “A Revolução Russa”, que ela escreveu na prisão. Ela diz: “vocês estão tomando medidas são

¹ Aula de abertura do curso “150 anos de Rosa Luxemburgo: pensamento e ação” da Escola Marx (13 de março de 2021).

² Sociólogo e pesquisador emérito do *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS - França).

perigosas, limitando as liberdades democráticas, isso é um perigo. Claro, as circunstâncias são muito complicadas, eu entendo, mas sem liberdade, sem democracia, é difícil você construir o socialismo”. Agora, isso ela escreveu em um contexto em que era manifesta a sua solidariedade com os bolcheviques. Ela diz: “os bolcheviques salvaram a honra do socialismo internacional, traído pelos reformistas”. E, nesse sentido, ela termina a brochura dizendo: “o futuro pertence aos bolcheviques”. Então é uma crítica, mas é em um contexto de solidariedade com os revolucionários russos.

Esse humanismo revolucionário na crítica ao capitalismo, na visão que ela tem do que é o socialismo, também aparece na vida pessoal dela, nessas cartas de prisão das quais falou a Luciana, que são muito comoventes. São cartas ao seu amor, às suas amigas. São, realmente, documentos profundamente humanos que gerações de militantes revolucionários leram e que fazem parte da cultura revolucionária.

Como disse a Luciana, uma das coisas importantes da Rosa Luxemburgo é a crítica ao reformismo. A sua organização política principal, que era o Partido Social-Democrata da Alemanha, estava contaminada pelo reformismo. Agora, Rosa Luxemburgo não se opunha às reformas. Qualquer reforma que seja favorável aos trabalhadores, nós apoiamos: aumento de salário, o sistema de pensões, o direito de voto (que não existia em boa parte da Alemanha) — nós lutamos por isso. Nós revolucionários, então, lutamos por reformas sociais, democráticas etc. Só que sabemos — diz ela — que para acabar com a exploração, com a opressão, com as guerras, com a desigualdade social, com a injustiça, não bastam reformas, não basta nem acumular as reformas. É preciso uma revolução. É preciso, diz ela, “o martelo da revolução” para quebrar as estruturas do capitalismo, o poder do Estado capitalista. Então essa é a visão dialética da Rosa Luxemburgo. Nós, os revolucionários, somos favoráveis a todas as reformas,

mas sabemos que para resolver os problemas fundamentais da nossa época é necessária uma revolução.

Georg Lukács, que na sua juventude era um grande admirador de Rosa Luxemburgo, no livro “História e consciência de classe”, de 1923, escreve um capítulo sobre a Rosa Luxemburgo. E, nesse capítulo, ele diz uma coisa importante: “a categoria dialética da totalidade é o princípio revolucionário na ciência do conhecimento, e isso se aplica ao marxismo da Rosa Luxemburgo”. E eu diria que, para Rosa Luxemburgo, a totalidade concreta mais importante é o proletariado internacional, a classe trabalhadora mundial. É em função dessa totalidade que ela lutou a vida inteira. Lutou porque para ela o internacionalismo era a bússola para se orientar diante dos conflitos sociais, políticos e diplomáticos.

A bússola era o internacionalismo proletário, o interesse do proletariado internacional. Por isso, em 1914, quando os principais dirigentes social-democratas — não só na Alemanha, mas na França, mesmo na Rússia e em toda a Europa — apoiaram os seus respectivos governos na guerra, Rosa Luxemburgo disse ironicamente: esses social-democratas da guerra substituíram “proletários de todos os países, uni-vos” por “proletários de todos os países, cortem as gargantas uns dos outros, massacrem uns aos outros”. Ela foi um dos poucos, junto com Lênin, Trotsky e outros, que se opuseram categoricamente à guerra imperialista em 1914 e levantaram a bandeira do internacionalismo proletário.

Isso é fundamental para entender o pensamento e a ação da vida dela e o compromisso que a levou à prisão. Rosa ficou presa durante a guerra e quando a revolução derruba o regime imperial na Alemanha em 1918. E quando, em 1919, há uma tentativa revolucionária na Alemanha dirigida pelos revolucionários (espartaquistas, comunistas), da qual Rosa Luxemburgo participa, ela é assassinada. Como nós sabemos, foi morta por bandos paramilitares fascistas, precursores do fascismo, que tinham sido levados

a Berlim, para esmagar a Revolução Espartaquista, pelo ministro social-democrata do governo social-democrata da Alemanha em 1919. Gustav Noske se chama esse criminoso. Então ela passou anos combatendo o reformismo, mas mesmo nos seus piores pesadelos ela não imaginaria que seria um governo social-democrata, dirigido por seus antigos camaradas de Partido Social-Democrata Alemão, que organizaria essa contrarrevolução utilizando os paramilitares e que levaria ao seu assassinato — assim como ao de Karl Liebknecht, de Leo Jogiches e de vários outros.

É importante, porém, insistirmos que o internacionalismo de Rosa Luxemburgo, ao contrário do da grande maioria dos socialistas até a Revolução Russa (com pouquíssimas exceções), não se limitava à Europa. Ela é dos poucos que têm uma visão que abrange o conjunto do planeta e que incluem, nas lutas proletárias e de libertação, os povos colonizados — os povos oprimidos pelo colonialismo europeu ou imperialismo norte-americano. Isto é muito importante, mas pouco conhecido. Quando se fala do internacionalismo de Rosa Luxemburgo, se fala, claro, da posição dela contra a guerra em 1914 etc. Mas se esquecem que ela era solidária, que não só denunciava o colonialismo, como alguns outros socialistas e marxistas faziam, mas ela se solidarizava, apoiava a luta dos povos colonizados contra o colonialismo e o imperialismo.

Vou citar três passagens que acho interessantes deste ponto de vista: ela denuncia, numa conferência em 1911, uma guerra do colonialismo alemão contra um povo africano. Havia uma parte da chamada África Sul-ocidental, colonizada pelo imperialismo alemão, onde eles promoveram uma guerra de extermínio contra um povo negro chamado “herero”, o que Rosa Luxemburgo denuncia. Ela escreve, então: “os herero são um povo negro que viveu por séculos na sua terra e o seu ‘crime’ foi não capitular aos escravagistas brancos e defenderam sua terra contra os invasores estrangeiros, o imperialismo alemão”. Ela se solidariza com essa

resistência do povo negro da África Sul-ocidental contra o colonialismo alemão. Em outro famoso texto dela, chamado “Martinica”, de 1902, ela denuncia todos os crimes do colonialismo ocidental nas Antilhas, nas Filipinas, na China etc. e ela inclusive menciona o imperialismo norte-americano. Rosa escreve que “o Senado dos Estados Unidos, que é um Senado que só se interessa pela cana-de-açúcar, mandou (o governo americano, pelo Senado) canhões e canhões, navios de guerra e mais navios de guerra, milhões e milhões de dólares para Cuba, levando morte e devastação ao povo cubano”. Então ela se solidariza com a resistência do povo cubano contra o imperialismo americano. Acho interessantes estes aspectos porque, quando se fala de Rosa Luxemburgo, não se pensa que ela tomava posição contra o imperialismo americano e Cuba. Tem mais uma última passagem, do “A acumulação do capital”, de 1913: “A acumulação do capital é um processo permanente, quer dizer, não é só no século 16 e 17, que Marx analisava em ‘O Capital’ — é um processo permanente que utiliza, de forma permanente, a força. Não só na sua origem, na sua gênese, mas até hoje a acumulação de capital é um processo que usa de forma permanente a violência, a força. Agora, do ponto de vista das sociedades ditas ‘primitivas’, dos povos colonizados, essa questão é uma questão de vida ou morte, porque eles sabem que o imperialismo, o colonialismo, a acumulação de capital são o fim do seu modo de vida, da sua existência. Portanto, não pode haver outra atitude de sua parte, da parte dos povos colonizados, que não seja a oposição e a luta até o fim. Por isso temos a permanente ocupação das colônias pelos militares, as constantes insurreições dos povos indígenas e as expedições punitivas de todos os regimes coloniais”. É só pensarmos na história da América Latina. Até hoje as comunidades indígenas lutam contra as agressões militares, as multinacionais imperialistas, os bandos de jagunços paramilitares. A história ainda é essa. Então, mais do que nunca, Rosa Luxemburgo fala do que está aconte-

cendo hoje no Brasil e na América Latina.

Um outro aspecto do seu pensamento, no qual eu sempre insisto, é que ela não tinha uma visão economicista, determinista, que prevaleceu muito no marxismo, sobretudo no reformista ou no stalinismo. Esta seria “o socialismo é o resultado inevitável das contradições do capitalismo, do desenvolvimento das forças produtivas ou das leis da economia”. Não, o socialismo depende da ação, da vontade, da organização, da iniciativa do proletariado e da luta. Então não há nada automático, nada inevitável no processo histórico. Ela formulou isso numa frase genial, que aparece em uma brochura chamada “A crise da social-democracia”, de 1915: “socialismo ou barbárie” — é um ou outro.

E o momento em que ela escreve isso era o momento de vitória da barbárie. O socialismo fracassou em 1914, capitulou, e a barbárie da Primeira Guerra Mundial triunfou. Claro, isso voltou a se repetir na história, infelizmente. Nós sabemos que a barbárie não terminou na Primeira Guerra Mundial. Tivemos pior ainda na Segunda Guerra Mundial, com todos os crimes do nazismo, para começar (Auschwitz, por exemplo), mas também os crimes do imperialismo, Hiroshima, a bomba atômica. Então isso é a continuação da barbárie, e nós sabemos que isso também pode ser o futuro. Quer dizer, o futuro depende de nós. Depende do proletariado e dos militantes, dos quais fazemos parte. Então essa escolha, esse “socialismo ou barbárie”, continua sendo atual.

Como eu disse, o internacionalismo é um pouco o coração — o coração vermelho — de Rosa Luxemburgo como militante, como pessoa. Ela sempre manifesta isso nos seus escritos. Em um texto dela, também escrito durante a guerra, ela diz “a minha única pátria, a minha verdadeira pátria, é a Internacional Socialista. Por ela estou disposta a sacrificar tudo, inclusive a minha vida”. Então esse internacionalismo, para ela, é algo que faz parte da sua própria essência como ser humano.

Ele é levado por ela como um elemento do futuro, também. Quer dizer, ela coloca, depois fracasso da Segunda Internacional, a necessidade de uma nova internacional. E ela se preparava para criar, com os outros revolucionários, uma nova internacional (que veio a ser, depois, a Terceira Internacional). Ela não pôde participar porque foi assassinada em 1919, mas nos seus escritos dizia “precisamos de uma nova internacional proletária, socialista, comunista” (a partir de 1919, já se definia como comunista).

Esse internacionalismo, essas mensagens da Rosa Luxemburgo, são extremamente atuais hoje, em 2021. Por quê? Porque nós vivemos no mundo da globalização capitalista neoliberal, em que o sistema capitalista nunca teve uma tal força em escala mundial; quer dizer, praticamente todos os países do mundo, hoje em dia, talvez com exceção de Cuba, estão alinhados com o sistema capitalista. E ele está muito bem organizado, muito bem centralizado, com o Fundo Monetário Internacional, o Banco Mundial, a Organização Mundial do Comércio, etc. Infelizmente, a nossa força — dos trabalhadores, do proletariado, da juventude, das mulheres, dos revolucionários — está muito dispersa.

Claro, existem organizações internacionais (eu faço parte de uma que é a Quarta Internacional), mas nós somos pequenos. Precisamos de uma organização de massas, anticapitalista, do proletariado internacional, e estamos longe disso ainda. Mas temos esperança, e uma das nossas esperanças é que está se desenvolvendo uma nova cultura internacionalista, da qual fazem parte o movimento antineoliberal, o movimento pela justiça global, o movimento dos fóruns mundiais, o movimento da juventude contra a mudança climática — uma série de mobilizações internacionais que fazem parte desta nova cultura internacional.

Mas, para esse novo movimento que está surgindo, em particular na juventude, no qual as mulheres têm papel de vanguarda, é importante levar em conta algumas lições que a obra e a vida de Rosa Luxemburgo nos ensinam. Uma delas é que nosso ini-

migo não é essa ou aquela política do capitalismo — no caso, na nossa época, o neoliberalismo. Claro, nós lutamos contra o neoliberalismo, mas o problema não é substituir o neoliberalismo por um capitalismo mais “bonzinho”, mais regulado. O problema é o próprio sistema capitalista. O problema tem a ver com um sistema que é intrinsecamente perverso — e isso quem diz é o Papa Francisco, que não é um marxista. É um sistema profundamente perverso, para o qual só interessa a maximização do lucro e que, portanto, passa por cima dos interesses não só do proletariado, mas de toda a humanidade. Nosso adversário, então, não é só determinada política da burguesia (como o neoliberalismo) — é o próprio sistema capitalista, com o qual precisamos acabar. Aqui podemos lembrar de uma frase que não é de Rosa Luxemburgo, mas de alguém que admirava muito ela, o Walter Benjamin: “o capitalismo nunca vai morrer de morte natural”. Então não adianta ficarmos esperando ele acabar sozinho. Ele só vai acabar quando houver uma vontade política das massas exploradas e oprimidas de acabar com o capitalismo.

Outra lição de Rosa Luxemburgo é que o capitalismo sempre vai produzir e reproduzir novas guerras, novas intervenções imperialistas: racismo, xenofobia, ditaduras, fascismo — a palavra fascismo ainda não existia na sua época, mas já previa ditaduras militares. Isso vai se produzir e reproduzir constantemente. Faz parte da natureza do sistema. Portanto, claro, nós lutamos contra os regimes fascistas, contra Bolsonaro no Brasil, contra as ditaduras militares etc. junto com todos os outros democratas, mas nós sabemos que, em última análise, para que não haja mais ditaduras, golpes militares, guerras, fascismo, etc. precisamos acabar com o sistema capitalista, porque é ele que produz e reproduz essas formas.

E, por último, eu vou falar de uma questão que não existia na época de Rosa Luxemburgo, mas que implica o internacionalismo: a questão ecológica, a crise ecológica, a mudança climáti-

ca. É uma ameaça sem precedentes na história da humanidade; uma das questões políticas mais decisivas da nossa época, do século XXI, e que na época de Rosa Luxemburgo estava apenas começando. Rosa Luxemburgo tinha uma grande sensibilidade ecológica ou naturalista. Ela tem uma relação muito forte com a natureza, com as flores, as plantas, os animais, os pássaros. Nas correspondências dela constantemente há referências a isso. Em uma carta de prisão ela escreve que vê pela janela da sua prisão um soldado maltratando um animal, um burro ou um cavalo, e ela se identifica com esse animal que está sendo torturado, que está sendo maltratado. Ela também escreve que leu que nos Estados Unidos estão exterminando os búfalos. Isso é um crime. Então ela tinha essa sensibilidade, essa identificação com a vida, com a natureza, mas a questão ecológica não estava colocada da mesma maneira que está colocada hoje.

Mas a lição que ela nos dá é que esse problema, como os outros grandes problemas criados pelo capitalismo, tem que ser enfrentado através do internacionalismo, porque a questão ecológica é uma questão planetária, uma questão global, e não podemos resolver ela em um só país. Temos que enfrentar ela em escala global. Precisamos de uma mobilização sócioecológica que seja internacional. Claro, partindo de lutas que são locais, regionais, isso é evidente. Mas com uma perspectiva que é global, porque o problema, a crise ecológica, não conhece fronteiras. Então a moral da história é, para mim, que o socialismo revolucionário do século XXI — ou, se quiser, o comunismo democrático do século XXI ou, melhor ainda, o ecossocialismo ou o eco-comunismo do século XXI — tem muito a aprender com Rosa Luxemburgo. Não podemos nos construir (essa perspectiva, essa estratégia revolucionária, essa visão de um socialismo com liberdade) sem nos inspirarmos na obra, na herança revolucionária de Rosa Luxemburgo.

Pronto, esse é meu recadinho pra vocês e, mais uma vez, mui-

to obrigado às companheiras e companheiros da Escola Marx. Muito obrigado a Luciana Genro, por me dar essa oportunidade de falar sobre o grande amor da minha vida: Rosa Luxemburgo.

Panorama da vida e da obra de Rosa Luxemburgo¹

Luciana Genro²

Franz Mehring definiu Rosa Luxemburgo como o melhor cérebro depois de Marx. Lukács escreveu na introdução de um dos seus principais livros, **História e Consciência de Classe**, que Rosa Luxemburgo era única discípula de Marx a prolongar realmente a sua obra, tanto no plano dos fatos econômicos, quanto no plano do método. No plano do método, isso significa que ela sempre se situou do ponto de vista da totalidade, que e é o que distingue o marxismo da ciência burguesa. A categoria da totalidade no sentido de que a dominação determinante em todos os domínios é do todo sobre as partes. Essa é uma definição de Michael Löwy, de um livro dele muito interessante³. É a essência do método de Marx que a gente encontra na Rosa Luxemburgo: a dominação determinante, e em todos os domínios, do todo sobre as partes.

Essa consideração de todos os fenômenos parciais como elementos do todo no processo dialético que é apreendido como unidade do pensamento e da história, e é com esse espírito, de buscar a totalidade, que a gente montou esse curso, tentando olhar o conjunto da obra da Rosa, o conjunto do seu pensamento e não só olhar para os seus textos isoladamente. Aqui, vou tentar contar um pouco sobre a vida da Rosa, passear um pouco sobre as obras principais dela e as experiências que ela viveu enquanto militante, tanto na Rússia, na Polônia e principalmente na Revolução Alemã, que é um episódio da história bastante desconhecido, pelo menos para a maior parte dos militantes.

1 Aula de Luciana Genro no curso “150 anos de Rosa Luxemburgo: pensamento e ação” da Escola Marx (20 de março de 2021).

2 Advogada, deputada estadual (RS), fundadora e dirigente do PSOL e do Movimento Esquerda Socialista (MES).

3 Método Dialético e Teoria Política, ed. Paz e Terra.

Vamos começar falando um pouquinho dessa mulher. Vocês imaginem uma mulher de 26 anos, solteira (na verdade ela fez um casamento de fachada para poder conseguir cidadania alemã), ela tinha uma deficiência no quadril – então ela era manca – e ela era judia-polonesa, chegando na Alemanha para militar no partido que havia sido fundado por Marx, por Engels, e cujos herdeiros diretos ainda estavam no comando do partido, ainda eram vivos. Essa mulher é a Rosa. Rosalia Luxemburg era o nome dela, se apresentando para August Bebel, Franz Mehring, Karl Kautsky, os papas da social democracia alemã.

Ela logo se destacou pela sua oratória, que era muito envolvente e sua extrema capacidade política, mas é óbvio que não foi tão fácil para ela chegar à Alemanha nessas circunstâncias. Paul Frölich, um dos biógrafos dela, e que viveu a época junto com a Rosa, foi companheiro de luta dela, relata que havia obviamente resistência, “sobretudo a mulher que ousava se intrometer no ofício de homens, a política. E ao fazer isso, ela não perguntava modestamente a opinião dos práticos mas desenvolvia com atrevimento pontos de vistas próprios e o que era mais grave, expunha argumentos que obrigavam os seus interlocutores a capitular resmungando⁴.”

De onde veio essa mulher? A Rosa veio da Polônia que era um território dominado pela Rússia Czarista, era uma ditadura sangrenta e ainda mais dura sobre os poloneses e sobre os Judeus. Vocês imaginem que na escola, dentro da Polônia, era proibido falar polonês. E os judeus eram fortemente discriminados. A Rosa, portanto, fazia parte de um grupo muito discriminado. Já no ginásio então ela se engaja na militância política, sensibilizada por essa desigualdade, por essa injustiça que ela via no seu país, que ela vivenciava. Keith Evans⁵, em sua biografia em quadrinhos, ilustra esse momento da vida da Rosa na Polônia e que

⁴ Frölich, Paul. Rosa Luxemburgo. Ed. Boitempo, p. 57.

⁵ Evan, Keith. Rosa Vermelha: uma biografia em quadrinhos de Rosa Luxemburgo. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

pode ser resumido em um trecho de um poema que ela escreveu na escola: “Quero carregar a consciência dos ricos com todo o sofrimento e as lágrimas ocultas e amargas”.

Aos 16 anos ela vai embora da Polônia para estudar, porque lá as mulheres não podiam estudar depois do ginásio e ela também já estava visada pela polícia por seu envolvimento na militância política e sob o risco de ser presa. Então ela vai para Zurique, na Suíça, que era um ponto de encontro dos refugiados políticos da Polônia e da Rússia.

Menos de dois anos depois da sua ida para Zurique, ela já era reconhecida como líder teórica do Partido Socialista Revolucionário da Polônia, que depois vai se chamar Partido Social Democrata do Reino da Polônia e da Lituânia. Ela vai ser a principal colaboradora do jornal do partido que era publicado em Paris, inclusive vai para lá durante um período, e continuou sendo a líder teórica e uma das principais dirigentes desse partido até o fim da sua vida.

Lá em Zurique ela vai conhecer o Leo Jogiches, que vai ser o seu camarada de armas pela vida toda e também vai ser o seu amante por vários anos. A gente conhece muito da Rosa pelas cartas que os dois trocaram, ele tem uma grande importância vida dela.

Leo foi fundador do movimento dos trabalhadores de Vilna, na Lituânia, que também era um território da Rússia na época. Inclusive tem uma história interessante que o irmão do Lenin, que foi enforcado em 1881 por ser membro do Narodnaya Volya, grupo de métodos terroristas que havia na Rússia naquela época, tinha ligação a partir de Petersburgo com os círculos estudantis nos quais Jogiches militava na Lituânia.

Eles eram um casal um tanto diferente. A Rosa era uma pessoa alegre e apaixonada pela vida, o Leo era uma pessoa de extremo rigor e disciplina. Ele era de uma família rica, colocava todo o dinheiro da família a serviço da causa. Era aquele tipo

de revolucionário que dormia no chão para se acostumar com a eventualidade de ser preso.

E numa carta para ele, a Rosa chegou a dizer que precisava domá-lo, lixar a ponta dos seus chifres caso o contrário não poderia continuar com ele, porque ele era mal humorado e irritadiço, e que ele precisava ser gentil e tratar bem as pessoas. Imaginem que não devia ser uma relação muito fácil a dele com a Rosa.

Mas a Clara Zetkin, que era uma das melhores amigas da Rosa e também dirigente do SPD, fez um elogio muito interessante ao Leo, dizendo que ele foi “uma dessas personalidades masculinas ainda hoje tão raras, que conseguem conviver em camaradagem fiel e gratificante com uma grande personalidade feminina, sem ver o crescimento e o vir- a- ser dela, como entraves ao seu próprio eu”⁶.

Essa camaradagem não diminuiu mesmo depois que os sentimentos recíprocos amorosos arrefeceram. Aliás, dizer que os sentimentos arrefeceram é o certo eufemismo, pois a ruptura não foi muito tranquila. Mas a Rosa achava, ela disse numa carta, “(...) que o caráter de uma mulher não se mostra quando o amor chega, mas quando termina”⁷. Então, quem se comportou mal na ruptura foi o Leo.

Estranho quando falamos dessas coisas pessoais porque, quando a gente fala de uma mulher a gente conta essas coisas pessoais, dos homens a gente pouco sabe. Por exemplo, sobre o Lenin, poucos sabem que ele tinha uma amante. Além da Nadja que era sua esposa, havia uma amante, Inês Armand, revolucionária francesa casada com outro homem. Mas pouco se fala dos amores dos homens.

Bem, quando a Rosa chega à Alemanha, o país gozava de uma prosperidade bastante significativa, desde o fim da última crise que havia sido em 1873. O padrão de vida dos trabalhadores havia melhorado ininterruptamente, embora não de forma rápida,

⁶ Frölich, Paul. Rosa Luxemburgo. Ed. Boitempo, p. 33.

⁷ Correspondência de Rosa citada em *The Luxemburg Reader*, p. 9.

mas lentamente e de forma contínua. Os sindicatos e as cooperativas eram muito fortes nessa época. O Partido da Social Democracia Alemã (SPD) era o maior partido de esquerda do mundo.

Como surgiu esse partido? Foi o resultado da fusão de dois grupos: o Lassalista e o Marxista. A AGT que era do Ferdinand Lassale e a UATA, de August Bebel e Wilhelm Liebknecht, pai do Karl que conheceremos mais adiante.

A unidade foi feita com programa reformista, inclusive Marx escreve o famoso texto, **Crítica ao programa de Gotha**, que é a cidade onde ocorreu o congresso.

Esse partido surgiu uma década e meia depois da revolução de 1848 que tentou derrubar a monarquia mas foi derrotada. Um partido sem experiência revolucionária. Toda sua atividade era direcionada para a conquista das reformas burguesas que haviam sido abandonadas pela oposição burguesa. A Alemanha era um estado semiabsolutista que tinha apenas formas democráticas superficiais, e perseguia o movimento dos trabalhadores com medidas policiais brutais.

Em 1891 um novo congresso do partido, em Erfurt, votou um novo programa de compromisso entre os revolucionários e reformistas, e nesse congresso o marxismo tornou-se a doutrina oficial do partido. Mas, mesmo se tornando a doutrina oficial do partido, persiste a contradição entre o objetivo final revolucionário e as reivindicações imediatas, o programa mínimo e o programa máximo.

É uma dicotomia entre reformistas e revolucionários que vai acompanhar a teoria e a prática da social democracia desde o seu início e que vai marcar toda a história do SPD alemão, e vai marcar também toda a vida da Rosa Luxemburgo. A vida dela é toda cruzada por seu empenho nessa disputa, no combate ao oportunismo, ao parlamentarismo e a reformismo. Uma luta que ela travou para reforçar a ala revolucionária dentro da social democracia alemã e que durante muitos anos ocorreu em aliança

com Kautsky. Ele é um personagem importante dentro do SPD, e depois eles rompem essa aliança, lá em 1910, que trataremos mais adiante.

Na sua chegada à Alemanha ela mergulha nesse debate do partido, a partir da teorização do Eduard Bernstein, que foi o homem que teorizou pela primeira vez no SPD, a ideia de abandonar a estratégia revolucionária para se concentrar exclusivamente em reformar o capitalismo pela via eleitoral.

Então a Rosa escreve para responder ao Bernstein, o texto **Reforma ou Revolução**, que é um dos textos mais importantes que ela escreveu, uma das contribuições mais importantes da Rosa para a teoria revolucionária. Essa dialética entre reforma e revolução é brilhantemente explicada pela Rosa nesse livro, porque ela demonstra que as reformas substancialmente favoráveis ao povo, são arrancadas a partir de processos revolucionários e não manobras parlamentares, e ela vai mostrar também que o socialismo é uma necessidade histórica, pelas contradições internas do capitalismo que vão levar à barbárie.

Esse conceito de barbárie ainda não aparece nesse texto, mas ela fala do colapso, e depois ela vai elaborar de forma mais clara essa disjuntiva entre socialismo ou barbárie. Muitos analistas falam da Rosa como uma fatalista e determinista por causa desse texto. Por isso precisamos olhar esse texto inserido na totalidade de sua obra, como apontado no começo.

Esse texto alça a Rosa a umas das principais figuras do SPD alemão. Nessa época, a esquerda do partido ainda era uma amálgama, uma junção entre o que depois veio a ser o centro e os chamados radicais, simplificando, entre o Kautsky e a Rosa. Ele como o centro do partido e a Rosa apontada como a radical.

Então nessa época a esquerda estava unida contra o Bernstein que era a ala direita do partido. Rosa tem apoio do Kautsky e eles são vitoriosos no debate. Mas a derrota do Bernstein é formal, pois a ação política do SPD seguia em direção ao reformismo, e

a Rosa está consciente disso, e está disposta disputar os rumos do partido.

Um partido enorme que de fato valia muito a pena disputar. O Pierre Broué descreve assim a força da social democracia alemã:

“Considerada como um mundo, ou uma contrassociedade, a social-democracia alemã, com suas tradições, práticas, e cerimônias, às vezes semelhantes a corpos religiosos, oferecia não só uma atitude política ou um modo de pensamento, mas um modelo, uma forma de viver e sentir. Isso explica por que tendências tão largamente divergentes, como aquelas personificadas por Bernstein e Rosa podiam coexistir na mesma organização.”⁸

A Rosa então ganha esse prestígio ali dentro e passa a escrever sobre política internacional para a imprensa do partido. Era uma época de colonialismo, uma época de guerras, de ataques de países sobre suas colônias e ela ganha fama com os seus belos e incendiários textos.

A imprensa burguesa já tem a Rosa em seu radar e o Frölich cita um jornal burguês de direita que comenta “o povo alemão não compreende por que não se dá um fim ao comportamento impertinente dessa mulher”.

Logo depois em 1889, acontece um debate muito interessante na França. O partido social democrata através do Millerand, entra num governo de coalizão com a burguesia, e a Rosa acompanha de perto essa situação, publica uma série de artigos muito interessantes, brilhantes, que tratam da situação do movimento operário francês em geral e da questão dos governos de coalizão em particular.

Isso pode ser visto no texto **Uma Questão de Tática:**

“A entrada de Millerand no gabinete de Waldeck-Rousseau merece estudo do ponto de vista de táticas e princípios por socialistas estrangeiros e franceses. A participação ativa dos socialistas em um governo burguês é, em qualquer caso, um

⁸ Broué, Pierre. *A Revolução Alemã*. Chicago: Haymarket Books, 2006. p. 16 (tradução minha).

fenômeno que vai além do quadro da atividade usual do socialismo. Trata-se de uma forma de atividade tão justificada e oportuna para o proletariado como, por exemplo, a atividade parlamentar ou de uma câmara municipal, ou, pelo contrário, uma ruptura com os princípios e as táticas do socialismo? Ou ainda, a participação dos socialistas em um governo burguês é apenas um caso excepcional, admissível e necessário em certas circunstâncias, e a ser condenado e mesmo prejudicial em outras?”⁹.

Nessa altura, anos de 1905, Rosa está em disputas com a direção do partido, que era extremamente centralizado e cada vez mais burocratizado e dominado pelo aparato parlamentar e de funcionários pagos, e então escreve **Questões de organização da socialdemocracia russa**, polemizando com o texto de Lenin, **Um passo a frente, dois passos atrás**.

Nesse momento o Lenin está em luta com os reformistas russos, que ficariam conhecidos como Mencheviques, e ele quer moldar o partido para enfrentar o Czarismo como uma arma resistente e centralizada. A Rússia era uma ditadura Czarista, os sociais democratas russos em grande parte, estavam no exílio, muitos na Suíça, e eles tentavam construir o partido assim, quase que de fora do país para dentro.

A Rosa, por outro lado, está na Alemanha, um país economicamente mais desenvolvido, com formas democráticas mais desenvolvidas, tanto é que o partido dela tinha deputados, tinha ação parlamentar, e ela está se digladiando com a direção do seu partido, devido ao seu centralismo burocrático que mencionei antes.

Cada um em uma posição completamente diferente, em conjunturas completamente diferentes. Interessante dizer que o Lenin respondeu às críticas da Rosa feitas neste texto, com um artigo que ele escreveu para a revista da social democracia alemã, e que não foi publicado. E nesse texto o Lenin dizia que não defen-

9 <https://www.marxists.org/archive/luxemburg/1899/07/tactics.html>

dia o que a Rosa dizia ser a posição dele, e que ela teria ignorado o congresso do partido (da social democracia russa), e os fatos da luta interna.

Frölich diz que a Rosa sempre foi defensora do centralismo, mas ressalta que a controvérsia expôs diferentes características entre essas duas personalidades de liderança. Para Frölich, Rosa subestimava o poder da organização, principalmente quando a direção estava sob poder dos seus oponentes, caso do partido alemão. Para ela, o elemento decisivo era a massa, porque era a massa que permitia que o partido fosse além daquilo que a sua direção queria.

Já para o Lenin, o elemento central era o partido, que ele queria moldar enquanto um partido de ação para fazer com que a massa tivesse uma direção e pudesse então fazer a revolução na Rússia. A diferença entre os dois era clara: ela já tinha um partido e enfrentava sua direção burocrática e reformista, e ele tentava pôr de pé um partido revolucionário e ser a sua direção.

Em 1905, aconteceu uma revolução na Rússia, que ficou conhecida depois como “ensaio geral”. E quando falamos Rússia falamos também da Polônia, que era parte desse império russo. Então Rosa vai escrever uma série de artigos e panfletos para o partido polonês, nos quais ela desenvolveu a ideia de que a revolução se desenvolveria além do estágio da democracia burguesa, porque sua liderança cabia ao proletariado e este não ia se deter nas tarefas democráticas burguesas, e iria querer ir além, por exemplo, ia querer conquistar as oito horas de trabalho. Portanto a revolução ou iria terminar no poder dos trabalhadores, ou na derrota completa.

Rosa defendia a fórmula da ditadura revolucionária do proletariado apoiada no campesinato, uma sutil diferença com o Lenin que defendia uma ditadura democrático revolucionária do proletariado e do campesinato.

O Broué conta que a revolução de 1905 na Rússia caiu como

um raio na cabeça da social-democracia alemã. Porque foi feita a partir de greves de massas, conselho de operários, tudo muito radical para esse modelo parlamentarista que vinha sendo implementado no partido alemão. Então, os dirigentes do SPD não gostaram nada desse debate que a Rosa vai trazer para dentro do partido alemão a respeito da greve de massas. Ela vai comprar essa briga no congresso do partido, mostrando a experiência que estava se desenvolvendo na revolução russa. E nesse congresso a decisão do partido foi reafirmar o parlamentarismo e submeter a greve de massas aos interesses eleitorais do partido. Vejam só, como os rumos do SPD estavam indo claramente para o reformismo, o oportunismo parlamentar.

Em final de 1905, em dezembro, que ela consegue chegar a Varsóvia. Ela ficou doente, teve uma série de dificuldades, mas ela chega de carona num trem militar – olha que arriscado – consegue chegar à cidade e o Leo Jogiches está lá também. Todo esse período eles são um casal, embora à distância, por isso tem tantas cartas dela para ele, dele para ela.

Varsóvia está em estado de guerra quando ela chega lá, os trabalhadores ainda estavam em greve geral, mas ela vai terminar sem vitória e a insurreição em Moscou já foi sufocada. Ambos, tanto ela quanto Leo, acabam sendo presos em março de 1906. Rosa fica presa por quatro meses e o partido alemão paga a fiança dela. Ela depois fica meio brava com isso, ela não gosta disso, mas eles, à revelia dela pagam a fiança, até porque ela tinha nacionalidade alemã por causa daquele casamento de fachada. O Leo não, ele é condenado, mas depois foge.

E, quando ela volta de Varsóvia para Alemanha, ela encontra o filho da Clara Zetkin, tomando conta do seu apartamento, e ela acaba tendo um romance com ele por dois anos. É por causa dele que o Leo vai ter um ataque de ciúmes, que o Paul Frölich conta. É o jovem Kostja Zetkin, É nesse momento que a Rosa rompe com o Leo, quando tem esse relacionamento com o Kostja

Zetkin.

Ela vai escrever então **Greve de massas, partido e sindicato**. E tem dois alvos com esse texto. Um dos alvos é o debate com um partido da Polônia, que era o principal adversário do partido dela, e se chamava Partido Socialista da Polônia. Era um partido que defendia métodos revolucionários Blanquistas. August Blanc era um revolucionário francês que defendia métodos terroristas de ação política e a violência individual. Então, ela está polemizando com o PSP nesse texto, ressaltando a importância das massas nessa revolução. Ela não aceita a ideia do partido como um pequeno grupo que comanda tudo. Inclusive, muitos entendem que esse debate que ela está fazendo é com os Bolcheviques, mas na verdade neste texto ela está essencialmente debatendo com o PSP polonês, sobre o Blanquismo e terrorismo.

Daí que vem a caricatura dela como espontaneísta, porque na verdade ela falava das massas em oposição a essa ideia de um partido, de uma minoria, que decide fazer uma ação revolucionária sem ter de fato inserção de massas. Essa é a discussão que ela faz quando ela fala tanto da importância do papel das massas.

O outro alvo do debate dela é que a revolução de 1905 também tem consequências importantes na Alemanha, e a Rosa quer incidir no partido com a política de greve de massas. Este método de luta se demonstrou na revolução de 1905 como uma nova e poderosa arma da classe trabalhadora, só que o SPD não quer nem ouvir falar de greve de massas. E essa política em defesa da greve de massas como um instrumento fundamental da luta política vai acabar levando a uma ruptura mais clara da Rosa com a direção do partido social democrata. Porque eles só estavam interessados na ação parlamentar. Interessante dizer que os sindicatos também, eles eram a ala mais avançada do reformismo. A Rosa era muito mal falada pelos burocratas do movimento sindical.

As transformações na Alemanha e a relativa paz social que

havia na Europa, que só foi interrompida pela revolução de 1905 na Rússia, e também avanços na legislação que foram conquistadas pela social democracia e pelos sindicatos, junto com perspectivas de avanço social, sucesso individual que as organizações dos trabalhadores ofereciam para os membros mais capazes da classe, que se envolviam com o sindicalismo, tudo isso nutria as tendências revisionistas e oportunistas, tanto dentro do partido como nos sindicatos.

Havia um estrato privilegiado da classe trabalhadora e esse estrato era a principal fonte do oportunismo, uma aristocracia operária que tinha mais do que perder além de suas correntes, que é o que Marx diz no Manifesto Comunista, “que a classe operária não tem mais o que perder além de suas correntes”, pois a aristocracia operária tinha mais o que perder.

Em 1907 Rosa vai dar aula de economia na escola da social democracia alemã, inclusive Friedrich Ebert, o dirigente que vai se transformar depois em chanceler da Alemanha, é aluno da Rosa na escola. Segundo ela, um péssimo aluno. Dessas aulas é que vai surgir o livro de economia da Rosa, que depois vai ser publicado em 1913, **Acumulação do Capital** e também um outro livro que é quase que um roteiro das aulas dela, um livro mais didático e bastante interessante (**Introdução à economia política**).

É interessante que a elaboração econômica da Rosa é muito visionária, porque nessa época ainda faltam cinquenta anos para que a palavra globalização seja inventada, mas a Rosa já intuiu essa lógica do capitalismo. Ela escreve na *Acumulação* “o capitalismo tende a engolir todo o globo e extinguir todas as demais economias, pois não tolera nenhum rival a seu lado, no entanto é incapaz de subsistir sozinho”. É muito visionário esse trabalho.

Tony Cliff, na biografia que escreveu sobre a Rosa, afirma: “É seu trabalho teórico mais importante, uma contribuição para a explicação econômica do imperialismo. Esta é, sem dúvida, uma das contribuições mais originais à doutrina econô-

mica marxista desde o *Capital*. O problema central que estuda é de tremenda importância teórica e política: quais são os efeitos da extensão do capitalismo em novos territórios atrasados nas contradições internas que dilaceram o capitalismo e na estabilidade do sistema”.¹⁰

Esse livro foi bastante atacado porque ela busca rever alguns cálculos que o Marx faz e aí os seus críticos se apegam nessa questão para desmerecer o livro, mas hoje já se sabe que esse livro trouxe elaborações muito importantes.

Voltando para a política, a tensão entre Rosa e a direção do partido se acirra em 1910 quando há uma onda de greves por sufrágio universal e Rosa defende a greve de massas como uma política necessária a ser construída pelo partido. Ela participa de comícios defendendo essa política. E um artigo seu, que defende a greve de massas pela república, é interdito pela imprensa do partido, e aí então que ela rompe com Kautsky. Ele defende só a luta parlamentar. Há grandes ações de massas pelo sufrágio em toda a Alemanha, mas o partido não quer defender essa política e Rosa acusa o partido de frear essas ações de massa, ficando isolada dentro do partido, agitando nas bases, e o jornal fica interdito para ela e ela acaba rompendo com o Kautsky.

O Lenin não vai apoiar a ruptura da Rosa com o Kautsky, ele acha que a Rosa está exagerando e o Trotsky também. Tem um biógrafo da Rosa chamado Nettl, que fala de uma carta escrita pelo Trotsky para o Kautsky nessa época, onde ele atribui as posições da Rosa à sua “nobre impaciência”. Nem Trotsky, nem Lenin compreendem a ruptura da Rosa com o Kautsky, porque eles tinham ainda muita confiança nele. Lenin o via como mestre.

A partir desse momento então, o partido não vai ser mais dividido em duas alas, vai ser dividido em três: os reformistas adotando claramente uma política imperialista; o chamado centro marxista que é liderado pelo Kautsky, e a Rosa vai apelidar de ele

¹⁰ Cliff, Tony. https://www.marxists.org/ebooks/cliff/rosa_luxemburg-cliff.pdf

de líder do pântano, que mantém um certo radicalismo verbal, mas se confina cada vez mais aos métodos parlamentares de luta; e a ala revolucionária da qual a Rosa é a principal líder.

Em 1913 a guerra mundial já se desenhava no horizonte e a Rosa participa de grandes agitações antimilitaristas, o que faz com que ela ganhe mais popularidade nessa agitação antiguer- ra, e ela acaba sendo processada pelo próprio ministro da guer- ra, ganha um ódio tremendo dos militares. Isso depois vai ser importante também na morte dela. A base da acusação que ela recebeu, foi um discurso que ela declarou: “Se eles esperam que assassinemos nossos irmãos franceses ou outros estrangeiros, então vamos dizer a eles. Não! Em nenhuma circunstância!”.

No tribunal ela transforma o processo numa luta política, passa de ré a promotora, com seu discurso de defesa que vai ser mais tarde publicado com o título **Militarismo, guerra e a classe trabalhadora**, e é uma das mais fortes condenações socia- listas, revolucionárias do imperialismo e da guerra. Ela vai ser condenada a um ano de prisão, mas o cumprimento da pena é adiado e inclusive ao sair do tribunal ela imediatamente vai para uma reunião de massas no qual ela repete a sua propaganda re- volucionária contra a guerra.

O advogado dela nesse processo é Paul Levi, que também é um dirigente do partido, também vai ter um namoro com ela, e ele vai ter um grande papel no futuro, pois é ele, depois da mor- te da Rosa, que vai publicar o texto sobre a revolução russa. Ele acaba saindo do partido depois da morte da Rosa.

Broué relata que, em 1914, o SPD tinha mais de um milhão de membros, dirigia os grandes sindicatos operários, tinha asso- ciações políticas, culturais, esportivas, cooperativas de crédito, caixas de poupança para construção de moradias, tinha seu pró- prio movimento de mulheres, de juventude, livrarias, clubes de leitura, editoras, jornais, revistas, eram publicados noventa jor- nais diários com 267 jornalistas contratados, o partido tinha 3

mil funcionários e no parlamento nacional tinha 110 deputados, 220 nos parlamentos regionais e 2.286 nos parlamentos locais. Veja o tamanho do partido, a força da social democracia alemã, quando começa a guerra.

A guerra já vinha se desenhando no horizonte, em julho a Áustria declarou guerra à Sérvia, apoiada pela Alemanha, em seguida a Rússia mobilizou também tropas. E aqui tem um episódio interessante que em 29, 30 de Julho, o bureau da II Internacional realiza uma reunião para se posicionar em relação à guerra Austro-Sérvia e ao perigo de uma guerra mundial. E apesar das resoluções anteriores, já há sintomas claros da capitulação ao nacionalismo, especialmente no partido austríaco, pois a Áustria já tinha declarado guerra à Sérvia. Os sintomas do apoio à guerra já estão explícitos.

Frolich relata assim esse episódio:

“Durante as deliberações do bureau, ela olhara o fundo da alma dos líderes dos partidos. Vira na posição de Victor Adler e da socialdemocracia austriaca o sintoma de uma doença que toma a internacional. Mesmo que ainda não vislustrasse toda a catastrophe, ela reconheceu claramente que em sua maioria os partidos não passariam pela grande prova. Por isso perscrutara a massa de gente no audiório que ainda olhava para a internacional cheia de esperança e confiança. Ela ainda poderia falar para aquela massa? Poderia dizer-lhe a verdade que vira, destruir sua confiança e gerar panico? Também lhe era impossível contemporizar com a mentira, fingir confiança, consolidar esperanças nas massas, iludi-la. Foi por isso que calou.”¹¹

Quando estourou a primeira guerra mundial, praticamente todos os líderes do SPD foram arrastados para a maré patriótica. Em 3 de agosto de 1914, o grupo parlamentar da social-democracia alemã decidiu votar a favor dos créditos de guerra para o governo do Kaiser. Quinze deputados manifestaram vontade de votar contra, no entanto, depois de seu pedido de autorização ter

11 Frölich, Paul. Rosa Luxemburgo. Ed. Boitempo, p. 213.

sido rejeitado, submeteram-se à disciplina partidária e em 4 de agosto todo o grupo social democrata votou a favor dos créditos.

Poucos meses depois, em 2 de dezembro na renovação dos créditos, o Karl Liebknecht vai então desrespeitar a disciplina do partido para votar com a sua consciência, e o voto dele foi o único contra os créditos de guerra, na segunda votação.

No mesmo dia daquela primeira votação de 4 de agosto, os deputados da social-democracia se unem então à bandeira do Kaiser em defesa da Alemanha, e um pequeno grupo de socialistas se reúne no apartamento da Rosa e decide lutar contra a política do SPD de apoio à guerra. Esse grupo liderado pela Rosa, tinha o Franz Mehring, a Clara Zetkin, e acabou se transformando na Liga Spartakus, à qual depois Karl Liebknecht vai se vincular. Com relação à Internacional, à II internacional, o “uni-vos uns aos outros” se tornou o “matai-vos uns aos outros”. Os social-democratas se juntam à guerra, dando a sua benção. O vazio das suas declarações sobre princípios, a solidariedade internacional dos trabalhadores, paz e socialismo é exposto.

Olhando do futuro é mais fácil a gente perceber, que o voto no 4 de agosto foi uma consequência lógica da política social-democrata dos anos anteriores. Na época, entretanto, foi um choque. Trotsky conta em **Minha Vida** que Lenin duvidou por um momento que o exemplar do jornal Vorwärts anunciando o voto a favor dos créditos para a guerra fosse verdadeiro, considerando que os militares alemães poderiam ter feito uma edição falsificada.

Grandes manifestações nesta época tomam conta da Alemanha, o povo está iludido com a guerra, estão entusiasmados, achando que estão defendendo a Alemanha. Isso se reflete dentro do partido, o SPD fica dividido, os centristas liderados por Kautsky querem fazer uma oposição interna, mas o Karl Liebknecht não aceita a disciplina e vai para cima dessa posição.

Lembra um pouco, guardadas as proporções, a nossa luta lá

em 2003 com o governo Lula, quando a gente tinha uma batalha política muito forte contra os rumos que o governo, que o PT vinha tomando, e aí tem a votação da reforma da previdência. Tem um grande número de deputados que é contra a reforma da previdência, mas apenas três deputados e uma senadora, rompem a disciplina partidária e votam contra a reforma da previdência. Essas pessoas foram eu, Heloísa Helena, Babá e o João Fontes, que rompemos a disciplina de bancada para votar contra a reforma da previdência, o que acabou dando origem ao PSOL. Claro que guardada todas as proporções, a história é um pouco parecida.

Em outra votação no parlamento em 1915, o partido (SPD) permitiu a abstenção aos rebeldes, o que me lembrou também uma parte daquele grupo dos deputados que era contra a reforma da previdência, aceita se abster da votação para não ser expulso, porque o PT nos avisou que iria nos expulsar. Então a gente sabia que votando contra a reforma da previdência, iríamos ser expulsos. Então teve um grupo que se abstém para não ser expulso, entre eles inclusive, estavam alguns que depois vieram para o PSOL, como o Ivan Valente, Chico Alencar.

Em 1915 o partido permite a abstenção aos rebeldes e 22 se abstém, mas já são 20 que votam contra. Eles são expulsos não do partido ainda, eles são expulsos do grupo parlamentar dentro do parlamento alemão. Já começa uma divisão bem clara dentro do SPD.

Rosa vai ser presa por conta daquele processo lá atrás da agitação antimilitarista, de fevereiro de 1915 a fevereiro de 1916. Neste momento, ela vai escrever um texto muito importante chamado **A crise da social-democracia**, onde ela usa o pseudônimo “Junius”, o texto vai ficar conhecido com essa assinatura.

Nesse texto, ela vai formular o conceito “socialismo ou barbárie”. É um texto contra o delírio bélico, um ajuste de contas com a II Internacional pelo apoio à guerra. Mas esse texto também abre um debate com o Lenin. O Lenin vai escrever um texto chamado

Acerca da Brochura de Junius porque o Lenin acha que o texto da Rosa é um passo atrás em comparação com o artigo que um outro dirigente chamado Otto Rühle, tinha escrito em 1916, em que ele demonstra clara e abertamente a inevitabilidade da cisão do partido social-democrata da Alemanha. Então, Lenin afirma: “Isso é uma espantosa inconsequência, pois na 12ª tese de A Internacional [que é a revista que representava o grupo da Rosa naquele momento] fala-se claramente da necessidade de criar uma nova internacional em consequência da traição e da passagem do terreno da política burguesa imperialista, dos representantes oficiais dos partidos socialistas dos países dirigentes”.

Então aqui vocês vejam, o mesmo Lenin que não apoiou a Rosa quando ela rompeu com o Kautsky, agora está criticando ela porque nesse texto ela não está defendendo a ruptura do partido social-democracia alemã. E o Lenin já está decidido a romper a internacional. Ele vai construir a III Internacional, mas isso vai acontecer um pouco mais a frente.

Agora se abre todo um debate, se deveriam fundar um novo partido ou não na Alemanha. A Rosa e o Leo são decididamente contra romper o partido, mesmo nessas condições. Os bolcheviques defendem a necessidade de uma nova internacional, mas os Spartakistas não querem racha, eles queriam ganhar o partido e não se isolar das massas.

O grande argumento da Rosa e do Leo para não sair do partido é que eles não queriam se isolar das massas. Inclusive em janeiro de 1917 vai haver uma conferência da oposição interna no SPD, essa oposição interna não era somente da Rosa, são 157 delegados, sendo que apenas 35 são Spartakistas. Aí está junto o Kautsky, está o “pântano” como a Rosa chamava. Só que ninguém quer romper o partido.

Mas neste momento explode a revolução de fevereiro na Rússia, o Czar é derrubado. A Rosa está presa, ela só vai sair da prisão em novembro de 1918. O Tony Cliff vai dizer o seguinte sobre

esse momento:

“A revolução na Rússia de fevereiro de 1917, foi a realização da política de Rosa Luxemburgo de oposição revolucionária à guerra e luta pela derrubada dos governos imperialistas. Ferrosamente, ela acompanhou os acontecimentos da prisão, estudando de perto, a fim de tirar lições para o futuro. Sem hesitar, ela afirmou que a vitória de fevereiro não era o fim da luta, mas apenas o seu início. Que apenas o poder dos trabalhadores poderia garantir a paz. Da prisão ela emitiu apelo, após apelo aos trabalhadores e soldados alemães para emular seus irmãos russos, derrubar os junkers e os capitalistas, e assim enquanto serviam à revolução russa, ao mesmo tempo se prevenirem de sangrar até a morte sobre as ruínas da barbárie capitalista”¹².

Vejam que a revolução de fevereiro teve um impacto muito importante na Alemanha. Inclusive os líderes dos sindicatos ligados ao SPD estão atuando fortemente para conter os efeitos da revolução de fevereiro nas fábricas da Alemanha, porque a revolução de fevereiro na Rússia mostrava que era possível sim, aproveitar aquele momento de guerra para enfrentar os governos imperialistas e não para capitular a eles como fez a social-democracia alemã.

Em abril de 1917, esse grupo de oposição interna dentro do SPD é expulso. Eles não queriam romper, mas foram expulsos. Tanto os centristas do grupo do Kautsky, como os chamados radicais do grupo da Rosa, são todos expulsos. Forma-se então um novo partido que vai se chamar USPD, que fica conhecido como Independentes. O SPD fica conhecido como Majoritários e o filhote, digamos, o USPD, fica conhecido como Independentes.

O grupo da Rosa então, vai entrar no USPD, nos Independentes. Eles decidem a entrada de forma a fazer “entrismo”, que significa, eles tinham uma clareza que aquela direção, não era uma direção revolucionária, eles se organizam como um grupo próprio, que vai ser a Liga Spartakus e entram para o USPD, para não se descolar totalmente das massas. E uma parte significativa

12 Cliff, Tony. Rosa Luxemburgo

do que tinham os Majoritários, vai para o partido dos Independentes. Tem um outro grupo chamado Radicais de Bremen (Bremen é uma região da Alemanha), eles não entram, são contra entrar no partido dos Independentes, eles queriam formar um outro partido e então ficam fora.

Na prisão então Rosa vai escrever o texto, **A Revolução Russa**, mas ela não publica o texto. Ele foi escrito no contexto de uma campanha feroz da burguesia e da social-democracia, contra os bolcheviques. Neste momento já ocorreu a revolução de outubro, já temos os bolcheviques no poder. E obviamente que a social-democracia alemã está totalmente contra os bolcheviques, contra a revolução russa.

Na altura que a Rosa escreve o texto, já está acontecendo a guerra civil, a contrarrevolução, tentativas de boicote, de derrubadas dos bolcheviques. Então os bolcheviques são obrigados a tomar certas medidas para conter a contrarrevolução. A social-democracia alemã e a burguesia, associam o grupo da Rosa aos bolcheviques, dizendo que eles queriam impor uma ditadura bolchevique na Alemanha.

Quando estoura a revolução de outubro, a Rosa apoiou os bolcheviques com todo o entusiasmo e os elogia nos mais altos termos, inclusive nesse texto da revolução russa, ela elogia de forma muito clara, apoia totalmente a luta dos bolcheviques. Mas ao mesmo tempo, ela não acreditava que a aceitação acrítica de tudo que os bolcheviques faziam, podia ser útil para o movimento operário alemão. Ela viu claramente também, que se a revolução russa permanecesse isolada, uma série de distorções iriam paralisar o seu desenvolvimento. E, aliás, essa era a posição do Lenin e do Trotsky. A sorte da Rússia dependia da revolução na Alemanha, e é nesse processo que Rosa quer incidir quando ela escreveu esse texto. Mas ela não publica. Ela entrega para o Paul Levi, dizendo que escreveu para convencê-lo daquelas ideias e o texto vai ser publicado somente após sua morte, pelo Paul Levi.

Na Alemanha nessas alturas, temos greves, manifestações que exigem a renúncia do Imperador, se formam conselhos de marinheiros, soldados e operários por toda a Alemanha. Lembrem-se que estamos no meio da guerra, a Alemanha ainda é uma monarquia, comandada pelo imperador, e a Alemanha está sendo derrotada na guerra.

Começa uma articulação interna dentro do exército para a rendição. Só que o exército não quer assumir a responsabilidade pela rendição, então, eles bolam um plano, que depois ficou conhecido como plano “punhalada nas costas”. Esse plano foi elaborado pelo exército alemão para colocar na mão dos partidos a responsabilidade pela rendição da Alemanha.

Eles formam em outubro de 1918, um novo governo encabeçado pelo príncipe Max de Baden, que vai ser um governo de coalizão e o SPD vai entrar no governo. O antigo regime tinha que ser salvo por meio de reformas, criou-se o governo parlamentar liderado pelo príncipe Max, em cujo centro se encontrava Philipp Scheidemann, que era um dos líderes do SPD, um dos Majoritários, com o objetivo de pacificar as massas.

A guerra está se arrastando, e o almirantado acredita na tese de que ainda podiam ganhar a guerra, porque o plano “punhalada nas costas” tinha esse sentido de dizer que os partidos queriam a paz, mas a Alemanha não estava perdendo a guerra. Então esse almirantado, acredita nessa tese de que ainda podia ganhar a guerra e decide apostar todas as suas fichas numa última batalha. Só que os marinheiros não aceitam ir para o abate e revoltam-se. Há uma revolta dos marinheiros e eles são presos por insurreição. E a reação à prisão dos marinheiros é insurreição por toda parte. Conselhos revolucionários de soldados e dos trabalhadores, acabam tomando o controle da cidade de Kiel, e as tropas da infantaria são enviadas, só que as tropas se convertem à causa, porque todo mundo quer a paz, ninguém aguenta mais a guerra.

Sebastian Haffner, em um livro muito bom sobre a história da Revolução Alemã, relata assim esse momento:

“A necessidade era sufocar a revolução – isso significava conceder a ela uma vitória aparente, deixar que ocupasse determinados posições de poder para em seguida captura-la. Dito concretamente, o imperador precisaria abdicar, o governo que era meio social democrata precisaria se tornar completamente social democrata e o chanceler do Reich precisava se chamar Friedrich Ebert. Assim, a tarefa de Ebert era mandar a revolução aparentemente vitoriosa para casa”¹³.

Então, em 9 de novembro, Berlim entra na onda revolucionária e o Kaiser abdica. Haffner novamente descreve o momento:

“Que abdicasse ou não, que fosse para Spa ou para Holanda, desde a manhã do dia 9 de novembro que o operariado de Berlim se colocou em movimento e as tropas se aliaram ao SPD, essas decisões já não tinham mais o poder de influenciar os acontecimentos. Desde essa manhã, o defensor dessa antiga ordem, já não era mais o Imperador, era Ebert. E na tarde desse dia 9 de novembro, diferentemente do que havia acontecido com o príncipe Max de manhã, Ebert já não tinha mais tempo de se preocupar com o Imperador, ele tinha preocupações completamente distintas, porque nessa tarde a revolução ameaçava passar por cima de Ebert”¹⁴.

Ocorrem mobilizações em Hannover, Frankfurt, Munique, e em 9 de novembro as massas saem às ruas em Berlim por pão, paz e liberdade, a mesma palavra de ordem da Revolução Russa. Aliás, na Rússia, era “pão, paz e terra”. Neste dia, Scheidemann (líder dos majoritários) vai proclamar a república.

Scheidmann faz um relato desse momento nas suas memórias dizendo assim:

“Ele (Ebert), bateu o punho na mesa – Isso é verdade?, quando lhe respondi, que isso não era apenas verdade, mas como evidente, ele fez uma cena diante da qual fiquei parado como se estivesse diante de um enigma, – Você não tem direito de proclamar a República!, disse Ebert. – O que a Alemanha viria a ser, uma república ou algo diferente, isso decide uma constituinte”¹⁵.

¹³ Haffner, p. 108.

¹⁴ Haffner, p. 120.

¹⁵ Haffner, p. 116.

Então a constituinte era a política da social-democracia alemã para sufocar a revolução e tirar o poder dos conselhos que haviam se espalhado por todas as cidades.

No mesmo dia Karl Liebknecht proclama a República Livre Socialista da Alemanha. Haffner em seu livro, conta o episódio assim:

As 4h da tarde alguém gritou a palavra de ordem: ao palácio. Meio hora depois o palácio real estava ocupado e KL apareceu na varanda, e proclamou a república pela segunda vez neste dia, mas agora proclamou a república socialista. Sua voz solene, como o canto de um pastor, ecoava pela praça onde a multidão se amontoava cabeça com cabeça. E ele finalizou: “Quem de vocês que quiser ver a realização da república livre socialista da Alemanha e a revolução mundial, levante a mão em juramento. Todos juraram”¹⁶.

Não vai ser bem assim que vai acontecer. Mas nessa noite, a Rosa vai ser libertada, finalmente ela vai sair da prisão. Quem assume a chefia do governo, é Friedrich Ebert, que é presidente do SPD e que foi aluno da Rosa lá na escola de economia, e que a Rosa tinha falado muito mal dele, dizendo que era um péssimo aluno.

Ele era um cara muito bitolado, o Haffner (2018) descreve o Ebert como um cara típico burocrata, extremamente organizado, extremamente autoritário. O Ebert assume o governo em nome do partido da social-democracia alemã, o poder passa a ser exercido por uma coalisão de partidos operários.

Os majoritários (SPD) junto com os Independentes (USPD) que também entram para o governo, em uma decisão que é ratificada pela assembleia do conselho dos trabalhadores e soldados. Havia um poder duplo na Alemanha nesse momento. Os Spartakistas são contra a entrar no governo, mas os conselhos decidem entrar, decidem avalizar a entrada dos partidos operá-

¹⁶ Haffner, p. 127.

rios no governo.

Muda completamente a situação da Alemanha: em 7 de novembro havia um imperador, um príncipe como chanceler, no dia 10 havia um conselho de comissários do povo e um comitê executivo desses conselhos. Esse é o novo desenho do poder na Alemanha.

Ebert e Ludendorff, que é o chefe das Forças Armadas herda-do do antigo regime, juntos tramam contra os conselhos operários. Ambos querem acabar com os conselhos e Ebert quer convocar uma constituinte.

Mas é claro que os majoritários estão com amplo apoio popular, há uma grande alegria pelo fim do império. A revolução derrubou o império!

Então, o Conselho dos comissários do povo fixa para 19 de janeiro uma assembleia constituinte. O que acontece neste momento é que os próprios conselhos se suicidam, porque eles se viam como transitórios para a república parlamentar, deixando que o governo tome as iniciativas. Obviamente que a Rosa não compartilha dessa política, mas quem tem controle dos conselhos são os Majoritários da social-democracia, os Independentes também tem muita força e os Spartakistas são fracos, são pequenos, está isolada a extrema esquerda no interior desse movimento de novembro de 1918 que derruba a monarquia.

Nesse momento então a Rosa está fora da prisão, e ela passa a editar e a escrever diariamente para o Rote Fahne, que é o jornal da Liga Spartakus. E ela escreve um texto muito importante, **O que quer a Liga Spartakus**, que reflete a disputa que ela está fazendo com a política da social-democracia alemã, naquele momento da revolução.

Então qual é a proposta da Rosa e da liga Spartakus: abolir a aristocracia; confiscar toda a riqueza acima de certo nível; usar esse recurso para reformar os sistemas de alimentação, habitação, educação e saúde; renegar a dívida nacional e os emprésti-

mos de guerra; nacionalizar os bancos, as minas e a indústria; assumir o sistema de transporte público; ocupar as grandes propriedades rurais, explorá-las coletivamente; jornada de trabalho de 6 horas; igualdade jurídica e social entre os sexos; Tudo dirigido pelo conselho de trabalhadores e soldados que elegerá um comitê executivo. Ela está contra a proposta da constituinte, ela quer que o conselho dos trabalhadores e soldados dirija o país.

No finalzinho de dezembro, em 1º de janeiro, ocorre a fundação do KPD, o Partido Comunista da Alemanha. O que aconteceu foi que o partido que a Rosa estava fazendo entrismo, que é o USPD, os Independentes, está dentro do governo, e aí não dá mais para ficar no partido que está no governo com uma política capituladora. Então eles fundam o KPD que vai ser o Partido Comunista Alemão.

Tem muita dúvida da Rosa a respeito da fundação desse partido, inclusive o Leo é contra até o fim, ele vai votar contra a fundação do partido. A Rosa vai ser convencida pelo Radek, que é um alemão-russo que tinha muita relação com os bolcheviques. Ele convence a Rosa que tinha que fundar o partido.

Na fundação do KPD vem outros grupos também, além dos spartakistas. A política do partido de boicotar a constituinte é aprovada contrariamente à vontade da Rosa. Ela foi contra a constituinte, só que quando ela foi convocada, ela defende que o partido participe, que apresente candidatos e vá para dentro da assembleia constituinte apresentar as suas propostas. Mas, essa proposta é derrotada, e isso reforça no Leo a convicção de que a fundação do partido havia sido precipitada.

Veja o que o Pierre Broué diz a respeito desse momento:

“Uma minoria revolucionária estava radicalizada. Parte dela se reagrupou em trono da Liga Spartakus. Membros da classe trabalhadora que s a força dominante da social democracia e a burocracia sindical havia os tornado contra qualquer forma organizativa, ativistas pacifistas que viam seu maior inimigo no staff do partido socialdemocrata, pessoas jovens que acreditavam apenas na força das armas, rebeldes lutadores, puristas que viam o principal obstáculo

para a vitória da revolução no aparato burocráticos – todos eles fascinados pela revolução russa. Eles sabiam pouco sobre a longa experiência dos bolcheviques, e para eles bolchevismo era resumido na insurreição armada e o uso da violência revolucionária como a cura para todos os problemas da violência militarista e imperialista. Em 1920 Paul Levi descreveu a composição da Liga Spartakus no segundo congresso da internacional comunista: grupos que haviam se formado no curso da luta revolucionária em toda a Alemanha, na sua maioria sem ideias políticas claras, a maioria atraída pelo nome de KL, grupos de pessoas que nunca haviam se organizado em um nível político antes”.

Rosa está à frente de um grupo de pessoas bem intencionadas, revolucionários da mais alta estirpe, porém, extremamente ingênuos no sentido que, enxergavam a revolução bolchevique de longe, apenas como uma experiência de tomada de poder e não de uma longa experiência de ganhar apoio no movimento de massas e dentro dos conselhos. Porque os bolcheviques tomaram o poder, mas na verdade quem tomou o poder foram os conselhos, os soviets e não os bolcheviques. Então havia muita pouca informação a respeito de toda essa trajetória dos bolcheviques até a tomada do poder. Esse grupo da Rosa que forma o KPD, que forma o partido comunista tem esse perfil.

Neste momento então, os Independentes saem do governo e a saída, segundo Broué (2006), dos ministros Independentes, resultado da radicalização das massas em Berlim, foi um fator que acelerou o processo e empurrou os majoritários para uma maior dependência dos militares.

Então essa coalizão governamental se rompe, esse mito da social-democracia governando unida, e os conselhos decidem entregar o poder para o governo. Diz o Broué:

“A ruptura da coalizão governamental e o fim do mito da unidade, assim como o suicídio dos conselhos no seu próprio congresso deixou os trabalhadores de Berlim como nada mas sua armas e um agudo sentimento de perigo iminente para o qual eles não viam solução imediata”¹⁷.

17 Broué, p. 236.

Não havia um partido bolchevique para abrir a perspectiva de luta, ou para liderar um recuo depois das dificuldades, das primeiras manifestações armadas. Os trabalhadores de Berlim começam a fazer diversas manifestações armadas reivindicando as suas necessidades, as suas propostas de paz inclusive, porque a paz ainda não havia sido estabelecida e não tinha um partido para liderar esse processo.

A contrarrevolução tinha o que os revolucionários não tinham, que era uma liderança capaz de analisar a correlação de forças e uma força treinada e disciplinada, e o líder dessa contrarrevolução, era o Gustav Noske: “Um de nós tem que ser o carniceiro”, ele declarou.

É ele quem vai comandar as Freikorps, que são os militares que haviam perdido o seu emprego e estavam organizados de forma independentes e de forma geral financiados por capitalistas. E esse Gustav Noske, que era da social-democracia, vai assumir esse papel de carniceiro.

Neste momento vai ter um episódio que é a demissão do chefe de polícia de Berlim (Emil Eichhorn), que era vinculado aos Independentes. Ele é demitido, mas se recusa a sair porque diz que foi colocado lá pelos conselhos e que não iria sair. Então centenas de milhares vão para as ruas para apoiar esse chefe de polícia que o Ebert quer retirar de Berlim, porque é o foco da revolução, é o foco da confusão. E ele tinha se comprometido com o Ludendorff que iria acabar com a confusão, então ele tinha que tirar esse cara que estava sendo leniente com os revolucionários para abrir caminho para as Freikorps, comandadas por Noske, para esmagar os insurgentes.

Uma monumental manifestação a favor do chefe de polícia acontece, que se transforma na verdade numa manifestação contra o governo e sob a influência dessa manifestação se reúnem dirigentes dos Independentes, os delegados revolucionários de Berlim, que era um outro grupo que tinha muita força dentro

dos metalúrgicos e a maioria dele estava ainda dentro do partido dos independentes e o Karl Liebknecht com um outro dirigente do KPD que se chamava Pieck. Eles estão participando dessa manifestação à revelia da direção do próprio KPD e da própria Rosa.

Broué relata assim:

“Quando Karl Liebknecht foi libertado ele concordou em participar como porta voz dos Independentes(USPD) e a participar das reuniões do seu comitê executivo. A razão desta atitude é simples: ele acreditava que os spartakistas não tinham condições para intervir na indústria – o território no qual a batalha decisiva estava sendo travada. Esta é a razão pela qual ele e Pieck escolheram integrar-se no núcleo que formava a liderança real da classe trabalhadora em Berlim, os delegados revolucionários, cuja maioria eram membros do USPD”¹⁸

Eles acreditavam que tinham as guarnições berlinenses ao seu favor e decidem resistir à exoneração do chefe de polícia, e tentar destituir o governo Ebert.

Ocorre a ocupação do jornal da social-democracia, dos Majoritários, o *Volwärts*. Ocupam outros jornais, ocupam gráficas, ocupam a casa da moeda. Depois uma investigação do parlamento prussiano vai revelar que as ocupações tinham sido dirigidas por delatores do comando de polícia e por provocadores. Essas ocupações dão um argumento democrático para sustentar a repressão, que é a liberdade de imprensa.

Frölich analisa assim esse episódio, essa tentativa de derrubar o governo, que ficou conhecida como levante de janeiro, levante Spartakista:

“A iniciativa desta luta decisiva partira, portanto, da contra revolução. Mas a classe dos trabalhadores tinha alguns trunfos poderosos na manga. Ainda possuía armas e vontade de lutar. Uma ação planejada provavelmente teria arrastado com ela os regimentos berlinenses que haviam se declarado neutros. Uma luta de rua intensa e sabiamente organizada teria sido um desafio para os militares. A vitória em Berlim não era impossível, mas havia perigos por trás dessa vitória, na demora do movimento no interior. A derrota em

¹⁸ Broué, p. 192.

Berlim foi selada pelo fracasso da liderança.”

Vejamos só que Frölich entendeu que era possível vencer mas que a derrota se deu porque não houve uma liderança capaz de conduzir esse momento.

O que dizia a Rosa Luxemburgo? Ela queria assegurar o caráter defensivo da luta, a situação na visão dela não parecia madura para uma luta pelo poder político. O KPD conquistara simpatia, mas ainda não era uma liderança reconhecida pela classe e não estava pronto para organizar as tarefas monumentais da luta pelo poder. Ela insistiu nas palavras de ordem de desarmamento da contrarrevolução, armamento do proletariado, unificação das tropas fiéis à revolução, novas eleições para os conselhos, para derrubar o governo com esses fundamentos revolucionários e transformar os conselhos em verdadeiros centros de ação.

A Rosa então não concordou com a linha do Karl Liebknecht. O seu ímpeto, diz Frölich, o ímpeto do Karl, o levará longe demais, ele era um instigador audacioso mas não um estrategista de raciocínio frio. Ele agiu sem o conhecimento da direção do partido, e tem uma clássica pergunta que a Rosa faz, reproduzida em vários textos e análises dessa história: “Karl e o nosso programa?”

Mas essa narrativa de que houve um golpe Spartakista, servia aos interesses da social-democracia alemã para mostrar que eles estavam tentando evitar que os Spartakistas instituísem uma ditadura bolchevique na Alemanha.

Essa é a explicação que os majoritários, que estão no poder, dão para sustentar a contrarrevolução que vai ser liderada pelo Noske.

O governo social-democrata faz aliança com as forças do antigo regime, o exército, para deixar os Freikorps agirem e inclusive incitar o assassinato da Rosa e do Karl. No próprio jornal oficial da social-democracia alemã, saíram textos incitando o assassina-

to da Rosa e do Karl Liebknecht.

Então, em 15 de janeiro de 1919, Rosa é assassinada no bojo dessa repressão à insurreição de janeiro. O assassinato dela e de Karl é rodeado de mentiras. Eles mentem que ela foi atacada por uma turba, que foi espancada até a morte e seu corpo desaparecido. E que Karl teria tentado resistir a prisão e fugido, mas tudo mentira, eles foram executados. E o corpo dela foi jogado no rio e só foi resgatado semanas depois.

Vejam o que foi publicado num jornal de direita:

“Sangue clamava por sangue. O banho de sangue pelo qual Liebknecht e Rosa Luxemburgo eram responsáveis clamava por castigo, este não tardou e no caso de Rosa foi cruel, mas justo. A galicana foi espancada até a morte. A temível e toda poderosa cólera popular exigia vingança”.

Philipp Scheidemann, antigo companheiro de partido e ministro do governo, escreveu assim: “foram vítimas da sua própria tática terrorista e sanguinária. A derrota do levante spartakista significa para o nosso povo e, em particular, para a classe operária, um ato de salvação, que perante a história, tínhamos o dever de realizar”.

Anos depois um cidadão chamado Pabst, Oficial do Estado Maior de divisão da cavalaria, vai confessar que foi o assassino da Rosa.

Vou terminar lendo um trecho deste último artigo que a Rosa escreveu, que se chama **A Ordem Reina em Berlim**, onde ela faz um balanço dessa derrota, ela já sabia que o levante estava sendo derrotado, mas ela se recusou a fugir. E nesse texto ela diz assim:

“Dessa contradição, numa fase inicial do desenvolvimento revolucionário, entre o agravamento da tarefa e a falta de condições prévias para sua solução, resulta que as lutas isoladas da revolução acabem formalmente em derrota. Mas a revolução é a única forma de ‘guerra’ em que a vitória final só pode ser preparada por

uma série de derrotas. (...) A Comuna de Paris terminou em uma derrota terrível. O caminho do socialismo – levando em consideração as lutas revolucionárias – está inteiramente pavimentado de derrotas. (...) Onde estaríamos hoje sem essas derrotas, das quais extraímos experiência histórica, conhecimento, poder, idealismo? Nós nos apoiamos precisamente nessas derrotas, sem poder prescindir de nenhuma delas, pois cada uma faz parte da nossa força e de nossa clareza de objetivos. (...) A direção fracassou. Mas a direção pode e deve ser novamente criada pelas massas e a partir delas. As massas são o decisivo, o rochedo sobre o qual se estabelecerá a vitória final da revolução. As massas estiveram à altura, elas fizeram dessa derrota um elo daquelas derrotas históricas que constituem o orgulho e a força do socialismo internacional. E por isso a vitória florescerá dessa derrota.”

Essa análise me lembrou muito o Alain Badiou, analisado pelo Roberto Robaina na sua tese de doutorado, na qual ele afirma que

“(...) os fracassos experimentados nas tentativas de construção de um novo mundo, de um projeto de emancipação, devem servir para que se façam balanços das razões deste fracasso, mas jamais devem levar a abandonar o empenho em novas tentativas. Diante do fracasso da implementação de uma ideia verdadeira, tentar de novo é o nosso dever”.

Referências bibliográficas

BROUÉ, P. *The German Revolution, 1917-1923: Historical Materialism*. Haymarket Books, 2006.

CLIFF, T. *Rosa Luxemburg*. ISTPART, 2009.

EVANS, K. *Rosa Vermelha: uma biografia em quadrinhos de Rosa Luxemburgo*. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

FRÖLICH, P. *Pensamento e Ação*. São Paulo: Boitempo, 2019.

HAFFNER, S. *Revolução alemã, A (1918-1919)*. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

LUKÁCS, G. História e consciência de classe: Estudos sobre a dialética marxista. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LUXEMBURGO, R. A Acumulação do Capital. Nova Cultural, 1985.

LUXEMBURGO, R. Camarada e Amante. Paz e Terra, 1983.

LUXEMBURGO, R. Centralismo Democrático. Temas, 1971.

LUXEMBURGO, R. Greve de Massas, Partido e Sindicatos. Kairos, 1979.

LUXEMBURGO, R. Reforma ou Revolução?. Revista Movimento, 2019.

LUXEMBURGO, R. Reforma, revisionismo e Oportunismo. Laemmert, 1970.

NETTL, J.P. Rosa Luxemburg: The Biography. Verso; Illustrated, 2019.

TROTSKY, L. Minha Vida. Usina Editorial, 2017.

As contribuições de *Reforma ou Revolução?*, obra de Rosa Luxemburgo

Camila Souza¹

Quando Rosa Luxemburgo escreveu esse clássico da teoria revolucionária, ela tinha 28 anos. Se já não fosse surpreendente pelo seu conteúdo, a obra reforça que mesmo tão jovem Rosa já dominava com maestria o marxismo de Marx, transitando da economia política até a teoria das revoluções, da luta de classes, e que tal convicção lhe dava força e coragem para enfrentar de igual para igual os grandes nomes (homens) da II Internacional e de seu partido o SPD - Partido Social Democrata Alemão.

“Reforma ou Revolução?” é uma obra que vai rejeitar o oportunismo a partir da desconstrução de cada um de seus argumentos e postulados. A autora afirma que primeiro o oportunismo tentou ignorar a teoria marxista e seus ensinamentos para as políticas do partido, mas logo depois passou a tentar desacreditá-la. Dessa forma, a teoria de Bernstein veio como uma busca pela legitimação científica do oportunismo que já estava presente nos debates e práticas internas. E é quando esses desvios se traduzem na prática que precisam ser ultrapassados pela experiência e combate decidido do próprio movimento. E é para contribuir nesse sentido que Rosa escreve estes textos que conformam o livro.

À época o desenvolvimento do capitalismo na Alemanha era terreno fértil para o revisionismo. Superando as crises que marcaram a segunda metade do séc. XIX, vivia-se um período de ganhos materiais expressivos para a classe operária. Zinoviev vai trazer a expressão “aristocracia operária”, cujo objetivo era a busca pela ordem e paz, pela defesa do status quo social. Tal contexto explica que o oportunismo não foi uma invenção individual,

¹ Mestranda em Sociologia e Antropologia (UFRJ), da Coordenação Nacional do Juntos! e da Escola Marx.

mas produto de condições sociais objetivas, por onde se forjavam as relações e o crescimento do SPD.

Rosa vai nos conduzir a compreender que todos os componentes da teoria de Bernstein já estavam presentes em sistemas anteriores ao socialismo científico, e que por este já haviam sido superados. Portanto, poderíamos concluir que o que estava em jogo não era uma disputa entre por quais caminhos as reformas poderiam nos conduzir a uma revolução, mas um completo abandono da revolução como estratégia e do socialismo como uma necessidade histórica objetiva. A consequência na orientação prática é que não se deve visar mais a conquista do poder político pela classe trabalhadora, pois o socialismo viria por uma “extensão gradual do controle social da economia e pelo estabelecimento de um sistema de cooperativas”. Ou seja, o socialismo não seria uma ruptura revolucionária, mas um processo de desenvolvimento paulatino dentro da própria estrutura capitalista.

Assim, a autora discorre evidenciando que o revisionismo tinha dois fundamentos, um político expresso na concepção de Estado e por consequência, de democracia, e outro econômico expresso no absoluto abandono dos princípios do socialismo científico, que se traduziam na política para os sindicatos e as cooperativas.

Recorrendo a trechos e citações presentes na obra, vamos desenvolver um diálogo com ela para apresentar os principais argumentos que sustentam a luta de Rosa contra o oportunismo.

O Socialismo como necessidade histórica

Encantado pela elasticidade que o sistema capitalista possui e que lhe confere certa capacidade de superação de suas próprias crises, Bernstein vai defender que a realização do socialismo pode encontrar apoio nos fundamentos econômicos que são base do capitalismo. Para ele os chamados “fatores de adaptação”, que são, por exemplo, as fusões que formam as organizações patro-

nais, o crédito, o aperfeiçoamento dos meios de comunicação, são caminhos que permitem a superação e até mesmo a anulação das contradições e assim salvam o sistema, e ainda permitem uma contínua elevação do nível de vida da classe operária.

Percebe-se como a teoria revisionista não nega que existam graves contradições no interior do desenvolvimento capitalista, mas dialoga com a existência delas buscando provar que é possível atenuá-las, corrigi-las ou mesmo dominá-las a favor dos interesses da classe operária. Bernstein chega a defender que através da socialização da produção proporcionadas pelas fusões, e com os sindicatos tendo um papel de controle social da produção, seria possível avançar em uma regulamentação que colocasse fim à anarquia e desse condições de prevenção aos possíveis erros e desordens que levam às crises.

Na ideia dessa ação socializante progressiva da economia, os direitos do proprietário poderiam ser reduzidos cada vez mais a uma mera condição de administrador. E é aqui que o oportunismo vai revelando seu abandono da lei do valor-trabalho e por consequência das relações entre capital e trabalho. Bernstein enxerga o capitalista como um indivíduo, e não como uma categoria social. Os antagonismos de classe são reduzidos a antagonismos entre ricos e pobres. Transfere-se a compreensão das relações de exploração presentes na base da produção para o campo das relações entre fortunas.

Assim, a orientação política do partido, segundo os oportunistas, passa a se resumir a uma busca pela redução do lucro do capitalista que permitiria por consequência o enriquecimento dos operários. O horizonte de luta pelo fim da propriedade privada dos meios de produção e a conquista do poder político pela classe trabalhadora passam a ser uma utopia, uma abstração. Há, portanto, uma alteração na estratégia da luta, que passa a não ser mais contra o modo de produção capitalista em si, mas apenas contra o modo de repartição da riqueza capitalista.

Todas essas ideias encontram vazão através da materialidade de que havia uma elevação do nível de vida da classe operária em curso no país à época, e por consequência uma busca em defender essa estabilidade. E assim, a construção do socialismo vai deixando de lado suas bases científicas, para se adaptar a noções morais de justiça.

Entretanto, a realidade é implacável e o desenvolvimento do capitalismo evidenciou que todos os aspectos que Bernstein chamou de “fatores de adaptação” apesar de darem uma elasticidade ao sistema, também atuaram como elementos corrosivos que agudizaram contradições e levaram a novas e maiores crises. Evidenciando que “as crises não são desordens frutos de erros, são manifestações orgânicas inseparáveis do conjunto da economia capitalista”.

Hoje estamos diante de um cenário de crise total, econômica, política, social, ambiental e agora sanitária. Como Rosa afirma, “a essência da tática revolucionária consiste em reconhecer a tendência do desenvolvimento e daí transpor as suas consequências últimas para a luta política”. Bernstein não elaborou de modo a superar as contradições, mas utilizou uma tática de adaptação à economia capitalista.

Aqui parece útil relembrar como reagiu Lula ao ser questionado sobre como a crise econômica de 2008 poderia chegar ao Brasil, o ex-presidente da República disse que seria uma marolinha. Diante disso, a orientação petista não esteve armada na linha da mobilização permanente em defesa dos interesses dos trabalhadores, e sim pela conciliação, por governar com a burguesia, ou seja, por ser governado pelos interesses dela. Foi assim, que vivenciamos a experiência de que sem mudanças estruturais, em momentos de crise como essa que vivemos, cada conquista ganha em tempos anteriores pelos trabalhadores, por menores que sejam, passam a ser questionadas e eliminadas.

Nossos desafios atuais devem beber dessas lições. Quase 20

anos depois da primeira Carta ao Povo Brasileiro que concretizou o pacto do PT com a cartilha de interesses da burguesia, Lula volta à disputa eleitoral prometendo fazer o “Brasil feliz de novo”, obedecendo a mesma estratégia de humanização do capitalismo, seguindo o mesmo caminho e cartilha de outrora que nos trouxe até aqui. Afinal, não se explica a existência de Bolsonaro, sem explicar a frustração e os erros do projeto petista.

Mas depois de tantos anos de crise econômica profunda e índices de desigualdade gritantes, a esquerda brasileira independente se vê diante do desafio de atualizar seu programa de transição, que conforme nos ensinou Trotsky, é aquele capaz de unificar as demandas imediatas com a demanda histórica de construção de uma nova sociedade radicalmente diferente desta.

A relação dialética entre reforma e revolução

Uma leitura desatenta e sectária poderia nos conduzir a afirmar que Rosa não vê importância nas lutas por reformas, e que visa somente a revolução. Mas o que se perde com essa compreensão é justamente a relação dialética entre ambas. A começar que o título do livro não é uma afirmação, mas uma pergunta: “Reforma ou Revolução?”. E todo seu desenrolar é uma resposta de combate à aqueles que desvinculam a relação que ambas possuem, e acabam por fazer da reforma social um objetivo autônomo em si, separado da estratégia revolucionária.

Rosa vai didaticamente explicar que as reformas não podem ser entendidas como uma revolução que é diluída a conta gotas no tempo. “A revolução social é diferente da reforma legal não pelo tempo de duração mas pelo seu conteúdo”. Uma se estabelece dentro dos marcos dos limites do sistema, podendo até o questionar, mas não altera a sua estrutura de funcionamento. Já a revolução é justamente a ruptura com a ordem política burguesa e a construção de sociedade onde a base de produção não seja pautada pela propriedade privada dos meios de produção.

Mas diante de um sistema de exploração tão intenso e degradante, teriam as reformas um papel relevante? É claro que sim. Do ponto de vista social elas são importantes por atuarem nas necessidades mais imediatas de melhoria das condições de vida da classe operária, mas do ponto de vista político também são importantes, especialmente porque organizam o proletariado como classe. Dando consciência, experiência, organização e maturidade.

Afinal, a revolução socialista implica uma luta de longo prazo, que exige a criação de condições políticas para a vitória definitiva da classe operária. Nesse processo cada mobilização social contribui para que os trabalhadores ganhem grau de maturidade, aprendam com os erros e ganhem consciência de sua força coletiva e de suas necessidades enquanto classe. Rosa nos lembra que há uma pedagogia na luta, que se forja a partir da organização, da conscientização e ação de combate.

Por isso, a luta por reformas só faz sentido em um contexto onde se visa a revolução. Do contrário, ficaríamos reféns dos interesses de classe da burguesia e de suas nada neutras noções de justiça e paz.

As reformas são produto dos impulsos revolucionários, pois é buscando alterar radicalmente essa sociedade que vamos acumulando forças e ganhos à classe trabalhadora. É localizando cada contradição que o sistema produz, analisando-a sob a perspectiva de classe, e buscando superá-la que podemos avançar em prol dos interesses dos operários. Quanto mais firmes na estratégia revolucionária, mais contundentes são os ganhos imediatos a favor da maioria social.

Aqueles que abandonam a estratégia revolucionária, por acharem suficiente conduzir a mudança social pela via da soma de cada reforma, tendo as melhorias imediatas como um fim em si mesmo, não estão escolhendo um caminho mais fácil, e sim um caminho de ilusões. Afinal, o capitalismo é pão para hoje, e

fome para amanhã. Suas crises inerentes e recorrentes acabam sempre desnudando o caráter de classe do Estado e dos interesses de desenvolvimento social.

Abandonar a luta de classes por noções universais e organizar os trabalhadores sob o ideal de que podemos reformar o capitalismo para torná-lo mais humano e justo, é organizar os trabalhadores para a derrota, e enfraquecê-los enquanto classe.

Sabemos hoje, analisando a história, que o PT como partido nunca teve com clareza a construção do socialismo como sua estratégia, e sua chegada à Presidência da República confirmou e acelerou seu projeto reformista. E diga-se de passagem, de reformas bastante tímidas, inclusive se comparados com os demais governos progressistas da América Latina. Afinal, além de obedecer a cartilha neoliberal com reformas como a da previdência, não houve uma real distribuição de renda, a concentração seguiu em níveis altos, mesmo que tenham apresentado programas importantes como o Bolsa Família.

Mas ainda analisando a experiência petista, talvez aqui possamos jogar luz sobre um dos mais necessários balanços que devemos tirar como esquerda. Um projeto que foi forjado em lutas sociais agudas contra a ditadura e o neoliberalismo e que provou sua força pelo método da auto organização e da mobilização permanente, passou a hierarquizar sua ação militante pelas cúpulas, pelos gabinetes da institucionalidade burguesa.

Ao aceitar jogar o jogo se vendendo para as regras da burguesia, além de cooptar as lideranças sindicais e de movimentos para os postos do Estado e de rebaixar e trair o programa de reivindicações, também se deseducou, desarmou e enfraqueceu a organização da classe e por consequência sua capacidade de resistência. Quando no golpe parlamentar a burguesia optou por devolver o posto aos seus filhos legítimos, pagamos o preço desses erros. E a ausência de uma alternativa de esquerda com influência de massas, se somou e abriu espaço ao terreno fértil para a

agitação das ideias fáceis da extrema direita bolsonarista.

O mito da ligação intrínseca entre capitalismo e democracia

A ideia de que se possa ter um capitalismo sem capitalismo, ou seja, um capitalismo humano, sem a exploração degradante que lhe é própria, se sustenta também na concepção de Estado e de democracia que o revisionismo desenvolve.

Sabemos, como Rosa afirma, que “o desenvolvimento do capitalismo modificou profundamente o caráter do Estado, alargando sua esfera de atuação e impondo novas funções”. Mas mesmo que tenha assumido funções que representem os interesses gerais do desenvolvimento social, este não deixou de ser uma organização da classe capitalista dominante. Ou seja, sua forma democrática não anula seu conteúdo de classe, por isso ele assume os interesses gerais desde que estes não estejam em desacordo e contradição com os interesses da classe burguesa.

Rosa nos alerta que “Berstein via na extensão da democracia um último processo para realizar progressivamente o socialismo”, mas tal extensão da democracia burguesa longe de se opor, acabava por confirmar o capitalismo. Afinal, percebemos que há uma contradição entre a forma e a essência: mesmo que na agitação das leis prevê-se uma igualdade e liberdade formais garantidas no papel, na prática a aplicação do conteúdo burguês atua de modo a limitar e negar essa igualdade e liberdade. Temos, portanto, um Estado que tem uma universalidade negada e limitada pelo seu caráter de classe burguês.

O revisionismo agitou a existência de uma relação intrínseca entre o capitalismo e a democracia. Mas trata-se de um mito. A própria história nos mostra que durante o seu desenvolvimento o capitalismo teve diferentes formas políticas que não só a democracia, há gradações que vão da monarquia à república democrática. Não há dúvidas, que o Estado burguês para impor

sua lógica de acumulação e/ou defender seus interesses contra a ofensiva do movimento operário, pode utilizar de atividades coercitivas, militaristas e imperialistas. “Por isso, a democracia burguesa produz em sua política colonial, formas de dominação autocráticas e ditatoriais.”

Aqui no Brasil, estamos assistindo como parte da burguesia para garantir a implementação de seu programa econômico, admite tranquilamente Bolsonaro e seu projeto genocida. E por mais que busquem um Bolsonaro sem o bolsonarismo, especialmente o seu negacionismo anticência, acabam topando engolir esse remédio amargo, desde que tenham suas necessidades atendidas. O último episódio do jantar de Bolsonaro em São Paulo com uma série de empresários, que no pior momento da pandemia toparam se reunir com o presidente e o aplaudiram, é um exemplo disso. Enquanto o presidente genocida não garantiu a compra de vacinas para toda a população, os empresários ovacionaram a sua política de privatização da vacina, que fura a fila do Plano Nacional de Imunização, e abre espaço para termos um camarote VIP dos amigos do presidente nessa corrida pela imunização contra o vírus da Covid-19.

Afinal, conforme colocamos acima, na abordagem dialética do Estado burguês, percebemos que sua universalidade é limite e negada, pois as relações capitalistas não são um produto das leis burguesas, mas estas últimas que são uma expressão e tradução das relações capitalistas. A burguesia, portanto, não é representante do interesse universal humano. Não há neutralidade nessa disputa. E por isso, “a ação legislativa no parlamento não pode substituir jamais a organização do proletariado para a conquista do poder político por meios revolucionários”.

Por isso que Rosa vai reconhecer que é óbvio que todas as conquistas democráticas são fundamentais, como o sufrágio universal, as liberdades de organização, imprensa e de expressão. Elas dão melhores condições de luta para a classe trabalhadora,

mas igualmente vai afirmar que elas não são um presente oriundo do desenvolvimento da democracia no capitalismo, mas uma conquista que foi arrancada mediante luta, e que só um proletariado forte e organizado é capaz defender cada uma delas contra as investidas reacionárias da qual a burguesia pode se utilizar para defender seus interesses.

É nesse sentido que para defender as conquistas democráticas contra o fascismo de Bolsonaro topamos unidade de ação ampla com setores que vão além do espectro da esquerda, mas igualmente não podemos depositar nessa unidade a confiança de que serão consequentes em derrotá-lo e em concretizar nossos interesses. Por isso, é necessário no Brasil fortalecer uma esquerda independente que expresse as necessidades, e o programa da classe trabalhadora. Sem falar que a derrota definitiva de Bolsonaro e seu programa fascista, só virá pelas mãos do povo trabalhador organizado.

“Reforma ou Revolução?” já é uma obra centenária. Tanta experiência acumulamos de lá para cá. Mas suas lições ainda continuam atuais e vivas. Que saibamos utilizá-las como farol que orienta o debate e a ação revolucionária.

Rosa Luxemburgo e o marxismo feminista

Giovanna Marcelino¹

Por um marxismo feminista

É impossível pensar a história do marxismo e do socialismo sem a contribuição das mulheres e do feminismo. Não só o debate sobre a opressão feminina é uma constante nesta tradição, presente desde o início (como muito bem demonstram passagens hoje bastante conhecidas da obra de Marx, Engels e Bebel sobre o tema), como o protagonismo das mulheres se provou repetidas e sucessivas vezes fundamental para a ampliação e avanço da teoria marxista, do movimento operário e suas formas de organização, em inúmeras ocasiões históricas e revolucionárias desde o século XIX.² Ainda assim, muitos dos grandes livros que pretendem narrar a história, as principais personagens e os eventos marcantes do marxismo infelizmente insistem em não dar o devido destaque ou fazer jus ao lugar e o papel do pensamento e da política feminista no processo de constituição histórica desta tradição. Isso se materializa no próprio ofuscamento ou apagamento de uma série de figuras importantes da memória teórica e política do movimento operário, a ponto de muitas mulheres (dirigentes, ativistas, intelectuais e formuladoras) serem até hoje excetuadas da lista de seus principais “cânones”. Quando muito, são citadas nas notas de rodapé.

Sorte a nossa que resgatar a história e o papel dessas mulheres tem se tornado cada vez mais um ato inevitável e crucial. Além de representar um contraponto importante para uma série de versões “oficiais” que ainda povoam o imaginário de uma certa esquerda marxista, que persiste em recair no tremen-

¹ Socióloga, coordenadora da Rede Emancipa, membra da Coordenação Nacional de Mulheres do MES e membra fundadora da coletiva Marxismo Feminista.

² Arruzza, Cinzia. *Ligações perigosas: casamentos e divórcios entre marxismo e feminismo*. São Paulo: Usina Editorial, 2019.

do equívoco de reforçar a ideia de que esta tradição foi forjada e conformada quase que exclusivamente por cânones masculinos, retomar o lugar das mulheres é fundamental para reinterpretar não só a história do marxismo, como do próprio capitalismo e da luta contra ele.

Afinal, seria realmente possível, por exemplo, ler *O manifesto comunista* (1848) sem *União operária* (1843), obra de uma das pioneiras do encontro entre feminismo e marxismo, Flora Tristan, que, antes mesmo de Marx e Engels chegarem a propor a I Internacional, já advogava pela criação de uma organização internacional que unisse os trabalhadores e as trabalhadoras no mundo?³ Ou ainda, é correto ler *A situação da classe trabalhadora inglesa* (1843) sem o seu *Passeios em Londres* (1840), livro no qual ela narra as condições de vida dos trabalhadores ingleses, a prostituição e as mazelas trazidas pelo desenvolvimento acelerado do capitalismo, relatando a situação de miséria que viviam operários, mulheres e crianças que trabalhavam na indústria têxtil e nas minas, em condições sub-humanas e com salários miseráveis? Como entender a primeira experiência revolucionária construída pela classe trabalhadora, a Comuna de Paris, sem o papel extraordinário que tiveram as mulheres socialistas e as mulheres trabalhadoras dos mais diversos ofícios (lavadeiras, costureiras, enfermeiras, educadoras), que atuaram não apenas nas tarefas de cuidado e no apoio dos combatentes das barricadas, mas na própria linha de frente das mobilizações, resolvendo o problema de abastecimento de alimentos (que foi bloqueado quando a Prússia sitiou Paris), organizando restaurantes cooperativos e formas de ajuda mútua e solidariedade, fazendo vigílias, dirigindo grupos de cooperação e de resistência da classe, queimando os símbo-

3 Fundamental ressaltar o pioneirismo de Flora Tristan. Além de ter sido uma das primeiras a apontar para a ideia de união e coesão da classe trabalhadora no mundo e para a importância de se pensar a questão feminina e a igualdade entre os sexos (com destaque para o capítulo "Porque eu menciono as mulheres"), *União operária* chegou a ter uma tiragem de 10 mil exemplares (cinco vezes maior que a primeira edição do *Manifesto comunista*), a custo de muito trabalho da própria Flora, que de início foi altamente rejeitada e boicotada pelas editoras e jornais franceses, até que conseguiu a muito custo e trabalho militante autofinanciar a impressão de seu manifesto, que foi distribuído entre grupos e associações de operários pela França.

los opressores do Antigo Regime e monumentos imperialistas de Napoleão, enfim, dando, literalmente, sua vida em nome da revolução e desafiando todas as hierarquias de gênero que ainda se impunham na tradição socialista da I Internacional?⁴ O que seria a Revolução Russa sem a luta das operárias e o feminismo socialista?⁵ É possível entender os anos 1960 e 1970 sem Simone de Beauvoir, Angela Davis, Sheila Rowbotham, Juliet Mitchell, Silvia Federici, Mariarosa Dalla Costa, Heleieth Saffioti? E as lutas anticapitalistas que eclodiram no mundo após a crise econômica de 2008 - é possível pensá-los sem o feminismo? É possível construir saídas para o atual momento de pandemia e para o enfrentamento das políticas neoliberais e fascistas sem uma agenda feminista?⁶

Isso para citar apenas alguns exemplos que ilustram como reinterpretar a história do marxismo pelas lentes do feminismo sempre teve um significado profundo, além de ser uma tarefa que segue sendo crucial para os socialistas hoje. Pois a ausência dessa preocupação inevitavelmente contribui para que haja uma distorção sobre o próprio lugar do debate de gênero no marxismo, algo que é constantemente reproduzido e repostado nos círculos da esquerda, gerando grandes equívocos teóricos e políticos. Isso se faz evidente, sobretudo, no momento em que ainda existem aqueles que persistem em defender uma noção (falsamente) universal do sujeito revolucionário (entendido em sua forma abstrata, monolítica, industrial, fordista, masculina, branca e sindicalizada), sob o argumento de que o marxismo deveria se preocupar com a classe em detrimento de questões de gênero, raça, sexualidade, entendidas como meras questões

4 Cox, Judy. Terremoto de gênero: as mulheres socialistas e a Comuna de Paris. *Marxismo feminista*, 2021. Disponível em: <https://marxismofeminista.com/2021/03/19/terremoto-de-genero-as-mulheres-socialistas-e-a-comuna-de-paris/?fbclid=IwAR0aT3C0UuttMYjenghuXWZvhN09pHmsrkb7yKDLZGBpdAPvw-AIGiRIFv8>

5 Marcelino, Giovanna. 8 de março, revolução russa e o protagonismo das mulheres. *Revista Movimento*, 2017. Disponível em: <https://movimentorevista.com.br/2017/03/8-de-marco-revolucao-russa-feminismo-mulheres/>

6 Marcelino, Giovanna. Capitalismo, reprodução social e uma agenda feminista para a crise. *Revista Movimento*, 2020. Disponível em: <https://movimentorevista.com.br/2020/05/capitalismo-reproducao-social-e-uma-agenda-feminista-para-a-crise/>

“identitárias” ou culturais.⁷ Ou seja, como se, enquanto teoria, o marxismo oferecesse antes de mais nada uma compreensão e descrição bastante útil sobre o capitalismo e seu funcionamento econômico, mas não teria absolutamente nada a dizer sobre a opressão das mulheres, da negritude, das LGBTQs, de modo que, para entender estas questões, seria necessário recorrer a uma tradição feminista e antirracista à parte, de fato dedicada à análise das estruturas patriarcais, coloniais e racistas.

A luta das marxistas feministas hoje é justamente subverter tais noções e mostrar como as opressões de gênero, raça e sexualidade não representam um mero divisionismo ou assunto menor e parcial, mas algo essencial para a compreensão do próprio capitalismo e sua lógica de reprodução, de forma que não é possível entender o funcionamento desse sistema sem tais questões, e nem a opressão das mulheres, da negritude e das LGBTQs sem uma perspectiva antissistêmica. Ou seja, à altura que estamos da crise capitalista, que todos os dias escancara seus desdobramentos mais evidentes sob setores feminizados, racializados, periféricos e informais da classe, não é mais possível sustentar uma perspectiva marxista que não seja ao mesmo tempo feminista, antirracista, pós-colonial, ecosocialista. E isso exige uma revolução historiográfica, epistemológica e política. Quer dizer, não basta apenas ampliarmos e incluirmos mais mulheres na lista de cânones desta tradição, mas sim, refundar sua história, algo que passa necessariamente por amadurecer teórica e politicamente a reflexão sobre o lugar do feminismo como um todo no interior da tradição marxista, de forma a reconstruir e criar novas bases para o conhecimento e para a ação.

Marxismo e feminismo em Rosa Luxemburgo

Rosa Luxemburgo representa uma figura um tanto singular

7 Bhattacharya, Tithi. O que é a teoria da reprodução social? *Outubro*, n. 32, 2019.

nesse debate. Nas propostas de historiografia do marxismo, ela quase sempre é uma das únicas mulheres revolucionárias lembradas com certa unanimidade. A ampla tradução e acesso a sua obra, a recepção e impacto de seus escritos à nível internacional, o número de biografias escritas a seu respeito, bem como a presença quase obrigatória de sua imagem e de seu nome nos livros que narram a história do socialismo e da teoria marxista, a colocou nesse lugar de excepcionalidade. Além de grande dirigente e estudiosa das ideias marxistas, ela também ocupa um papel de destaque e de grande inspiração para as feministas marxistas, enquanto oradora, escritora, educadora, que ocupou altos cargos do partido e dividiu em pé de igualdade espaços de debate político e intelectual com homens como Lênin, Trotsky, Kautsky, Bernstein, rompendo e desafiando a própria regra do período, segundo a qual as mulheres deveriam se manter presas à esfera doméstica, carentes de direitos civis e políticos, alijadas de condições materiais e subjetivas para intervir na esfera pública.

Ainda assim, pode-se dizer que a relação de Rosa com o marxismo feminista é mais complexa e contraditória do que parece. Como muito bem aponta Isabel Loureiro (principal estudiosa, tradutora e intérprete de sua obra no Brasil), Rosa não era exatamente uma entusiasta das discussões feministas, diferentemente de Clara Zetkin - sua companheira e amiga, que se tornou, ela sim, representante “oficial” do feminismo socialista alemão da época, por seu destacado entusiasmo e atuação na organização das mulheres operárias na Alemanha e internacionalmente. Como muito bem relembra Loureiro, Rosa chega a ironizar em cartas e textos o quanto certas reivindicações feministas - como o “ingresso das mulheres nas universidades, andar de bicicleta, direito de voto para os parlamentos, ensinar floricultura e artesanato às meninas, debater sobre a melhor maneira de educar as crianças, usar roupas confortáveis, etc.” - eram fúteis e va-

zias.⁸ Uma compreensão que na verdade reflete de maneira um tanto explícita uma certa identificação (bastante comum à época) do feminismo com os ideais liberais e burgueses, haja vista o quanto a reivindicação por igualdade, tal como pregada por Mary Wollstonecraft e Olympe de Gouges, era justamente derivada da Revolução Francesa e da extensão dos direitos de cidadania prometidos pela Carta de Direitos do Homem às Mulheres. Tais feministas deram início a toda uma linhagem do feminismo que passou a reivindicar a igualdade entre homens e mulheres, mas sem considerar a especificidade de classe e, portanto, ignorando o fato de que essa luta guardava um sentido bastante diferente para as mulheres trabalhadoras, cujas necessidades específicas não se restringiam ao direito à educação, à cultura, à carreira profissional plena, à propriedade e herança, mas às questões de justiça social e problemas como a miséria, fome, dupla e tripla jornada de trabalho, trabalho doméstico, prostituição, etc. Esse foi exatamente o motivo pelo qual o movimento operário por muito tempo simplesmente deixou de incorporar as pautas feministas (entendidas como burguesas), e que explica a insistência da própria Zetkin e de todo o feminismo socialista subsequente em diferenciar e definir o que seria o “feminismo proletário”, tendo em vista o quanto a reivindicação por emancipação feminina tinha um sentido completamente diferente para as mulheres trabalhadoras.⁹

Nesse ponto específico - a defesa das mulheres trabalhadoras - Rosa segue Clara Zetkin, mas ainda numa chave um tanto simplista, reforçando uma visão idealizada de que as operárias seriam “superiores” às burguesas, por não serem fúteis e terem se tornado independentes através do trabalho

8 Loureiro, Isabel. Rosa Luxemburgo e o feminismo. *Marxismo feminista*, 2020. Disponível em: https://marxismofeminista.com/2020/08/24/rosa-luxemburgo-e-o-feminismo/#_ftnref5

9 Zetkin, Clara. Apenas junto com as mulheres proletárias o socialismo será vitorioso. *MIA*, 2012. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/zetkin/1896/10/16.htm>

assalariado. Em seus escritos sobre o assunto, a mulher trabalhadora estaria muito mais próxima de seu próprio companheiro e marido, pelo fato de compartilharem da mesma realidade e igualmente sofrerem da exploração do trabalho, de forma que ela acaba advogando pela prioridade da classe sobre gênero, entendendo a questão da mulher como apenas um aspecto da questão social.¹⁰ Ou seja, Rosa não desenvolve como tais questões na verdade não são apartadas e que não é possível pensar a emancipação da classe trabalhadora sem concomitantemente considerar o problema da desigualdade entre homens e mulheres - como já muito bem advogavam Flora Tristan e Eleanor Marx.¹¹ Além disso, encontra-se ausente dos escritos de Rosa reflexões sobre temas que foram centrais para o desenvolvimento do feminismo socialista, como a crítica à família, a questão da socialização e do apoio estatal às tarefas reprodutivas e do cuidado, o amor livre, amplamente debatidos entre as feministas russas.¹²

Assim, se fossemos partir exclusivamente de seus textos sobre a questão da mulher, não seria possível dizer que Rosa era uma feminista - isso significaria recair num grande anacronismo. Mas isso não é a mesma coisa que dizer que ela não tinha sensibilidade para a vida das mulheres trabalhadoras, ou que sua obra e vida não oferecem elementos e contribuições fundamentais para o pensamento e práticas feministas ainda hoje. Muito pelo contrário. A questão é que, para identificar isso, é importante não só reler Rosa à luz de seu próprio momento, mas sobretudo olhar para os lugares certos de sua obra. A verdade é que não são tanto os seus escritos

10 Ver "A proletária" e "Direito de voto das mulheres e luta de classes". Em: Luxemburgo, Rosa. *Rosa Luxemburgo: Textos escolhidos I*. São Paulo, Editora UNESP, 2017 e "Senhoras e mulheres". *Gazeta Ludowa*, n. 48, 1904. Disponível em: <https://frl.rosalux.org.br/senhoras-e-mulheres/>

11 Marx, Eleanor & Aveling, Edward. A questão da mulher do ponto de vista socialista. *Marxismo feminista*, 2021. Disponível em: <https://marxismofeminista.com/2021/01/16/a-questao-da-mulher-de-um-ponto-de-vista-socialista-eleanor-marx-e-edward-aveling/>

12 Schneider, G. (org.). *A Revolução das Mulheres: emancipação feminina na Rússia soviética*. São Paulo: Boitempo, 2017.

sobre a questão da mulher que podem oferecer os melhores *insights* para as feministas, mas sobretudo suas contribuições no campo da economia política marxista.¹³

Em uma de suas grandes obras, *A acumulação de capital*, Rosa apresenta elementos e um enquadramento teórico muito mais favorável e produtivo para pensar o problema da opressão das mulheres. Nas décadas de 1970 e 1980, feministas importantes - como Maria Mies e Silvia Federici, por exemplo - inclusive partem justamente da incorporação e ampliação de uma das teses centrais de Rosa neste livro - o tema da acumulação primitiva - para pensar a emancipação feminina de uma maneira renovada. Elas basicamente partem da constatação de Rosa de que, o capital, para garantir seus processos de acumulação, depende não apenas da exploração do trabalho assalariado por meio da mais-valia, mas também da dominação, expropriação e destruição violenta e sucessiva de domínios geográficos exteriores, não-capitalistas, que são transformados em mercadoria e incorporados nos próprios moldes do sistema, num processo que deu origem à expansão imperialista.

As feministas ampliam essa análise, incluindo o trabalho doméstico não-remunerado das mulheres como mais um espaço (social) da acumulação do capital e extração de valor, isto é, como mais uma esfera que foi colonizada pelo capitalismo em seu processo de expansão, ao lado da natureza, das colônias, etc. Com isso, elas não só reforçam a ideia de que a expropriação é um elemento tão central quanto a exploração para a compreensão do funcionamento do capitalismo, como também dão visibilidade ao trabalho não remunerado desempenhado pelas mulheres

13 Lise Vogel, em *Marxism and the oppression of women*, expressa uma opinião muito parecida, ao constatar que a melhor fonte para a compreensão da opressão das mulheres não estaria no discurso explícito que Marx, Engels e a tradição socialista desenvolveram sobre esta questão, mas naqueles *insights* teóricos mais gerais que versam sobre a organização social da força de trabalho e do capital. Assim, na proposta de Vogel, as feministas deveriam deslocar sua atenção da ideia vaga de “questão da mulher” presente nos textos da tradição socialista para o exame dos escritos de economia política de Marx (especialmente seus escritos sobre a reprodução da força de trabalho), que representariam um dos campos mais férteis para compreender a opressão das mulheres e a forma como ela estrutura e é estruturada pelo sistema capitalista.

no lar, mostrando o quanto ele beneficia igualmente o capitalista, ao garantir (de maneira indireta) seus lucros.¹⁴ Além disso, o trabalho reprodutivo na verdade garantiria a própria condição de existência dos capitalistas, já que é este o trabalho responsável pela manutenção da vida e pela reprodução de toda a classe trabalhadora, a única “mercadoria especial” capaz de produzir valor por meio de sua força de trabalho.

Com isso, as feministas não apenas resgatam o legado de Rosa, como vão um pouco além dele, demonstrando como as mulheres na verdade estão no centro do ciclo de produção e reprodução do capital, não à margem dele, algo que acontece não só no momento em que elas gradativamente se inseriram nas próprias relações sociais capitalista por meio do trabalho formal e remunerado, mas também através do próprio trabalho (invisível), informal e não-pago que elas desempenham na esfera doméstica e no âmbito da família. Isso acaba contrariando, por sua vez, a própria visão expressa por Rosa em seus escritos sobre a questão feminina, mostrando o quanto classe e gênero, exploração e espoliação, estão muito mais próximos e conectados do que ela mesma poderia imaginar.

Como se sabe, Rosa também advogou pela união entre a luta das mulheres e a luta antirracista (a exemplo do que aconteceu nos Estados Unidos no período abolicionista, usando-o inclusive como contraponto ao feminismo burguês europeu de sua época), além do fato de que sua noção de que as massas apenas se libertam por meio de uma ação autônoma tornou-se uma ideia fundamental para o movimento feminista e para se pensar o problema da emancipação dos subalternos como um todo, na medida em que ajudou as mulheres a elaborar sobre a importância de sua própria luta e ação, entendendo o quanto a libertação feminina

¹⁴ Isso acontece pois o salário pago aos homens trabalhadores indiretamente inclui em sua conta também o trabalho doméstico feito pelas mulheres, tornando a dominação patriarcal muito eficaz, pois o salário confere poder ao homem como provedor da casa, ao mesmo tempo em faz com que o trabalho das mulheres não seja visto como trabalho, mas como “amor” e assistência, de forma a garantir que o homem possa dominar e controlar o corpo das mulheres dentro da família.

dependência, antes de mais nada, de sua ação autônoma.¹⁵ Além disso, outra contribuição fundamental de Rosa foi justamente o fato dela ter desempenhado uma leitura não dogmática da obra de Marx, a exemplo de seu livro *A acumulação de capital*.¹⁶ E isso é um ponto de partida e um exemplo fundamental para as feministas, que, espelhadas em Rosa, continuam a contribuir para esse movimento de expansão crítica do marxismo, garantindo que o legado de Marx siga sendo constantemente resgatado, repensando e ampliado à luz de cada presente histórico, de forma a abrir novos caminhos para pensar o capitalismo e as formas de luta contra ele.

Por todos esses motivos, 150 anos após seu nascimento, Rosa Luxemburgo continua sendo essencial para o marxismo e o feminismo. Além de uma fonte importante para seguirmos atualizando o projeto socialista e sua teoria da sociedade a partir de reflexões marxistas-feministas, ela sem dúvida segue sendo um grande exemplo de mulher livre e independente, que lutou até o fim por uma sociedade justa e igualitária.

15 Loureiro, Isabel. Rosa Luxemburgo e o feminismo. *Marxismo feminista*, 2020. Disponível em: https://marxismofeminista.com/2020/08/24/rosa-luxemburgo-e-o-feminismo/#_ftnref5

16 Lukács, G. "Rosa Luxemburgo como marxista". Em: *História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

Quando os social-democratas mandaram matar Rosa Luxemburgo¹

António Louçã²

Judia sem religião, polaca sem passaporte, militante socialista desde os 15 anos, doutorada em Zurique, naturalizada alemã mas internacionalista irredutível, dirigente política quando as mulheres ainda nem podiam votar, Rosa Luxemburgo era considerada por apoiantes e adversários como “uma das melhores cabeças do socialismo internacional”. Foi assassinada há cem anos, em 15 de janeiro de 1919, a mando dos seus antigos camaradas social-democratas.

Mais de cem anos depois, muitos milhares de pessoas continuam a manifestar-se em Berlim, invariavelmente no segundo domingo de cada mês de janeiro para evocar aquilo que foi na altura um magnicídio de primeira categoria: o assassinio de Rosa Luxemburgo e de Karl Liebknecht.

Para entendermos o alcance daquele duplo assassinio, temos de entender quem foi Rosa Luxemburgo e que importância teve para o Partido Social-Democrata alemão (SPD) e para a Segunda Internacional.

Uma meteórica carreira intelectual e militante

Rosa Luxemburgo era, desde havia duas décadas, a figura mais consistente na ala esquerda do SPD. Na viragem do século, tinha encabeçado o debate contra as propostas de Eduard Bernstein, que visavam converter o SPD num partido dedicado à reforma gradual do capitalismo – não mais à luta pelo socialismo. Fizera-o com tal vigor, nomeadamente no seu livro *Reforma social*

¹ Publicado originalmente em 2019 por ocasião do centenário do assassinato de Rosa Luxemburgo em https://www.rtp.pt/noticias/mundo/ha-cem-anos-quando-os-social-democratas-mandaram-matar-rosa-luxemburgo_n1120254.

² Jornalista português.

ou revolução, que a velha direção do SPD, inicialmente inclinada a apoiar Bernstein, acabou por rejeitar as inovações que este propugnava.

Mais adiante, Rosa Luxemburgo desenvolveu as concepções esboçadas no seu livro anti-bersteiniano, apresentando-as de forma mais sistematizada quando leccionou na escola do partido (onde teve como alunos alguns dos que mais tarde organizariam o seu assassínio). E apresentou-as sobretudo de forma mais sistematizada no livro *A acumulação do capital*, em que surge como uma economista marxista com a rara capacidade de examinar criticamente, corrigir em determinados aspectos e aprofundar a teoria marxiana original.

Entretanto, Rosa intervinha regularmente em todos os debates partidários, alertando contra as ilusões dos sindicalistas sobre o alcance da atividade reivindicativa, por ela denominada como um “trabalho de Sísifo” que, apesar de necessário, volta sempre ao ponto de partida. Alertava também contra a tentação do SPD para escolher os seus temas agitativos em função da respectiva utilidade eleitoral. E alertava contra o que classificava de “cretinismo parlamentar” – a ideia de que os deputados social-democratas pudessem conseguir em combinações de bastidores alguma melhoria significativa para a classe operária.

Contudo, a ala esquerda do SPD perdia terreno, lenta mas seguramente, para os burocratas sindicais e para os “bonzos” parlamentares, cada vez mais instalados no sistema que diziam combater. Contra essa involução silenciosa, Rosa Luxemburgo não conseguia impor-se da mesma forma que se impusera à audácia teórica de Bernstein.

Viu, por isso, a vaga revolucionária que em 1905 eclodiu no Império Russo como uma oportunidade para as perspectivas do movimento operário e para a sua própria vida. Contra o conselho dos amigos mais próximos, embarcou em dezembro para a sua Polónia natal e aí militou até ser presa em março de 1906. Depois

de libertada, publicou as suas reflexões sobre a revolução com o título *Greve de massas, partido e sindicatos*.

Em 1910, reagiu à vaga de manifestações que reclamava o estabelecimento do sufrágio universal na Prússia recomendando o recurso à greve de massas, tal como ela surgira na Rússia em 1905-1906. Mais, preconizou um desenlace insurrecional para o movimento grevista e nisso invocou a partir de certa altura o exemplo contemporâneo da instauração da República portuguesa.

Sempre contra a guerra, sempre com a revolução

Baseada numa desenvolvida elaboração teórica sobre a natureza do capitalismo, Rosa Luxemburgo atribuíu-lhe uma constante pulsão expansionista e uma tendência inerente para o militarismo e a guerra. Denunciou energicamente todos e cada um dos empreendimentos militares alemães – e foram vários, na China, em África, quase em Marrocos.

No momento em que o SPD decidiu apoiar a guerra da Alemanha contra as potências da *Entente* (Reino Unido, França e Rússia, principalmente), Rosa Luxemburgo convocou uma reunião dos militantes social-democratas que esperava críticos dessa decisão. Só conseguiu reunir um punhado deles.

Mas meteu ombros à mobilização das poucas forças que começavam a despontar e, passados quatro meses, pôde congratular-se com a primeira tomada de posição pública de um deputado contra a guerra – Karl Liebknecht. Assim que o desgaste causado pela grande carnificina começou a fazer-se sentir, Liebknecht tornou-se a grande figura pública do movimento antimilitarista e Luxemburgo a sua líder mais influente.

Ambos foram brutalmente neutralizados: Liebknecht foi despojado da imunidade parlamentar, enviado para a guerra e, depois, preso; Luxemburgo foi condenada a duas penas de prisão. No cumprimento dessas penas, viria a passar na cadeia três dos

quatro anos da guerra. Só seria libertada com a revolução de 9 de novembro de 1918.

Na cadeia, Rosa Luxemburgo escreveu *A crise da social-democracia*, fustigando sem contemplações o SPD por ter aderido à política de guerra. Fê-lo sob o pseudônimo “Junius”, para não atrair sobre si mais alguma condenação judicial. O livro escrito na cadeia notabilizou-se por proclamar a alternativa “socialismo ou barbárie”, que rompia com a ideia determinista, de um socialismo considerado como desfecho inevitável da História da humanidade.

Nesse momento, Rosa Luxemburgo já deixara de ter ilusões sobre o que fora o seu partido e passara a proclamar que “a social-democracia se tornou um cadáver fedorento”. De um modo geral, eram praticamente todos os partidos da Segunda Internacional que tinham capitulado perante as políticas belicistas dos respectivos governos. Daí concluía Luxemburgo que era necessário construir novos partidos, unidos numa nova Internacional.

Também na cadeia, viveu entusiasticamente a Revolução Russa de Outubro. Em 1918, escreveu um livro que só viria a ser publicado vários anos depois, em que reiterava um forte aplauso à audácia de Lenine e Trotsky, embora depois procedesse a uma crítica severa da política bolchevique. Admitia que essa política estivesse a ser decidida num estado de necessidade, mas protestava contra os imitadores ocidentais do bolchevismo, entusiastas incondicionais que faziam “da necessidade virtude”.

Entre as frases que Rosa Luxemburgo utilizou na discussão da política bolchevique, houve uma que fez História: “A liberdade é sempre a liberdade de quem pensa de outro modo”. Setenta anos depois, os manifestantes leste-alemães marcharam contra o Muro de Berlim e contra a Stasi com esse lema inscrito nas suas faixas e cartazes.

O duplo assassinio que marcou uma época

Em 9 de novembro de 1918, a revolução que tinha começado no porto de Kiel estendeu-se a Berlim e derrubou a monarquia praticamente sem efusão de sangue. O levantamento popular obteve rapidamente a adesão das tropas.

Karl Liebknecht fora libertado em outubro, semanas antes da revolução, e estava em Berlim no momento de proclamar a república, a que chamou “república livre e socialista da Alemanha”. Rosa Luxemburgo foi libertada nesse dia e ainda teve de viajar até a capital.

Encontrou a cidade em ebulição, com as fábricas e os quartéis a elegerem organizações de tipo soviético – os conselhos de operários e soldados. Nas intervenções públicas que teve a partir daí, passou a preconizar um governo dos conselhos, à semelhança do que sucedia na Rússia soviética. Em consequência, opôs-se energicamente à convocação de eleições para uma Assembleia Constituinte.

Em 5 de janeiro de 1919, quando se desencadeou em Berlim a sangrenta repressão contra a esquerda alemã, Rosa Luxemburgo decidiu permanecer na capital, contra os mandamentos elementares da prudência e os conselhos insistentes dos seus amigos mais próximos.

A quem lhe aconselhava refugiar-se em Frankfurt-am-Oder, ou noutra cidade mais segura, replicava, quase indignada, que os milhares de trabalhadores berlinenses não tinham onde refugiar-se e que abandoná-los no meio do massacre equivalia a uma deserção.

Mais do que qualquer dirigente do recém-fundado KPD (Partido Comunista da Alemanha), Luxemburgo era fácil de identificar. Mulher de pequena estatura, com uma fisionomia característica, com uma lesão de infância que a fazia coxear ligeiramente, ela era, a bem dizer, inconfundível à vista desarmada.

Algumas precauções tomadas, e o apoio de diversas famílias

berlinenses, que a acolhiam para poder mudar de residência quase todas as noites, iam ser, obviamente, insuficientes para escondê-la durante muito tempo, se se obstinasse em permanecer na boca do lobo.

Eram, especialmente, insuficientes, porque circulava já entre os grupos paramilitares da contrarrevolução (*Freikorps*) a promessa de um elevado prêmio em dinheiro a quem a denunciasse ou abatesse – a ela, a Karl Liebknecht e ao representante oficioso da Rússia soviética em Berlim, Karl Radek.

A garantia de pagamento do prêmio era avalizada pela palavra do genro de Philip Scheidemann, um dos primeiros ministros social-democratas num Governo da monarquia agonizante, e logo a seguir um dos primeiros num Governo da república nascente. Scheidemann fora camarada de Rosa Luxemburgo durante duas décadas nas fileiras do SPD.

As decisões estratégicas do “terror branco” foram tomadas entre Friedrich Ebert, antigo aluno de Rosa na escola do partido, promovido a líder do SPD após a morte de August Bebel, e o quartel-mestre-general Wilhelm Groener, em contato telegráfico e depois em telefonema secreto, logo no segundo dia da revolução, em 10 de novembro de 1918.

Perante a proclamação da república, que não conseguira evitar, Ebert assumia, contrariado, o cargo de chanceler; e Groener prometia o apoio dos militares ao novo governo, depois de se ter assegurado que este estava empenhado em combater o “bolchevismo”. Não era difícil obter garantias de Ebert, que, segundo ele próprio, odiava a revolução “como a peste” (ou, segundo outras versões, “como o pecado”). Muito disto viria a ser testemunhado por Groener em 1925, com uma candura desconcertante, no chamado processo da “punhalada nas costas” (*Dolchstoßprozess*).

As decisões táticas mais detalhadas do mesmo “terror branco” foram tomadas por um dos homens de confiança de Ebert, o ministro social-democrata Gustav Noske – o mesmo que se

justificava dizendo que “alguém tem de fazer o trabalho sujo”.

O verdadeiro organizador do duplo assassinio foi o capitão Waldemar Pabst, que o general Ludendorff considerava “um dos mais capazes oficiais do Estado-Maior” e que Noske classificava como “brilhante mas sem escrúpulos”. Fora chamado a Berlim com a sua Divisão da Guarda de Cavalaria, que ele de fato estava a comandar por impedimento de saúde do general Hoffmann.

Para uma reconstituição histórica de 1960³, o jornalista da ARD Dieter Ertel pôde ainda entrevistar Pabst. Nessa altura lhe contou o antigo oficial como decidira que, além de Liebknecht, tinha também de fazer assassinar Rosa Luxemburgo.

Segundo declarou o jornalista, Pabst foi a certa altura visitado por um tenente-coronel, que recebeu com a deferência devida a um superior hierárquico. E ficou chocado por ouvir desse oficial sênior a confissão de que presenciara um discurso de Rosa Luxemburgo e que o fascinara a seriedade dos seus argumentos e das suas razões. Segundo Pabst, foi esse o momento em que o plano homicida ganhou contornos no seu espírito.

Em 15 de janeiro de 1919, Karl Liebknecht e Rosa Luxemburg foram localizados graças à delação de informadores e levados para o Hotel Eden, onde funcionava o quartel-general da Divisão da Guarda de Cavalaria. Liebknecht foi interrogado por Pabst, entregue a dois oficiais da Marinha, os irmãos Pflugk-Hartung, e depois assassinado a tiro pelo tenente Rudolf Liepmann (ou, segundo uma outra versão, pelo próprio capitão Pflugk-Hartung). Chamado à responsabilidade perante um tribunal militar, este justificou-se alegando, em todo o caso, uma das habituais “tentativas de fuga”.

Luxemburgo foi igualmente interrogada por Pabst, que depois contactou telefonicamente com o ministro social-democrata Gustav Noske e obteve dele a luz verde para o duplo assassinio. Foi então levada para um automóvel à guarda do tenente Kurt

3 <https://www.youtube.com/watch?v=fh4ZO6NRsUY>

Vogel, agredida à coronhada pelo soldado Otto Runge, embarcada na viatura já inconsciente, depois abatida a tiro pelo tenente Hermann Souchon e lançada no *Landwehrkanal*, onde meses depois apareceu um cadáver que se supôs ser o seu.

Como o estado de inconsciência em que foi levada fora testemunhado por muita gente concentrada em frente do Hotel Eden e não permitia alegar uma “tentativa de fuga”, Pabst declarou perante o tribunal militar que Luxemburgo fora arrancada das mãos dos seus guardas por uma multidão enfurecida, raptada e provavelmente morta por essa multidão.

Invocando a proteção do “bom nome” de Souchon, os tribunais alemães proibiram a imprensa, já depois da Segunda Guerra Mundial, de citar os testemunhos que atribuíam a esse oficial o disparo fatal contra Luxemburgo. Mas, após a morte de Souchon, Ertel pôde finalmente ver emitida a segunda parte da sua reportagem, sempre obrigado a acrescentar-lhe a ressalva de se tratar de uma “interpretação histórica”.

Entretanto, numa entrevista publicada em *Der Spiegel*⁴ em 1962, Pabst envolveu-se em diversas contradições, afirmando por um lado que apenas dera ordens para Rosa e Karl serem conduzidos à prisão de Moabit, vangloriando-se por outro lado de ter mandado executá-los, e recusando finalmente responder à pergunta direta: “Não foi você mesmo quem mandou matá-los a ambos?”.

A uma outra pergunta, sobre o motivo de não ter entregado Luxemburgo, Liebknecht e um outro prisioneiro, Wilhelm Pieck, ao juiz de um tribunal marcial, que teoricamente seria o único competente para ordenar execuções ao abrigo do estado de sítio, Pabst respondeu que “não era fácil encontrar o juiz de um tribunal marcial numa noite de revolução, no que mesmo assim ainda era uma cidade muito revolucionária”. E logo acrescentou: “Além disso: para que é que o homem ia servir-me?”.

⁴ <https://www.spiegel.de/politik/ich-lies-rosa-luxemburg-richten-a-398e7863-0002-0001-0000-000045139766?context=issue>

Epílogo

Leo Jogiches, que fora durante muitos anos o companheiro de Rosa Luxemburgo, ficou como principal dirigente sobrevivido do KPD e empenhou-se fortemente em investigar o crime. Conseguiu obter um documento fotográfico sensacional, onde são reconhecíveis vários assassinos de Rosa e Karl, no Hotel Eden, na noite do crime, a festejarem a façanha.

A polícia, alarmada pelas revelações comprometedoras de Jogiches, deu a máxima prioridade à sua captura. Quando conseguiu capturá-lo, internou-o na prisão de Moabit e depois matou-o também, em mais uma alegada “tentativa de fuga”.

Algum tempo depois, a vaga de indignação contra os assassínios de Rosa Luxemburg e Karl Liebknecht obrigou as Forças Armadas a encenarem um simulacro de julgamento. A maior parte dos réus foi absolvida, com as exceções do tenente Vogel e do soldado Runge – o primeiro condenado a quatro meses, o segundo a dois anos de prisão.

O soldado Runge era um mentecapto que se prestava ao papel de bode expiatório e foi sacrificado pela hierarquia e pelos co-réus, como se verificava ainda, 43 anos depois, na citada entrevista de Pabst. Em consequência, foi Runge o único que de algum modo cumpriu parte da pena. Ao tenente Vogel, Noske rapidamente mandou facilitar a fuga da cadeia e o exílio na Holanda. Quando Vogel se fartou de viver no exílio, foi amnistiado para poder regressar.

O principal responsável operacional do crime, capitão Pabst, foi chamado ao julgamento apenas como testemunha. Só no ano seguinte, 1920, ao envolver-se ativamente no fracassado *putsch* de Kapp-Lüttwitz, teve de pagar esse envolvimento exilando-se na Áustria. Com a experiência que acumulara no *Freikorps*, rapidamente se tornou um quadro fundamental da milícia austrofascista, a *Heimwehr*.

Mais identificado com os fascismos italiano e austríaco, Pabst

nunca chegou a ser um nazi no pleno sentido da palavra, mas prestou aos nazis alguns serviços importantes, como o de organizar o exílio de Hermann Göring na Áustria, após o fracasso do “*putsch* da cervejaria” em 1923.

Com relações desenvolvidas na *Heimwehr* austríaca, Pabst fez depois a sua vida no tráfico de armas. No imediato pré-guerra e na Segunda Guerra Mundial, esteve à frente de uma fábrica de armas em Solothurn, na Suíça, que mantinha fortes ligações com Portugal e tinha como sócio Hans Eltze, um engenheiro nazi que chegou a ser amigo pessoal de Salazar.

No pós-guerra, Pabst pôde regressar à Alemanha Federal e beneficiar do clima de Guerra Fria. Em Bona, o discurso oficial deixou de referir-se ao assassinio de Luxemburgo e Liebknecht e passou a designá-lo como “execução ao abrigo da lei marcial” – ignorando, como vimos atrás, a circunstância de nenhum juiz ter sentenciado uma pena de morte, mesmo num sempre questionável tribunal de exceção. Fiel ao seu passado fascista, Pabst participou até à morte no mais importante partido da extrema-direita na Alemanha desse tempo, o NPD.

Uma figura fundamental para proteger os membros do comando que assassinara Rosa e Karl foi o capitão-tenente Wilhelm Canaris, que na qualidade de juiz do tribunal militar tudo fez para encobrir os envolvidos. Canaris chegaria mais tarde ao posto de almirante e viria a ser o chefe do serviço secreto militar de Hitler, a *Abwehr*. Mas em 1944, com fundamento ou sem ele, foi conotado com o *complot* de 20 de julho e, em consequência, enforcado por ordem do mesmo Hitler.

O procurador militar Paul Jorns protegeu tenazmente os réus contra qualquer interrogatório mais cerrado. Foi decisivo para obter as absolvições de quase todos e a benevolência das duas sentenças condenatórias. Veio a ser posteriormente o procurador principal no “Tribunal do Povo” da Alemanha nazi.

O antigo adversário de Luxemburgo, Eduard Bernstein, que

entretanto rompera com os “socialistas majoritários”, mandantes do assassinio, afirmou a propósito do assassinio: “Com ela, o socialismo perdeu uma lutadora imensamente talentosa, que poderia ter prestado à República serviços inestimáveis se uma falsa avaliação das possibilidades não a tivesse colocado no campo dos que se iludiam com uma política de violência”.

Também Lenine se referiu a Rosa Luxemburgo em termos indelgadamente elogiosos para a sua pena. Em 1921, quando o dissidente comunista Paul Levi invocou a autoridade de Rosa contra o poder dos soviets, Lenine replicou-lhe com palavras que ficaram na História.

Segundo o líder bolchevique, a Paul Levi “responderemos com a citação de duas linhas de uma fábula russa, ‘as águias podem por vezes voar mais baixo do que as galinhas, mas as galinhas nunca se elevarão à altura das águias’. Rosa Luxemburgo (...), apesar dos seus erros, foi e para nós continua a ser uma águia (...). E, claro, no pátio traseiro do movimento operário, no meio do esterco, galinhas como Paul Levi, Scheidemann, Kautsky e toda a sua confraria hão-de cacarejar sobre os erros cometidos pela grande comunista”.

**Artigos selecionados
de Rosa
Luxemburgo**

Folheto Junius¹

Rosa Luxemburgo

Parte I

A situação mudou completamente. A marcha de seis semanas sobre Paris se converteu num drama mundial. O assassinato em massa se transformou numa tarefa monótona, mas a solução final não parece estar mais próxima. O capitalismo ficou preso em sua própria armadilha e não pôde exorcizar o espírito que invocou.

Passou o primeiro delírio. Passaram os tempos das manifestações patrióticas nas ruas, da perseguição de automóveis de aspecto suspeito, dos telegramas falsos, dos poços de água envenenados com o vírus da cólera. Já terminou a época das histórias fantásticas de estudantes russos que atiram bombas das pontes de Berlim, ou de franceses que sobrevoam Nurembergue; acabaram-se os dias em que o povo cometia excessos ao sair para caçar espíões, das multidões cantando, dos cafés com coros patrióticos; não mais turbas violentas, prontas a denunciar, a perseguir mulheres, a chegar até o frenesi do delírio diante de cada rumor; se dissipou a atmosfera do assassinato ritual, o ar de Kishinev, que fazia com que o vigilante da esquina fosse o único representante que restava da dignidade humana².

O espetáculo terminou. A tela desceu sobre os trens entupidos de reservistas, que partem em meio à alegre gritaria de moças entusiastas. Já não vemos seus rostos risonhos, sorrindo alegremente das janelas do trem para uma população faminta de

¹ Rosa concluiu a redação do "Folheto Junius" em abril de 1915. No entanto, o texto só foi publicado em abril de 1916. Merecedor do elogio de Lênin, o qual afirmou que se tratava de "um esplêndido trabalho marxista". Publicado originalmente em https://www.marxists.org/portugues/luxemburgo/1915/04/folheto_junios.pdf.

² Refere-se aos rumores oficiais e semi-oficiais que circulavam em princípios de agosto para justificar a declaração de guerra: que as tropas russas haviam penetrado na Alemanha, que os exércitos franceses haviam bombardeado Nuremberg, que um médico francês havia envenenado os poços em Montsigny, que dois franceses haviam sido mortos ao tentar explodir um túnel ferroviário. "Ar de Kishinev" simbolizava uma atmosfera de pogrom [Nota da edição americana].

guerra. Andam silenciosamente pelas ruas, com as trouxas no ombro. E o público, com rosto preocupado, volta a seus afazeres diários.

Na atmosfera de desilusão da pálida luz do dia ressoa outro coro: o severo grasnar dos gaviões e o riso das hienas nos campos de batalha. Dez mil tendas, garantidas segundo as instruções, cem mil quilos de toucinho, cacau em pó, substituto do café, pagos contra a entrega. Metralhadora, instrução militar, bolsas de munições, agências matrimoniais para as viúvas de guerra, cinturões de couro, ordens de guerra: somente se levarão em conta as propostas sérias. E a carne de canhão que subiu nos trens em agosto e setembro apodrece nos campos de batalha da Bélgica e dos Vosgos enquanto os lucros crescem como joio entre os mortos.

Os negócios florescem sobre as ruínas. As cidades se transformam em escombros, países inteiros em desertos, aldeias em cemitérios, nações inteiras em mendigos, igrejas em estábulos. Os direitos do povo, as alianças, os tratados, as palavras santas, as maiores autoridades estão feito pedaços; cada soberano pela graça de Deus recebe a pecha de estúpido, de desgraçado e mal-agrado de parte do seu primo do outro lado da fronteira; cada chanceler qualifica seus colegas dos países inimigos de criminosos desesperados; cada governo olha os demais como se fossem o anjo mau de seu povo, digno apenas do desprezo do mundo. A fome campeia em Veneza, em Lisboa, em Moscou, em Singapura; a peste na Rússia, a miséria e o desespero em todos os lugares.

Sem vergonha, sem honra, nadando em sangue e espalhando imundície: assim vemos a sociedade capitalista. Não como a vemos sempre, desempenhando papéis de paz e retidão, ordem, filosofia, ética, mas como besta vociferante, orgia de anarquia, emanção pestilenta, devastadora da cultura e da humanidade: assim nos aparece em toda sua horrorosa crueza.

E no meio desta orgia, ocorreu uma tragédia mundial: a social-democracia alemã capitulou. Tapar os olhos frente a este fato, tratar de ocultá-lo, seria o mais idiota, o mais perigoso que o proletariado internacional pode fazer. “O democrata (ou seja, a classe média revolucionária) - escreve Karl Marx - sai do poço mais vergonhoso tão imaculado como quando entrou inocentemente nele. Com sua confiança na vitória fortalecida, tem mais que nunca a plena certeza de que ele e seu partido não precisam de princípios novos, que os acontecimentos e as circunstâncias é que devem se ajustar a ele.” Tão gigantescos como seus problemas são seus erros. Nenhum plano firmemente elaborado, nenhum ritual ortodoxo válido para todos os tempos lhe mostra o caminho a seguir. A experiência histórica é seu único mestre, sua Via Dolorosa até a liberdade está marcada não só de sofrimentos inenarráveis, mas também de incontáveis erros. O objetivo da viagem, a libertação definitiva, depende completamente do proletariado, de se este aprende por seus próprios erros. A auto-crítica, a crítica cruel e implacável que vai até a raiz do mal, é vida e alento para o proletariado. A catástrofe em que o mundo jogou o proletariado socialista é uma desgraça sem precedentes para a humanidade. Porém, o socialismo está perdido unicamente se o proletariado é incapaz de medir a envergadura da catástrofe e se nega a compreender suas próprias lições.

Estão em jogo os últimos quarenta e cinco anos de história do movimento operário. A situação atual é um acerto de contas, um saldo do débito e crédito de meio século de trabalho. Na tumba da Comuna de Paris jaz enterrada a primeira fase do movimento operário europeu e a Primeira Internacional. No lugar das revoluções, motins e barricadas espontâneas, depois das quais o proletariado voltava a cair na passividade, apareceu a luta diária e sistemática, a utilização do parlamentarismo burguês, a organização de massas, a união férrea da luta econômica com a política, dos ideais socialistas com a defesa tenaz dos interesses mais ime-

diatos. Pela primeira vez o conhecimento científico guiava a causa da emancipação do proletariado. Em lugar das seitas e escolas, de empresas e experiências utópicas em cada país, total e completamente separadas umas das outras, temos uma base teórica uniforme e internacional que une as nações. As obras teóricas de Marx foram uma bússola para a classe operária de todo o mundo fixar sua tática hora após hora, em busca da única meta imutável.

O portador, o defensor, o protetor do novo método foi a social-democracia alemã. A guerra de 1870 e a derrota da Comuna de Paris haviam transferido o centro de gravidade do movimento operário europeu para a Alemanha. Assim como a França foi o país clássico da primeira etapa da luta de classe do proletariado, assim como Paris foi o coração, roto e ensangüentado, da classe operária européia, a classe operária alemã se transformou na vanguarda da segunda etapa. Com incontáveis sacrifícios, pelo trabalho de agitação, construiu a organização mais forte, a organização-modelo do proletariado, criou a maior imprensa, desenvolveu os métodos mais eficazes de educação e propaganda. Reuniu sob sua bandeira as massas trabalhadoras mais numerosas, e elegeu as maiores bancadas nos parlamentos nacionais.

Em geral se reconhece que a social-democracia alemã é a encarnação mais pura do socialismo marxista. Adquiriu um grande prestígio como mestra e dirigente da Segunda Internacional e o utilizou. Em seu famoso prólogo para *A luta de classes na França* de Marx, Friedrich Engels escreveu: “porém, ocorra o que ocorrer em outros países, a social-democracia alemã tem uma posição especial, e com ela, no momento pelo menos, uma tarefa especial também. Os dois milhões de eleitores que envia às urnas, junto com os jovens e mulheres que estão atrás deles e não têm um voto, formam a massa mais numerosa e mais compacta, a ‘tropa de choque’ decisiva do exército proletário mundial”³. Como disse o *Wiener Arbeiterzeitung* de 5 de agosto de 1914,

3 Citado de Friedrich Engels, prólogo de *A luta de classes na França*, Buenos Aires, Polémica, p. 33.

a social-democracia alemã era a jóia das organizações do proletariado consciente. A social-democracia da França, da Itália e da Bélgica, os movimentos operários da Holanda, Escandinávia, Suíça e Estados Unidos seguiam iludidos seus passos. As nações eslavas, os russos e os social-democratas dos Bálcãs contemplavam ao movimento alemão com admiração infinita, quase cega. Na Segunda Internacional, a social-democracia alemã era sem dúvida o fator decisivo. Em cada congresso, em cada plenária do Burô Socialista Internacional, tudo dependia da posição do grupo alemão.

Especialmente na luta contra a guerra e o militarismo, a posição da social-democracia sempre foi decisiva. Bastava um “nós, alemães, não podemos aceitar” para determinar a orientação da Internacional. Com cega confiança todos se submetiam à direção da admirada e poderosa social-democracia alemã. Era o orgulho de todos os socialistas, o terror das classes dominantes de todos os países.

E o que aconteceu na Alemanha quando ocorreu a grande crise histórica? A pior queda, o pior cataclisma. Em nenhum lugar a organização proletária se submeteu tão docilmente ao imperialismo. Em nenhum lugar se suportou o estado de sítio com tanta submissão. Em nenhum lugar se amordaçou assim a imprensa, se abafou tanto a opinião pública; em nenhum lugar se abandonou tão completamente a luta política e sindical da classe operária como na Alemanha.

Porém, a social-democracia alemã não era somente o organismo mais forte da Internacional. Era também seu cérebro pensante. Por isso, o processo de auto-análise e apreciação deve começar em seu próprio movimento, em seu próprio caso. Sua honra a obriga a encabeçar a luta pelo resgate do socialismo internacional, a iniciar a crítica implacável de seus próprios erros.

Nenhum outro partido, nenhuma outra classe na sociedade capitalista pode atrever-se a refletir seus erros, suas próprias de-

bilidades no espelho da razão, para que todo mundo as veja, porque o espelho refletiria a sorte que a história lhe tem reservada. A classe operária sempre pode olhar a verdade cara a cara, ainda que isto signifique a mais tremenda auto-acusação, porque sua debilidade não foi senão um erro, e as leis inexoráveis da história lhe dão forças e lhe asseguram a vitória final.

Esta crítica implacável não só é uma necessidade fundamental, mas também um dos máximos deveres da classe operária. Temos os maiores tesouros da humanidade e a classe operária está destinada a ser seu protetor. Enquanto a sociedade capitalista, sem vergonha e sem honra, corre em meio a uma orgia sangrenta ao encontro do seu destino, o proletariado internacional reunirá os tesouros que foram jogados ao fundo no torvelinho selvagem da guerra mundial em um momento de confusão e debilidade. Uma coisa é certa. É uma ilusão idiota acreditar que basta sobreviver à guerra, como um coelho se oculta sob um arbusto até que passe a tormenta, para seguir alegremente seu caminho no passo de sempre, quando tudo passa. A guerra mundial mudou as circunstâncias da nossa luta, e, sobretudo, mudou a nós próprios.

Não é que tenham mudado ou se minimizado as leis do desenvolvimento capitalista ou o conflito entre o capital e o trabalho. Ainda agora, no meio da guerra, as máscaras caem e as velhas caras que conhecemos nos sorriem com ar velhaco. Porém os acontecimentos receberam o poderoso ímpeto da explosão do vulcão imperialista. A enormidade das tarefas que se apresentam diante do proletariado socialista no futuro imediato faz com que, em comparação, as lutas do passado pareçam um delicioso idílio.

A guerra possui a missão histórica de dar um poderoso ímpeto à causa dos trabalhadores. Marx, cujos olhos proféticos previram tantos acontecimentos históricos enquanto estavam no ventre do futuro, escreve o seguinte parágrafo significativo em *A luta de classes na França*: “Na França, o pequeno-burguês faz o que

normalmente deveria fazer o burguês industrial; o operário faz o que normalmente deveria ser a missão do pequeno-burguês; e a missão do operário, quem a cumpre? Ninguém. As tarefas do operário não são feitas na França; apenas são proclamadas. Sua solução não pode ser alcançada em nenhuma parte dentro das fronteiras nacionais; a guerra de classes dentro da sociedade francesa se transformará numa guerra mundial entre nações. A solução começará a partir do momento em que, através da guerra mundial, o proletariado seja empurrado a dirigir o povo que domina o mercado mundial, a dirigir a Inglaterra. A revolução, que não encontrará aqui seu fim, mas sim seu começo organizativo, não será uma revolução de fôlego curto. A atual geração se parece com os judeus que Moisés conduzia pelo deserto. Não apenas tem que conquistar um mundo novo, mas tem que perecer para deixar lugar aos homens que estejam à altura do novo mundo⁴.

Isto foi escrito em 1850, quando a Inglaterra era o único país com um desenvolvimento capitalista, quando o proletariado inglês era o melhor organizado e parecia destinado, pelo desenvolvimento industrial de seu país, a assumir a direção do movimento operário internacional. Leiamos Alemanha onde está escrito Inglaterra, e as palavras de Marx se transformam numa profecia genial da presente guerra mundial. Esta tem a missão de levar o proletariado alemão “à direção do povo e assim criar o começo do grande conflito internacional entre capital e trabalho pela supremacia política do mundo”.

Alguma vez tivemos uma concepção distinta do papel a desempenhar pela classe operária na grande guerra mundial? Por acaso nos esquecemos como descrevíamos este iminente acontecimento há apenas alguns anos? “Então virá a catástrofe. Toda a Europa será convocada às armas, e dezesseis a dezoito milhões de homens, a flor das nações, armados com as melhores ferramentas para o assassinato, levarão a guerra uns contra os outros.

4 Karl Marx, op. cit., p. 142.

Mas penso que atrás desta marcha desponta a derrubada final. Não somos nós, mas sim eles que a realizarão. Estão levando as coisas ao extremo, nos dirigem direto para a catástrofe. Colheirão o que semearam. Estamos frente ao *Gotterdémmerung*⁵ do mundo burguês. Podem estar seguros disso. Se o vê vir.” Assim falou Bebel⁶, porta-voz da nossa bancada no Reichstag, sobre a questão de Marrocos.

Uma nota oficial publicada pelo partido, Imperialismo e socialismo, distribuída em centenas de milhares de exemplares há poucos anos, termina com as seguintes palavras: “Assim, a luta contra o militarismo é cada vez mais uma luta decisiva entre capital e trabalho. Guerra, preços elevados: capitalismo; paz, felicidade para todos: socialismo! A opção é vossa. A história se apressa a chegar a seu desenlace. O proletariado deve brigar incansavelmente por cumprir sua missão mundial, deve fortalecer o poder de sua organização e a clareza de sua compreensão. Então, aconteça o que acontecer, se consegue mediante o exercício de seu poder salvar a humanidade das horríveis crueldades da guerra mundial, ou se o capitalismo volta atrás na história e morre como nasceu, no sangue e na violência, o momento histórico encontrará a classe operária preparada, e a preparação é tudo”.

A cédula oficial para o eleitor socialista de 1911, ano da última eleição parlamentar, contém na página 42 o seguinte comentário sobre a guerra que se avizinhava: “Ousam nossos governantes e classes dominantes exigir semelhante horror ao povo? Não se espalhará em todo o país um clamor de fúria, de horror, de indignação que levará o povo a pôr fim a esse assassinato? Não perguntarão, talvez: Para quem e para quê? Por acaso somos loucos para que se nos tratem assim, ou para que aceitemos semelhante tratamento? Todo aquele que estude com objetividade as possibi-

5 Literalmente, crepúsculo dos deuses. Título da quarta e última ópera *O Anel dos Nibelungos*, de Wagner; simboliza um estado de decadência e dissolução acompanhado de tremenda violência e caos.

6 August Bebel (1840-1913): um dos fundadores e dirigentes do Partido Social-Democrata Alemão e da Segunda Internacional. Foi sentenciado à prisão junto com W. Liebknecht por traição. Autor de *A mulher e o socialismo*. Adversário das tendências revisionistas.

lidades de uma grande guerra mundial europeia não pode chegar a outra conclusão.

A próxima guerra europeia será um jogo como o mundo nunca viu. Será provavelmente a última guerra”. Com essas palavras os socialistas ganharam seus cento e dez lugares no Reichstag. Quando no verão de 1911 o Panther fez uma breve viagem ao Agadir, e o ruidoso clamor dos imperialistas alemães precipitou a Europa para a guerra mundial⁷, uma reunião internacional, celebrada no dia 4 de agosto em Londres, aprovou a seguinte resolução:

“Pela presente, os delegados das organizações operárias da Alemanha, Espanha, Inglaterra, Holanda e França, se manifestam dispostos a se opor a toda declaração de guerra com todos os meios a sua disposição. Cada uma das nacionalidades aqui representadas se compromete, de acordo com as resoluções aprovadas em seus respectivos congressos nacionais e internacionais, a opor-se às manobras criminosas das classes dominantes”.

Porém, quando o Congresso Internacional pela Paz se reuniu em novembro de 1912 em Basileia⁸, quando a imensa coluna de delegados operários penetrou na catedral, o pressentimento de que se avizinhava a hora fatal os fez tremer, e a heróica resolução se fez carne em todos.

Victor Adler⁹, frio e cético, exclamou: “Camaradas, é sumamente importante que aqui, na fonte comum do nosso poder, todos e cada um dos presentes retire daqui a força para fazer em seu país tudo o que possa, por todos os meios e formas que

7 Em julho de 1911 o cruzador de guerra alemão Panther saiu rumo a Agadir, no Marrocos, para “proteger os interesses alemães”, ou seja, para conseguir minas de ferro para as fábricas de aço Mannesmann. A guerra esteve a ponto de irromper entre a França e a Alemanha, mas, frente à ameaça de intervenção britânica, a Alemanha se retirou. No Tratado de Berlim, em novembro de 1911, a Alemanha recebeu uma parte de Camerun, e abandonou suas pretensões no Marrocos [Nota da edição americana].

8 O Congresso de Paz da Basileia, Suíça, reuniu-se na catedral dessa cidade em 24 e 25 de novembro de 1912. A causa imediata era o temor de uma guerra europeia, posto que Montenegro havia declarado guerra à Turquia em outubro, provocando um problema nos Balcãs. Esta foi a última reunião geral da Segunda Internacional antes da guerra, e sua importância reside em que, pela primeira vez, uma conferência de paz socialista reconheceu que havia passado a época das guerras nacionais na Europa e que daí em diante todas as guerras seriam imperialistas [Nota da edição americana].

9 Victor Adler (1852-1918): fundador e dirigente da social-democracia austríaca, membro da direção da Segunda Internacional. Defensista durante a guerra.

disponha, para opor-se ao crime da guerra, e se conseguirmos, se realmente impedimos o início da guerra, que seja esta a pedra fundamental da nossavitoria próxima. Esse é o espírito que anima a nossa Internacional”.

“E se o assassinato e a destruição arrasam toda a Europa civilizada, esta idéia provoca nosso horror e indignação, e os gritos de protesto brotam em nosso coração. E perguntamos: Por acaso os proletários de hoje são ovelhas que se deixam levar mansa e silenciosamente ao matador?”

Troelstra¹⁰ falou em nome das pequenas nações e também dos belgas: “Com seu sangue e com tudo o que possua, o proletariado dos pequenos países jura sua adesão à Internacional e a todas as medidas que esta adote para impedir a guerra. E reiteramos que esperamos, quando as classes dominantes chamem os filhos do proletariado às armas para saciar seu apetite de poder e a cobiça de seus dirigentes às custas do sangue e das terras dos povos pequenos, esperamos que os filhos do proletariado, sob a influência poderosa de seus pais proletários e da imprensa proletária, pensem três vezes antes de vir nos ferir, seus amigos, a serviço dos inimigos da cultura”.

Lido o manifesto antibélico do Burô Internacional¹¹, Jaurés¹², em seu discurso de encerramento, disse: “A Internacional representa as forças morais do mundo! Quando soar a hora trágica, quando for necessário nos sacrificarmos, isto nos ancorará e fortalecerá. Declaramos, não com ligeireza, mas desde o fundo dos nossos corações, que estamos dispostos a enfrentar todos os sacrifícios!”

Foi como o juramento de Ruetli. O mundo dirigiu seu olhar

10 Pieter Jelles Troelstra (1860-1932): dirigente da social-democracia holandesa; membro da direção da Segunda Internacional; defensor durante a guerra.

11 O Burô Socialista Internacional, criado em 1900, era o centro da Segunda Internacional. Sua sede estava em Bruxelas.

12 Jean Jaurés (1859-1914): dirigente máximo do socialismo francês. Fundou o jornal *L'Humanité* em 1890. Depois do caso Dreyfus, Jaurés formou um bloco de socialistas e radicais para apoiar Millerand no governo burguês. Grande adversário do militarismo e da guerra. Assassinado em 31 de julho de 1914. O assassino foi absolvido por patriotismo.

para a Catedral da Basílica, onde os sinos, lenta e solenemente, dobravam pela grande luta entre os exércitos do capital e do trabalho.

No dia 3 de setembro de 1912, o deputado social-democrata David falou no Reichstag: “Foi o momento mais bonito da minha vida. Afirmando aqui. Quando os sinos da Catedral dobraram para a grande coluna de social-democratas internacionalistas, quando as bandeiras vermelhas flamejaram na nave em torno do altar, quando o grande órgão fez ressoar sua mensagem de paz para saudar os emissários do povo, senti uma impressão que jamais esquecerei (...).

“Todos vocês devem compreender o que se passou aqui. As massas deixaram de ser um rebanho sem vontade nem consciência. É um fato novo na história universal. Até agora as massas seguiram cegamente aqueles a quem interessa a guerra, aos que conduzem os povos à matança em massa. Isto acabará. As massas deixaram de ser os instrumentos, os soldados dos que fazem seus lucros com a guerra”.

Em 26 de julho de 1914, uma semana antes de irromper a guerra, a imprensa do partido alemão disse: “Não somos testas-de-ferro; lutamos com todas as nossas forças contra um sistema que transforma os homens em instrumentos impotentes do destino cego, contra o capitalismo que se apressa em transformar a Europa, sedenta de paz, em um sangrento campo de batalha. Se a destruição prosseguir, se a firme vontade de paz do proletariado alemão e internacional, que se expressará no curso dos próximos dias em grandes manifestações, for incapaz de impedir a guerra mundial, esta será, pelo menos, a última guerra, o Gotterdiimierung do capitalismo”.

Em 13 de julho de 1914 o órgão central da social-democracia alemã proclamou: “O proletariado socialista rechaça toda responsabilidade pelos acontecimentos precipitados por uma classe dominante cega e à beira da loucura. Sabemos que para nós

surgirá uma nova vida das ruínas. Mas a responsabilidade recai sobre os governantes atuais.

“Para eles, trata-se de sua própria existência! “É o julgamento final da história mundial!”. E então chegou o espantoso, o incrível 4 de agosto de 1914.

Era necessário que ocorresse? Um acontecimento de tamanha importância não pode ser um mero acidente. Deve obedecer a profundas causas objetivas. Ou talvez essas causas se encontrem nos erros da direção proletária, na própria social-democracia, no fato de que nossa disposição para a luta tenha fraquejado, de que nossas convicções nos tenham abandonado. O socialismo científico nos ensinou a reconhecer as leis objetivas do desenvolvimento histórico. O homem não faz a história por sua vontade própria, mas a faz mesmo assim. O proletariado depende em sua ação do grau alcançado pela evolução social. Porém a evolução social não é algo separado do proletariado; é ao mesmo tempo sua força motriz e sua causa, tanto como seu produto e seu efeito. E ainda, que não possamos saltar uma etapa em nosso processo histórico, assim como um homem não pode saltar por cima de sua própria sombra, está em nosso poder acelerá-la ou retardá-la.

O socialismo é o primeiro movimento popular do mundo que se impôs uma meta e colocou na vida social do homem um pensamento consciente, um plano elaborado, a livre vontade da humanidade. Por isso Engels chama a vitória final do proletariado socialista de salto da humanidade do reino animal ao reino da liberdade. Este passo também está ligado por leis históricas inalteráveis aos milhares de degraus da escada do passado, com seu avanço lento e tortuoso. Porém, jamais será possível se a chama da vontade consciente das massas não surge das circunstâncias materiais que são fruto do desenvolvimento anterior. O socialismo não cairá como um maná do céu. Só será conquistado numa grande cadeia de poderosas lutas nas quais o proletariado, dirigido pela social-democracia, aprenderá a manejar o timão da

sociedade para converter-se de vítima impotente da história em seu guia consciente.

Friedrich Engels disse uma vez: “A sociedade capitalista se acha num dilema: avanço ao socialismo ou regressão à barbárie”. O que significa “regressão à barbárie” na etapa atual da civilização européia? Lemos e citamos estas palavras rapidamente, sem poder conceber seu terrível significado. Neste momento basta olhar ao nosso redor para compreender o que significa a regressão à barbárie na sociedade capitalista. Esta guerra mundial é uma regressão à barbárie. O triunfo do imperialismo conduz à destruição da cultura, momentaneamente se se trata de uma guerra moderna, para sempre se o período de guerras mundiais que acaba de se iniciar prosseguir seu maldito curso até as últimas conseqüências. Assim nos encontramos hoje, tal como profetizou Engels há uma geração, frente a terrível opção: ou triunfa o imperialismo e provoca a destruição de toda cultura e, como na Roma antiga, o despovoamento, a desolação, a degeneração, um imenso cemitério; ou triunfa o socialismo, ou seja, a luta consciente do proletariado internacional contra o imperialismo, seus métodos, suas guerras. Tal é o dilema da história universal, sua alternativa de ferro, sua balança oscilando no ponto de equilíbrio, aguardando a decisão do proletariado. Dela depende o futuro da cultura e da humanidade. Nesta guerra o imperialismo triunfou. Sua espada brutal e assassina precipitou a balança, com surpreendente brutalidade, para as profundezas do abismo da vergonha e da miséria. Se o proletariado aprende, a partir desta guerra e nesta a esforçar-se, a sacudir o jugo das classes dominantes, a transformar-se em dono de seu destino, a vergonha e a miséria não terão sido em vão.

A classe operária moderna deve pagar um alto preço por cada avanço em sua missão histórica. O caminho ao Gólgota de sua libertação de classes está infestado de sacrifícios espantosos. Os combatentes de Junho, as vítimas da Comuna, os mártires da

Revolução Russa¹³: uma lista interminável de fantasmas sangrentos. Caíram no campo de honra, como disse Marx referindo-se aos heróis da Comuna, para ocupar para sempre seu lugar no grande coração da classe operária. Agora, milhões de proletários estão caindo no campo da desonra, do fratricídio, da autodestruição, com a canção do escravo em seus lábios. Nem isso nos foi perdoado. Somos como os judeus que Moisés levou pelo deserto. Mas não estamos perdidos e a vitória será nossa se não nos esquecermos como se aprende. E se os dirigentes modernos do proletariado não sabem como se aprende, cairão para “deixar lugar para os que sejam mais capazes de enfrentar os problemas do mundo novo”.

Parte II

“Encontramo-nos ante o fato irrevogável da guerra. Ameaçam-nos os horrores da invasão. Hoje não se trata de decidir a favor ou contra a guerra; para nós, o problema é um só: como conduzir esta guerra? Muito, sim, todo nosso povo e nosso futuro estão em perigo se o despotismo russo, manchado com o sangue do seu próprio povo, resulta vencedor. Há que evitar este perigo, salvar a civilização e a independência do nosso povo. De modo que cumpriremos o que sempre prometemos: na hora do perigo não abandonaremos nossa pátria. Nisto acreditamos estar de acordo com a Internacional, que sempre reconheceu o direito dos povos a sua independência nacional, assim como estamos de acordo com a Internacional na denúncia enérgica de toda guerra de conquista. Levados por estes motivos, votamos a favor do imposto de guerra que exige o governo.”

Estas palavras da bancada parlamentar foram a contra-senha que fixou e controlou a posição da classe operária alemã durante

13 A Revolução Russa de 1905 surgiu pelo descontentamento criado pela guerra russo-japonesa e pelo despotismo czarista. Começou em janeiro com o massacre de uma manifestação pacífica, o "Domingo Sangrento", e desencadeou uma onda de greves que culminaram com a formação de um começo de duplo poder com os soviets (o mais importante foi o de Petersburgo). Foi esmagada em dezembro do mesmo ano.

a guerra. A pátria em perigo, a defesa nacional, a guerra popular pela sobrevivência, a Kultur¹⁴, a liberdade: tais eram as ordens proclamadas pelos representantes parlamentares da social-democracia. O que veio depois foi a consequência lógica. A posição da imprensa sindical e partidária, o frenesi patriótico das massas, a paz civil, a desintegração da Internacional, todos estes fatos foram consequência desta orientação da bancada parlamentar.

Se é certo que nesta guerra se joga a existência nacional, a liberdade, se é certo que apenas a ferramenta de aço do assassinato pode salvar estes tesouros sem preço, se é certo que esta guerra é a causa santa do povo, então devemos aceitar todas as consequências da guerra como parte do trato. Aquele que deseja o fim deve aceitar os meios. A guerra é assassinato gigantesco, metódico, organizado. Porém, nos seres humanos normais, este assassinato sistemático é possível apenas se previamente foi alcançado um certo grau de embriaguez. Este sempre foi o método praticado e garantido dos que lideraram as guerras. A ação bestial deve contar com a mesma bestialidade de pensamento e sentido: esta acompanha e prepara aquela. Assim, o Wahre Jacob de 28 de agosto de 1914 com seu retrato brutal do caminho alemão, os jornais partidários de Chemnitz, Hamburgo, Kiel, Frankfurt, Coburgo e outros, com suas alegações patrióticas em prosa e verso, foram o estupefaciente necessário para um proletariado que podia resgatar sua liberdade e sua existência somente ao custo de afundar o aço mortífero no corpo de seus irmãos franceses e ingleses. Estes jornais chovinistas são, depois de tudo, muito mais coerentes do que os que trataram de unir o vale à montanha, o assassinato com o amor fraterno, o voto pelo orçamento de guerra com o internacionalismo socialista.

Se a posição assumida pela bancada socialista do Reichstag alemão em 4 de agosto foi correta, foi pronunciada a sentença de morte para a Internacional proletária, nesta guerra e para sem-

14 Refere-se à cultura nacional alemã.

pre. Pela primeira vez desde o aparecimento do proletariado moderno, há um abismo entre os mandamentos de solidariedade internacional dos proletários do mundo e os interesses de liberdade e existência nacional dos povos; pela primeira vez descobrimos que a independência e a liberdade das nações exigem que os operários se matem e se destruam mutuamente. Até agora acreditávamos que os interesses dos povos de todas as nações, que os interesses de classe do proletariado, formavam uma unidade harmoniosa, que eram idênticos, que não podiam entrar em conflito. Esta era a base de nossa teoria e prática, o espírito de nossa agitação. Por acaso erramos o eixo central de toda nossa filosofia universal? O socialismo internacional está no banco dos réus.

Esta guerra mundial não constitui a primeira crise porque atravessam nossos princípios nacionais. A primeira prova para nosso partido foi há quarenta e cinco anos. Em 21 de julho de 1870, Wilhelm Liebknecht¹⁵ e August Bebel fizeram a seguinte declaração histórica no Reichstag: “Esta guerra é uma guerra dinástica, que serve aos interesses da dinastia Bonaparte, assim como a guerra de 1866 serviu aos interesses da dinastia Hohenzollern. Não podemos votar a favor dos fundos que o governo exige para a guerra porque isto equivaleria a um voto de confiança no governo prussiano. E sabemos que o governo prussiano, com sua ação de 1866, preparou esta guerra. Ao mesmo tempo não podemos votar contra o imposto, porque poderia ser interpretado como se apoiássemos a política irresponsável e criminosa de Bonaparte”¹⁶.

“Como opositores principistas de toda guerra de dinastias, como republicanos socialistas e membros da Associação Internacional de Trabalhadores¹⁷, que, sem distinção de nacionalida-

15 Wilhelm Liebknecht (1826-1900): participou na Revolução Alemã de 1848. Foi exilado na Inglaterra, onde se fez discípulo de Marx e Engels. Voltou à Alemanha logo após a anistia de 1860 e construiu um partido marxista que se uniu ao de Lassalle para constituir o PSD. Preso em 1872. Defendeu a ortodoxia marxista contra o revisionismo.

16 Refere-se a Napoleão III (Luís Bonaparte), 1808-1873, sobrinho de Napoleão I e imperador de 1852 a 1870.

17 Associação Internacional de Trabalhadores (Primeira Internacional): fundada por Marx e Engels em 1864. Depois da derrota da Comuna de Paris (1871), seu centro se transferiu para os EUA. O último congresso foi

de, lutou contra todos os opressores, tratou de unificar todos os oprimidos em uma grande irmandade, não podemos prestar um apoio direto nem indireto a esta guerra. Portanto, nos negamos a votar, ao mesmo tempo que expressamos nossa sincera esperança de que os povos da Europa, instruídos por estes acontecimentos indignos, lutarão para conseguir o controle de seus próprios destinos, para liquidar o domínio de poder e de classe, causa de todos os males sociais e nacionais.”

Com esta declaração os deputados do proletariado alemão colocaram sua causa, claramente e sem reservas, sob o estandarte da Internacional, repudiaram a guerra contra a França como guerra nacional de independência. Todos sabem que muitos anos depois, em suas memórias, Bebel disse que teria votado contra o fundo de guerra se soubesse o que ocorreria nos anos seguintes.

Assim, numa guerra que toda a burguesia e uma grande maioria do povo influenciado pela estratégia bismarckiana consideravam que servia aos interesses nacionais da Alemanha, os dirigentes da social-democracia alemã se aferraram à convicção de que o interesse nacional e o interesse de classe do proletariado é um só e ambos se opõem à guerra. Esta guerra mundial e esta bancada social-democrata descobriram pela primeira vez a terrível alternativa: liberdade nacional ou... socialismo internacional.

É um fato quase seguro que a declaração da bancada parlamentar foi uma inspiração repentina. Foi um simples eco do discurso da coroa e do discurso do chanceler de 4 de agosto. “Não nos impulsiona o desejo de conquista – lemos no discurso da coroa –, nos inspira a decisão inalterável de conservar a terra que Deus nos deu para nós e para as gerações futuras. No documento que lhes apresentamos, tereis visto que meu governo e sobretudo meu chanceler brigaram, até o último momento, para evitar a guerra. Pegamos a espada em defesa própria, com a consciência clara e as mãos limpas.” E Bethmann-Hollweg¹⁸ declarou: “Cava-

celebrado em 1876.

18 Theobold von Bethmann-Hollweg (1865-1921): Chanceler do Império Alemão entre 1909 e 1917.

lheiros, atuamos em defesa própria, e a necessidade não conhece restrições. Aquele que se vê ameaçado como nós estamos, aquele que luta pelos objetivos mais elevados só pode guiar-se por uma consideração: como evitar a luta. Lutamos pelos frutos do nosso trabalho pacífico, pelo legado do nosso grande passado, pelo futuro da nossa nação”.

Em que difere isto da declaração social-democrata? 1) Fizemos o possível para preservar a paz, o inimigo nos obriga à guerra. 2) Agora que a guerra chegou, devemos nos defender. 3) Nesta guerra, o povo alemão corre o risco de perder tudo. Esta declaração da nossa bancada parlamentar é obviamente uma repetição da declaração do governo com outras palavras. Assim como este baseia suas intenções nas negociações diplomáticas e telegramas imperiais, a bancada socialista recorda as manifestações pacifistas da socialdemocracia antes da guerra. Ali onde o discurso da coroa nega qualquer afã de conquista, a bancada do Reichstag repudia toda guerra de conquista invocando o socialismo. E quando o imperador e o chanceler proclamam: “Lutamos pelos mais elevados princípios. Não conhecemos partidos, mas alemães”, a declaração social-democrata repete, como um eco: “Nosso povo arrisca tudo. Nesta hora de perigo não abandonaremos nossa pátria”.

Há apenas um ponto em que a declaração social-democrata difere de seu modelo, o governamental: coloca o despotismo russo no centro da sua orientação, como perigo para a liberdade alemã. O discurso da coroa diz a respeito da Rússia: “Com grande pesar me vi obrigado a me mobilizar contra um vizinho em cujo lado combati em tantos campos de batalha. Com pesar sincero vi como uma amizade respeitada fielmente pela Alemanha cai feito pedaços”. A bancada social-democrata transforma esta penosa ruptura de uma amizade sincera com o czar russo em um libelo pela liberdade contra o despotismo, utilizando o prestígio revolucionário do socialismo para munir a guerra de um manto

democrático, de uma auréola popular. É neste único ponto que a declaração social-democrata demonstra independência de pensamento de parte de nossos social-democratas.

Como dissemos, esta foi uma inspiração repentina revelada à social-democracia no 4 de agosto. Tudo o que foi dito anteriormente até este dia, toda declaração até o dia da véspera, se opõe diametralmente à declaração da bancada no Reichstag. Em 25 de julho, quando o ultimato da Áustria à Sérvia se tornou público, o *V orwiirts* escreveu: “Os elementos inescrupulosos que influenciam e manejam Wiener Hofburg querem a guerra. Querem a guerra: a imprensa negra e amarela vem pedindo isso aos gritos. Querem a guerra: o ultimato da Áustria à Sérvia o proclama claramente diante de todo o mundo.”

“Acaso porque o sangue de Francisco Fernando e sua mulher¹⁹ foi derramado por um fanático demente, haverá que se derramar o sangue de milhares de operários e camponeses? Haverá que se expiar um crime demente mediante outro, mais demente ainda? O ultimato austríaco bem pode ser a tocha que porá fogo na Europa pelos quatro costados.

“Porque este ultimato é tão sem-vergonha em sua forma e conteúdo que qualquer governo sérvio que retroceda humildemente frente a ele teria que considerar a possibilidade de ser derubado pelas massas em menos tempo do que o que gasta um galo para cantar...”

“Pois um crime da imprensa chovinista alemã incitar nosso querido aliado à guerra com todos os meios a seu dispor. E não há dúvida de que Herr von Bethmann-Hollweg prometeu a Herr Berchtold²⁰ nosso apoio. Porém o jogo de Berlim é tão perigoso como o de Viena”.

O *Leipziger Volkszeitung* disse em 24 de julho: “O partido

19 Francisco Fernando (1863-1914): Arquiduque da Áustria, herdeiro do trono dos Habsburgos. Foi assassinado com sua esposa Sofia em Sarajevo, Áustria, por um nacionalista sérvio. O assassinato serviu de pretexto para o ultimato da Áustria à Sérvia e para a declaração de guerra em 27 de julho de 1914.

20 Conde Leopold Berchtold (1863-1942): latifundiário, empresário, o homem mais rico da Áustria. Diplomata, embaixador na Rússia em 1906-1911. Ministro das Relações Exteriores em 1912-1915.

militar austríaco deu uma só cartada, porque em nenhum país do mundo o chovinismo nacional tem alguma coisa a perder. Na Áustria, os círculos chovinistas se encontram na bancarrota total; com rugidos nacionalistas tentam desesperadamente encobrir a ruína econômica da Áustria, com a pilhagem e o assassinato da guerra encher os seus baús (...).”

O Dresden Volkszeitung do mesmo dia disse: “Até agora os loucos da guerra de Wiener Ballplatz²¹ não apresentaram uma só prova que justificasse as exigências da Áustria à Sérvia. Enquanto o governo austríaco não estiver em condições de fazê-lo, se coloca, com seus insultos e provocações à Sérvia, em uma posição falsa frente a toda a Europa. E ainda que se demonstre a culpa da Sérvia, ainda que o assassinato de Sarajevo houvesse sido preparado sob as vistas do governo sérvio, as exigências que contém a nota transcendem todos os limites normais. Somente a mais inescrupulosa sede de guerra pode justificar semelhantes exigências a outro estado (...).”

O Münchener Post de 25 de julho disse: “Esta nota austríaca é um documento sem comparação na história dos últimos séculos. No transcorrer de uma investigação cujo resultado não foi revelado até agora ao público europeu, sem impetrar ação legal contra o assassino do presumido herdeiro e sua esposa, são formuladas à Sérvia exigências que, sendo aceitas, significariam o suicídio político deste país (...).”

O Schleswig-Holstein Volkszeitung de 24 de julho declarou: “A Áustria está provocando a Sérvia. Áustria-Hungria querem a guerra e estão cometendo um crime que bem pode afogar a Europa em sangue... A Áustria está jogando todas as cartadas. Ousa provocar o Estado sérvio de tal forma que este, a menos que se ache totalmente impotente, não tolerará (...).”

“Toda pessoa civilizada deve protestar energicamente contra a conduta criminoso dos governantes da Áustria. É dever de to-

²¹ Ballplatz: chancelaria alemã, dominada por aristocratas militaristas.

dos os trabalhadores e de todos os seres humanos que honram a paz e a civilização esforçarem-se até o limite de suas forças para evitar as conseqüências da sangrenta loucura que tomou conta de Viena”.

O Magdeburger Volksstimme de 25 de julho disse: “Qualquer governo sérvio que sequer pretendesse considerar seriamente essas exigências seria derrubado neste mesmo momento pelo parlamento e pelo povo.” A ação da Áustria é mais repudiável ainda quando Berchtold aparece frente ao governo sérvio e à Europa de mãos vazias.

“Precipitar uma guerra como esta na atualidade equivale a convidar a uma guerra mundial. Atuar dessa maneira demonstra um desejo de perturbar a paz em todo o hemisfério. Assim não se pode obter conquistas morais nem convencer aos observadores da retidão de nossas próprias intenções. Pode-se acreditar com segurança que a imprensa da Europa, e com ela os governos europeus, chamarão os vaidosos e insensatos estadistas vienenses à ordem, de forma clara e inequívoca”.

Em 24 de julho o Frankfurter Volksstimme escreveu: “Com o respaldo da imprensa clerical, que chora em Francisco Fernando seu melhor amigo e exige que por sua morte caia a vingança sobre o povo sérvio, respaldado pelos patriotas belicistas alemães, cuja linguagem se torna cada dia mais inapreciável e ameaçadora, o governo austríaco se deixou levar e enviou à Sérvia um ultimato, escrito numa linguagem que não deixa nada a desejar à insolência, com exigências que o governo sérvio obviamente não pode cumprir”.

No mesmo dia o Elberfelder Freie Presse disse: “Um cabograma do semi-oficial Burô Wolff informa os termos do ultimato da Áustria à Sérvia. Do mesmo pode se inferir que os governantes de Viena buscam a guerra com todas as suas forças. Porque as condições da nota apresentada ontem à noite em Belgrado significam nada menos que transformar a Sérvia em pretorado austrí-

aco. É extremamente necessário que os diplomatas berlinenses façam compreender a todos os agitadores belicistas vienenses que a Alemanha não moverá um dedo em apoio a tão monstruosas exigências e que convirá retirar as ameaças”.

O *Bergische Arbeiterstimme* de Solingen disse: “A Áustria exige um conflito com a Sérvia e utiliza o assassinato de Sarajevo como pretexto para demonstrar a culpa moral da Sérvia. Mas todo o caso foi conduzido de maneira demasiado torpe para influenciar a opinião pública européia...”

Porém, se os agitadores belicistas de Wiener Ballplatz crêem que seus aliados da Tríplice Aliança, Alemanha e Itália, acudirão em sua ajuda num conflito com a Rússia, que também se verá envolvida, se encontram sob a influência de uma ilusão perigosa. A Itália veria de bom grado o debilitamento de Áustria-Hungria, sua rival no Adriático e nos Balcãs, e certamente não estaria disposta a ajudar a Áustria. Na Alemanha, por outro lado, os poderes dominantes - ainda que tenham a insensatez de desejá-lo - não ousariam arriscar a vida de um só soldado para satisfazer a avidez criminosa de poder dos Habsburgos sem provocar a fúria de todo o povo”.

Assim toda a imprensa operária, sem exceção, julgou a causa da guerra uma semana antes do seu início. Era óbvio que não se tratava da existência nem da liberdade da Alemanha, e sim de uma aventura vergonhosa do partido belicista austríaco; não se tratava de um problema de autodefesa, proteção nacional ou uma guerra santa a que nos víamos obrigados em nome da liberdade, mas sim de uma provocação audaciosa e uma ameaça odiosa contra a liberdade e a independência de um país estrangeiro, a Sérvia.

O que aconteceu em 4 de agosto que mudou esta posição tão definida e unanimemente aceita pela social-democracia? Havia apenas um fator novo: o Livro Branco que o governo alemão pôs em consideração no Reichstag nesse dia. E este dizia em sua pá-

gina 4:

“Nestas circunstâncias, a Áustria deve convencer. se de que é incompatível com a dignidade e a segurança da monarquia permanecer inativa frente ao que ocorre além da fronteira. O governo imperial da Áustria nos notificou acerca de sua atitude e nos solicita nossa opinião. De todo coração, não pudemos menos que assegurar a nosso aliado nossa conformidade com essa interpretação da situação e assegurar-lhe que qualquer ação que lhe pareça necessária para pôr fim aos atentados sérvios contra a existência da monarquia austríaca contaria com nossa aprovação. Compreendemos plenamente que eventuais medidas de guerra por parte da Áustria não deixariam de arrastar a Rússia aos acontecimentos e que nós, no cumprimento de nosso dever de aliados, poderíamos nos ver arrastados à guerra. Porém, compreendendo que estavam em jogo os interesses mais vitais de Áustria-Hungria, não podíamos aconselhar a nosso aliado que adotasse uma política conformista que de nenhuma maneira estaria de acordo com sua dignidade, nem nos negar a prestar-lhe ajuda.

E o que mais nos impedia de adotar semelhante atitude era o fato de que a persistente agitação subversiva da Sérvia nos afeta seriamente. Se se houvesse permitido aos sérvios, com a ajuda da Rússia e da França, continuar ameaçando a existência da monarquia vizinha, sobreviria a queda gradual da Áustria e a submissão de todas as raças eslavas. ao cetro russo, o que faria insustentável a situação das raças germânicas na Europa Central. Uma Áustria moralmente debilitada, que caísse frente ao avanço do pan-eslavismo russo, já não seria um aliado com o qual contar, do qual depender, como nos vemos obrigados a fazer em vista das crescentes ameaças provenientes de nossos vizinhos do oriente e do ocidente. Portanto, deixamos a Áustria com as mãos absolutamente livres para adotar suas medidas contra a Sérvia. Não participamos nos preparativos”.

Tais são as palavras colocadas para a consideração da ban-

cada parlamentar social-democrata no dia 4 de agosto, as únicas frases importantes e decisivas de todo o Livro Branco, uma concisa declaração do governo alemão ao lado da qual todos os livros amarelos, pardos, azuis e alaranjados sobre os jogos diplomáticos que precederam a guerra e suas causas mais imediatas perdiam absolutamente toda significação e relevância. É aqui que a bancada parlamentar tinha em suas mãos a chave para julgar corretamente a situação. Uma semana antes, toda a imprensa social-democrata tinha afirmado que o ultimato austríaco era uma provocação criminoso de guerra mundial e exigia ação preventiva e pacifista de parte do governo alemão. Toda a imprensa socialista supunha que o ultimato havia caído sobre o governo alemão, assim como sobre o público, como uma bomba.

Mas agora o Livro Branco declarava clara e sinteticamente: 1) Que o governo austríaco havia solicitado a aprovação alemã de adotar a última medida contra a Sérvia. 2) Que o governo alemão compreendia claramente que a ação empreendida pela Áustria conduziria à guerra com a Sérvia e, em última instância, com toda a Europa. 3) Que o governo alemão não aconselhou que a Áustria cedesse e, sim, pelo contrário, que uma Áustria conformista e debilitada não seria considerada uma aliada digna da Alemanha. 4) Que o governo alemão assegurou à Áustria, antes que esta marchasse contra a Sérvia, sua ajuda em todas as circunstâncias em caso de guerra, e, por último, 5) que o governo alemão, por decorrência, não havia reservado para si o controle do ultimato da Áustria à Sérvia, do qual dependia a guerra mundial, mas sim que havia deixado a Áustria com as mãos absolutamente livres para adotar suas medidas”.

Nossa bancada parlamentar soube de tudo isso no dia 4 de agosto. E soube pelo governo de outro fato: que as forças alemãs já haviam invadido a Bélgica. E disto toda a bancada social-democrata inferiu que se tratava de uma guerra de defesa contra a invasão estrangeira, pela existência da pátria, pela Kultur, uma

guerra pela liberdade, contra o despotismo russo.

Foi o marco óbvio da guerra, e sua colocação em cena que pouco serviu para ocultá-la, foi toda a atuação diplomática que se efetuou no começo da guerra, com seu clamor acerca de um mundo de inimigos, todos ameaçando a vida da Alemanha, todos motivados pelo desejo de debilitar, humilhar, submeter o povo e a nação alemã; foi tudo isso uma surpresa completa? Por acaso estes fatores exigiam maior julgamento, mais capacidade crítica do que possuíam? Isto é menos certo para nosso partido do que para qualquer outro. Já havia passado por duas grandes guerras alemãs, havendo recolhido importantes ensinamentos em ambas.

Qualquer estudante de história mal informado sabe que Bismarck²² preparou sistematicamente a guerra de 1866 contra a Áustria muito antes de que irrompesse, e que sua política conduzia à ruptura de relações e à guerra com a Áustria. O príncipe herdeiro, logo imperador Frederick, fala disso em suas memórias, na parte correspondente a 14 de novembro deste ano: “Quando ele (Bismarck) assumiu suas funções, tinha a firme resolução de provocar a guerra entre a Prússia e a Áustria, mas teve muito cuidado de não revelar este propósito, neste momento ou em qualquer outro, a Sua Majestade, até que chegou o momento que lhe pareceu oportuno”.

“Comparemos esta confissão - escreveu Auer²³ em seu folheto *Die Sedanfeier und die Sozialdemokratie* (A comemoração de Sedan e a social-democracia) - com a proclamação que o Rei Guilherme dirigiu ‘ao meu povo’. A pátria está em perigo! A Áustria e grande parte da Alemanha se levantaram em armas contra nós. Há poucos anos que eu, por vontade própria, sem pensar em mal-entendidos anteriores, estendi uma mão fraternal à Áustria

22 Otto von Bismarck (1815-1898): estadista prussiano e alemão reacionário. Chefe do Estado prussiano em 1862-1871, chanceler do Império Alemão em 1871-1890. Organizou a unificação da Alemanha na Guerra Franco-Prussiana. Promulgou as leis anti-socialistas.

23 Ignaz Auer (1846-1907): social-democrata bávaro. Secretário da social-democracia desde 1875. Reformista.

para salvar a Alemanha da dominação estrangeira. Mas minhas esperanças foram frustradas. A Áustria não pode esquecer que uma vez seus senhores foram donos da Alemanha; nega-se a ver na jovem e viril Prússia um aliado, insiste em considerá-la um perigoso rival. A Prússia - acredita a Áustria - deve ser contrariada em todos os seus objetivos, porque o que favorece a Prússia prejudica a Áustria. Os velhos ciúmes malditos voltaram a surgir. A Prússia deve ser debilitada, destituída, desonrada. Todos os tratados com a Prússia ficam anulados, aos senhores germânicos não apenas se os chama, mas se os convence, de que devem romper sua aliança com a Prússia. Para onde quer que dirijamos os olhos na Alemanha, vemos inimigos cujo grito de guerra é: Morra a Prússia!” Rogando a proteção dos céus, o Rei Guilherme decretou o dia 18 de julho dedicado à oração e à penitência, dizendo: “Deus não quis coroar de êxito meus esforços para assegurar a benção da paz para meu povo”.

Por acaso o acompanhamento oficial do estourar da guerra de 4 de agosto não deveria ter despertado na memória de nossa bancada antigas palavras e melodias? Será que esqueceram a história de seu próprio partido?

Mas isso não é suficiente! Em 1870 começou a guerra com a França e a história uniu este início a um fato inesquecível: o despacho de Ems, documento que se converteu num símbolo clássico da arte governamental capitalista de guerra, e que marca um episódio memorável na nossa história partidária. Não foi o velho Liebknecht, não foi a social-democracia alemã quem se sentiu no dever de denunciar estes fatos e mostrar às massas “como se fazem as guerras”?

Digamos de passagem que o fazer a guerra limpa e corretamente para a proteção da pátria não foi invenção de Bismarck. Ele somente aplicou, com sua característica falta de escrúpulos, uma velha e provada receita internacional dos estadistas capitalistas. Quando e onde houve uma guerra, desde que a chamada

opinião pública teve peso nos cálculos do governo, em que todos e cada um dos bandos beligerantes não tenha tirado com profundo pesar o sabre da bainha, com o único propósito de defender sua pátria e sua santa causa contra os vergonhosos ataques do inimigo? Esta lenda faz parte do jogo da guerra, assim como a pólvora e o chumbo. O jogo é velho. O novo é que o Partido Social-Democrata o jogue.

Parte III

Nosso partido deveria estar preparado para reconhecer os verdadeiros objetivos desta guerra, recebê-la sem surpresa e julgar seus motivos profundos à luz de sua grande experiência política. Os acontecimentos e as forças que provocaram o 4 de agosto não eram secretos. O mundo havia se preparado durante décadas, em plena luz do dia, e com a mais ampla divulgação, passo a passo, hora após hora, para a guerra mundial. E se hoje alguns socialistas ameaçam destruir a “diplomacia secreta” que preparou suas maldades por baixo do pano, estão atribuindo aos pobres infelizes um poder mágico que não possuem, assim como os botocudos realizam seus feitiços para que façam chover. Os auto-intitulados capitães do barco do Estado são, nesta guerra como em qualquer outra, simples peões do xadrez, movidos por forças e acontecimentos todo-poderosos da história, sobre o tabuleiro da sociedade capitalista. Se houve alguma vez pessoas capazes de entender estes acontecimentos e fatos, essas pessoas eram os militantes da social-democracia alemã.

Há dois processos na história recente que conduzem diretamente à guerra atual. Um se origina no período em que se constituíram pela primeira vez os chamados estados nacionais, ou seja, os estados modernos, a partir da guerra bismarckiana contra a França. A guerra de 1870 que, com a anexação da Alsácia e da Lorena, atirou a República Francesa nos braços da Rússia, dividiu a Europa em dois lados contrários e iniciou um período

armamentista competitivo frenético, acendeu a faísca da atual conflagração mundial.

As tropas de Bismarck ainda se achavam na França quando Marx escreveu para o Braunschweiger Ausschuss: “Quem não se ensurdecer com o clamor momentâneo, e não deseje ensurdecer o povo alemão, deve compreender, que a guerra de 1870 leva necessariamente consigo os germens da guerra da Alemanha contra a Rússia, assim como a guerra de 1866 engendrou a de 1870. Digo necessariamente, a menos que ocorra o improvável, ou seja, que estoure antes uma revolução na Rússia. Se isso não ocorrer, já se pode considerar que a guerra entre a Alemanha e a Rússia é un fait accompli. Saber se esta guerra foi inútil ou perigosa depende inteiramente da atitude do vencedor alemão. Se a Alsácia-Lorena é tomada, França e Rússia pegarão em armas contra a Alemanha. Seria supérfluo assinalar as desastrosas conseqüências disso”.

Neste momento esta profecia provocou risos. Os vínculos que uniam a Rússia com a Prússia pareciam tão sólidos que se considerava uma loucura acreditar numa aliança entre a Rússia autocrática e a França republicana. Aqueles que apoiavam semelhante profecia eram considerados loucos. E, contudo, tudo o que profetizou Marx se cumpriu plenamente, até a última palavra. “Porque nisto — disse Auer em seu Sedanfeier... — consiste a política social-democrata, em ver as coisas claramente como são, diferentemente da política cotidiana de outros, que se inclinam cegamente diante de cada vitória conjuntura!”

Não se deve interpretar mal estas palavras, no sentido de que é o desejo francês de vingar-se do roubo perpetrado por Bismarck que levou esse país à guerra contra a Alemanha, de que o miolo da guerra atual é a tão batida “vingança pela Alsácia-Lorena”. Esta é a lenda nacionalista que convém ao agitador belicista alemão, que cria fábulas de uma França obcecada, que “não pode esquecer” sua derrota, assim como os jornalistas chapas brancas

de Bismarck atiravam insultos contra a destronada princesa da Áustria que não podia se esquecer de sua velha superioridade sobre a encantadora Prússia Cinzenta. De fato, a vingança pela Alsácia-Lorena passou a ser parte do patrimônio cênico de uns quantos palhaços patrioteiros, e o “Leão de Belfort” não é mais que um antigo remanescente.

Faz muito tempo que a anexação da Alsácia-Lorena deixou de desempenhar um papel importante na política francesa, cedendo diante de preocupações novas e mais prementes; nem o governo nem nenhum partido francês sério pensou na guerra contra a Alemanha por estes territórios. Se de qualquer forma a herança de Bismarck é a faísca que acendeu o fogo da guerra mundial, é no sentido de haver lançado a Alemanha por um lado, e a França com o resto da Europa pelo outro, na ladeira da competição militar, de haver provocado a aliança franco-russa, de haver unificado a Áustria com a Alemanha, corolário inevitável do anterior. Isto deu ao czarismo russo um prestígio enorme na política européia. Alemanha e França solicitaram sistematicamente seus favores. E foi então que se forjaram os vínculos da Alemanha com a Áustria-Hungria, cuja força nesta guerra reside, no dizer do Livro Branco, em sua “irmandade em armas”.

Assim a guerra de 1870 trouxe como consequência o agrupamento político formal da Europa em torno dos eixos do antagonismo franco-germano, e impulsionou o reinado do militarismo sobre as vidas dos povos europeus. Este processo histórico outorgou a este agrupamento e a este reinado um conteúdo inteiramente novo. O segundo processo que conduz à atual guerra mundial, que confirma novamente e de forma brilhante a profecia de Marx, se origina em acontecimentos internacionais ocorridos logo após a morte de Marx: o desenvolvimento imperialista dos últimos vinte e cinco anos.

A expansão acelerada do capitalismo, por uma Europa reconstituída depois das guerras dos anos sessenta e setenta, so-

bretudo depois da grande depressão que seguiu a inflação e o pânico de 1873, chegou a seu ápice nos anos noventa e abriu uma nova fase de tormenta e perigo entre as nações européias. Estas competiam em sua expansão para os países e áreas não capitalistas do mundo. Já nos anos 80 havia se revelado uma forte tendência para a expansão. A Inglaterra assegurou o controle do Egito e criou um poderoso império colonial no sul da África. A França tomou posse de Túnis, no norte da África, e Tonkin, no oeste da Ásia; a Itália se estabeleceu na Abissínia; a Rússia obteve conquistas na Ásia Central e penetrou na Manchúria; a Alemanha conseguiu suas primeiras colônias na África e no Mar do Sul, e os Estados Unidos ingressou no círculo com a conquista das Filipinas e a aquisição de “interesses” no leste da Ásia. Este período de conquistas febris provocou, a partir da guerra sino-japonesa de 1895, uma cadeia quase ininterrupta de guerras cruentas, que alcançaram seu clímax na Grande Invasão Chinesa e culminaram com a guerra russo-japonesa de 1904.

Todos estes acontecimentos, um após o outro, criaram em todos os lados novos antagonismos extra-europeus: entre a França e a Itália no norte da África, entre a França e a Inglaterra no Egito, entre a Inglaterra e a Rússia na Ásia Central, entre a Rússia e o Japão na Ásia Oriental, entre o Japão e a Inglaterra na China, entre os Estados Unidos e o Japão no Pacífico, um oceano muito turbulento, cheio de conflitos bruscos e alianças temporárias, de tensão e relaxamento, ameaçando a cada momento provocar a guerra entre as nações européias. Não havia dúvidas, então, de que: 1) os jogos bélicos secretos de cada nação capitalista contra as demais, sobre as costas dos povos africanos e asiáticos, deveria levar cedo ou tarde a um acerto geral de contas; que os ventos semeados na África e na Ásia voltariam à Europa na forma de uma tempestade terrível, tanto mais que cada aventura asiática ou africana trazia atrelada a conseqüente escalada armamentista nos estados europeus; 2) que a guerra mundial européia irrom-

peria apenas se os conflitos parciais e transitórios dos estados imperialistas encontrassem um eixo centralizado, um conflito de magnitude suficiente para agrupá-los, no momento, em dois grandes lados opostos. Esta situação foi criada com o aparecimento do imperialismo alemão.

Na Alemanha é possível estudar o desenvolvimento do imperialismo, comprimido no lapso de tempo mais breve possível, de forma concreta. A rapidez inigualada da expansão industrial e comercial alemã desde a fundação do império produziu nos anos oitenta duas formas peculiares de acumulação capitalista: a monopolização mais pronunciada da Europa e o sistema bancário mais desenvolvido e centralizado do mundo. Os monopólios organizaram a indústria metalúrgica e siderúrgica, ou seja, o ramo de produção que mais lucro tem com as compras do governo, no equipamento militar, e das empresas imperialistas (construção de ferrovias, exploração de minas etc.), para convertê-lo no fator mais influente da vida nacional. Cimentavam os interesses monetários em uma totalidade rigidamente organizada, de imensa e viril energia, criando um poder que domina autocraticamente a indústria, o comércio e o crédito da nação, que predomina tanto no setor público quanto no privado, com poderes de expansão ilimitados, sempre ávido de lucros e atividade, impessoal e, portanto, de mentalidade liberal, impetuosa e inescrupulosa, internacional por sua própria natureza, destinado por suas funções a ter o mundo por cenário de suas ações.

A Alemanha se acha sob um regime personalista, de forte iniciativa e atividade espasmódica, com um parlamentarismo do tipo mais débil, incapaz de montar uma oposição, que une a todos os setores capitalistas em aberta oposição à classe operária. É óbvio que este imperialismo vivo, irrestrito, que chegou ao mundo num momento em que este está praticamente dividido, com um apetite voraz, não tardou em transformar-se num fator irresponsável de mal-estar geral.

Isto já era previsto na convulsão radical suscitada na política militar do império no final do século. Neste momento foram apresentados dois orçamentos navais que duplicaram o poder naval da Alemanha e criaram um programa para mais de duas décadas. Isto significou uma mudança drástica na política financeira e comercial da nação. Em primeiro lugar implicou uma mudança atraente na política exterior do império. A política de Bismarck se baseava no princípio de que o império é e deve continuar sendo uma potência terrestre, que a frota alemã não é, no melhor dos casos, senão um requisito até dispensável para a defesa da costa. O secretário de estado Hollmann declarou em março de 1897 na Comissão Orçamentária do Reichstag: “Não necessitamos de uma marinha para a defesa das costas. Nossas costas se protegem sozinhas”.

Com os dois decretos navais se criou um programa inteiramente novo: na terra e no mar, Alemanha em primeiro lugar! Isto marca a guinada da política continental bismarckiana para a Welt Politik (política mundial), da defensiva para a ofensiva como fim e objetivo do programa militar alemão. A linguagem destes fatos era tão inequívoca que o Reichstag a comentou. Lieber, então dirigente do Centro²⁴, falou no dia 11 de março de 1896, depois de um famoso discurso do imperador por ocasião do vigésimo-quinto aniversário da fundação do império alemão, em que havia formulado o novo programa como precursor dos projetos-de-lei navais, mencionando uns “planos navais sem costa” contra os quais a Alemanha deveria preparar-se para lutar. Outro dirigente do Centro, Schadler, argumentou na seção de 23 de março de 1898, em meio à discussão do primeiro projeto naval: “A nação acredita que não podemos ser os primeiros na terra e os primeiros no mar. Vocês, cavalheiros, contestam que não é isso o que queremos! Entretanto, cavalheiros, vocês se encontram nos começos de semelhante concepção; num começo

24 Centro: partido católico alemão. Ocupava os bancos centrais na Câmara do Reichstag. Manobrava entre o oficialismo e a esquerda.

muito forte!”

Quando veio o segundo projeto, o mesmo Schadler, falando no Reichstag no dia 5 de fevereiro de 1900, referindo-se a uma promessa anterior de que não haveria mais projetos navais, disse: “E agora vem este projeto que significa nada mais nada menos que a inauguração de uma frota mundial, como base de apoio a uma política mundial, duplicando a marinha e comprometendo as próximas duas décadas”. Na verdade, o governo defendeu abertamente o novo curso de seu programa político. No dia 11 de dezembro de 1899, von Bülow, Secretário de Relações Exteriores, disse em defesa do segundo projeto: “Quando os ingleses falam de uma ‘Grande Inglaterra’, quando os franceses falam de uma ‘Nova França’, quando os russos abrem a Ásia Central para a sua penetração, nós também temos direito a aspirar a uma Alemanha maior. Se não criamos uma marinha apta para defender nosso comércio, nossos nativos em terras estrangeiras, nossas missões e a segurança de nossas costas, ameaçamos os interesses vitais de nossa nação. No próximo século o povo alemão será o martelo ou a bigorna”. Despojemos isso da frase ornamental sobre a defesa das nossas costas, e sobra um programa colossal: a grande Alemanha que cai como um martelo sobre as demais nações.

Não é difícil determinar em que direção apontavam estas provocações. A Alemanha se converteria em rival da grande potência naval mundial: a Inglaterra. E a Inglaterra não demorou em compreender isso. Os projetos de reforma naval, com seus discursos concomitantes, não deixaram de produzir grande inquietude na Inglaterra, inquietude que subsiste até o dia de hoje. Em março de 1910, no curso de um debate sobre assuntos navais na Câmara dos Comuns, Lord Robert Cecil disse: “Desafio qualquer um a que me dê uma razão lógica para a formidável marinha que a Alemanha está construindo que não seja a de lutar contra a Inglaterra”. A luta pelo domínio do mar, que de um

e de outro lado durou uma década e meia, e culminou na construção febril de encouraçados e superencouraçados, foi, de fato, a guerra entre a Alemanha e a Inglaterra. O decreto naval de 11 de dezembro de 1899 foi uma declaração de guerra por parte da Alemanha. A Inglaterra aceitou o desafio no dia 4 de agosto de 1914. Deve-se notar que esta luta pela supremacia naval não tinha nada a ver com a rivalidade econômica no mercado mundial. O “monopólio do mercado mundial” da Inglaterra que obstaculizava ostensivamente a expansão industrial alemã, tão discutida na atualidade, pertence à esfera das lendas de guerra, entre as quais a fábula sempre renovada da “vingança” francesa é a mais útil. Este “monopólio” havia se transformado num conto de fadas, com grande pesar para os capitalistas ingleses. O desenvolvimento industrial da França, Bélgica, Itália, Rússia, Índia e Japão, e, sobretudo, Alemanha e Estados Unidos, havia liquidado este monopólio na primeira metade do século XIX. Junto com a Inglaterra, uma nação após a outra entrou no mercado mundial, o capitalismo se expandiu automaticamente e, a passos largos, gerou uma economia.

A supremacia naval britânica, que a tantos social-democratas lhes tirou o sono, e que, segundo estes cavalheiros, deve ser destruída para o bem do socialismo internacional, havia molestado tão pouco o capitalismo alemão até este momento, que este pôde converter-se, sob o “jugo”, em um jovem vigoroso, de faces sorridentes. Sim, a própria Inglaterra, junto com suas colônias, foi a pedra fundamental do crescimento industrial alemão. Ao mesmo tempo a Alemanha se transformou, para a Inglaterra, em seu cliente mais importante e necessário. Longe de atrapalhar-se mutuamente, os desenvolvimentos capitalistas britânico e alemão foram altamente interdependentes, unificados por um amplo sistema de divisão de trabalho, fortemente escorado pela política livre-cambista da Inglaterra. Por isso, o comércio alemão e seus interesses no mercado mundial nada tiveram a ver com a

mudança de objetivos na política e com a construção da marinha.

Tampouco as posses coloniais alemãs entraram em conflito com a supremacia naval britânica. As colônias alemãs não necessitavam da proteção de uma potência naval de primeira. Ninguém, e menos ainda a Inglaterra, invejava as colônias alemãs. Que a Inglaterra e o Japão se apossaram delas durante a guerra, que a presa trocou de mãos, não é mais que uma medida de guerra aceita por todos, da mesma maneira que o apetite imperialista da Alemanha clama pela anexação da Bélgica, desejo que ninguém que estivesse fora de um manicômio se atreveria a expressar em época de paz. África do sudeste ou do sudoeste, Wilhelmsland ou Tsingtau jamais haveriam provocado uma guerra, terrestre ou marítima, entre a Alemanha e a Inglaterra. Na verdade, justamente antes do início da guerra, estas duas nações haviam acordado um tratado de reparo tição pacífica das colônias africanas de Portugal.

Quando a Alemanha desfraldou seu estandarte de poderio naval e política mundial, anunciou seu desejo de maiores e mais amplas conquistas para o imperialismo alemão. Com uma marinha agressiva de primeira categoria, e com forças militares terrestres crescendo na mesma proporção, se criou o aparelho para a futura política, abrindo as portas de par em par a possibilidades sem precedentes. A construção naval e os armamentos militares passaram a ser a gloriosa ocupação da indústria alemã, abrindo perspectivas ilimitadas para novas operações do capital monopolista e financeiro em todo o largo mundo. Assim se obteve o acordo de todos os partidos capitalistas e seu agrupamento em torno da bandeira do imperialismo. O Centro seguiu o exemplo dos liberais nacionalistas, os mais firmes defensores da indústria do aço e do ferro, e, ao aprovar o projeto-de-lei naval que havia denunciado vigorosamente em 1900, se converteu no partido oficial. Os progressistas correram atrás do Centro quando apareceu o sucessor do projeto naval (o festim dos altos impos-

tos); enquanto isso os junkers²⁵, os mais firmes opositores da “horrível marinha” e do canal, enfiavam a viola no saco como os porcos e parasitas mais entusiastas desta mesma política de militarismo naval e pilhagem colonial a que se haviam oposto com tanta veemência. As eleições parlamentares de 1907, chamadas Eleições Hottentote, encontraram toda Alemanha num paroxismo de entusiasmo imperialista, firmemente unida sob uma só bandeira, a da Alemanha de von Bülow²⁶, a da Alemanha que se sentia destinada a desempenhar o papel de martelo no mundo. Estas eleições, com sua atmosfera de pogrom espiritual, foram um prelúdio da Alemanha de 4 de agosto, um desafio não só à classe operária alemã, mas também às outras nações capitalistas, um desafio dirigido a ninguém em particular, mas que se agitava frente ao mundo inteiro...

25 Junkers: aristocracia latifundiária prussiana. Suas posições eram extremamente militaristas e antidemocráticas.

26 Príncipe Bernhard von Bülow (1849-1929): Secretário de Relações Exteriores da Alemanha em 1897, chanceler em 1900-1909, embaixador na Itália em 1914.

Uma questão de tática¹ (6 de julho de 1899)

Rosa Luxemburgo

A incorporação de Millerand ao gabinete de Waldeck-Rousseau merece um estudo do ponto de vista das táticas e princípios tanto dos socialistas estrangeiros quanto dos franceses. A participação ativa de socialistas em um governo burguês é, de qualquer forma, um fenômeno que vai além do campo de atuações rotineiras do socialismo. Seria uma questão de uma forma de atuação que é justificada e apropriada para o proletariado, como, por exemplo, a atuação no parlamento ou nas câmaras municipais; ou é, ao contrário, uma quebra dos princípios e táticas do socialismo? Ou, então, seria a participação dos socialistas em um governo burguês apenas um caso excepcional, admissível e necessário sob certas circunstâncias, e que pode ser prejudicial e deve ser condenado em outras?

Do ponto de vista da concepção oportunista do socialismo conforme tem se manifestado recentemente no nosso partido e, particularmente, nas teorias de Bernstein - isso é, do ponto de vista da implantação progressiva do socialismo na sociedade burguesa - a incorporação de socialistas ao governo deve parecer tanto desejável quanto natural. Se é possível infiltrar o socialismo aos poucos, em pequenas doses, na sociedade capitalista, e se o Estado capitalista pode imperceptivelmente se transformar num Estado socialista, então a incorporação gradual de socialistas ao governo seria a consequência esperada do desenvolvimento progressivo do Estado capitalista; o que corresponde completamente com a evolução, alegada por eles, na direção de uma maioria socialista nos órgãos legislativos.

A participação de Millerand no ministério, portanto, está de acordo não só com a teoria oportunista, mas também com a prá-

¹ Tradução: Clara Baeder. Fonte: versão em inglês disponível em <https://www.marxists.org/archive/luxemburg/1899/07/tactics.html>

tica oportunista. Dado que obter conquistas imediatas e tangíveis, independentemente dos meios, é a orientação principal dessa prática, o ingresso de um socialista ao governo burguês deve parecer, aos “políticos pragmáticos”, um sucesso inestimável. O que um ministro socialista não vai alcançar em termos de pequenas melhorias, paliativos e remendos sociais!

Esta questão é formulada de outra maneira se partirmos do ponto de vista de que só se pode pensar em implantar o socialismo após a ruína da ordem capitalista e que, no momento, a atividade socialista se resume à preparação objetiva e subjetiva desse momento através da luta de classes. Certamente está claro que a social-democracia, se quiser agir eficientemente, deve ocupar todas as posições possíveis no atual Estado, avançando em todos os espaços. Mas deve haver uma condição: que nessas posições se possa travar a luta de classes, a luta contra a burguesia e seu Estado.

Mas, com relação a isso, existe uma diferença essencial entre os órgãos legislativos e o governo de um Estado burguês. Nos parlamentos, quando os representantes eleitos da classe trabalhadora não podem conquistar suas reivindicações, eles podem pelo menos seguir lutando, atuando como oposição. O governo, por outro lado, que é encarregado de executar as leis, não tem espaço, no seu campo de atuação, para uma oposição de princípio; deve estar ativo constantemente através de cada um de seus órgãos. Deve, conseqüentemente, mesmo quando composto por representantes de diferentes partidos (como é o caso dos ministérios de coalizão na França nos últimos anos), ter constantemente, como base, princípios em comum que o permitam atuar, isso é, a base da ordem atual - em outras palavras, aquela da sociedade burguesa. Os representantes mais extremos do radicalismo burguês podem, em geral, governar em conjunto com os conservadores mais retrógrados. Quem quer que se posicione como adversário da ordem atual, ao contrário, se depara com as

seguintes alternativas: ou se mantém em uma oposição incessante à maioria burguesa no governo, o que é obviamente uma situação insustentável que levaria o ministro socialista, inevitavelmente, à expulsão do governo; ou colabora e cumpre, rotineiramente, sempre que necessário, as funções necessárias para a conservação e o funcionamento regular da máquina do Estado - isso é, não é um socialista de fato, ao menos não dentro de sua atuação no governo.

Certamente o programa da social-democracia contém reivindicações que poderiam, em teoria, ser aceitas por um governo e um parlamento burgueses. Pode-se pensar, assim, à primeira vista, que um socialista poderia, tanto no governo quanto no parlamento, atuar a favor do proletariado através do esforço para extrair, a favor deste, tudo o que é possível obter no campo das reformas sociais. Mas aqui aparece, novamente, um fato do qual a política oportunista sempre esquece - que, na luta travada pela social-democracia, o que importa não é o “o que”, mas o “como”. Quando representantes social-democratas nos órgãos legislativos buscam alcançar reformas sociais, eles têm total capacidade de, através da oposição simultânea à legislação burguesa e ao governo como um todo, dar à sua luta por reformas burguesas um caráter tanto socialista quanto de princípio, aquele da luta de classes proletária - o que é expresso claramente, por exemplo, na rejeição de um orçamento. Por outro lado, um social-democrata que buscou implementar as mesmas reformas sociais enquanto membro do governo, isso é, ao mesmo tempo apoiando o Estado burguês, na verdade reduz o seu socialismo (na melhor das hipóteses) a um democratismo burguês ou a uma política burguesa em favor dos trabalhadores. Assim, enquanto o progresso da social-democracia em órgãos representativos leva ao fortalecimento da luta de classes, sua incorporação a um governo, ao contrário, pode somente trazer corrupção e problemas para as fileiras da social-democracia. Os representantes da classe trabalhadora,

para não negar sua razão de ser (*raison d'être*), podem se incorporar a um governo burguês somente em um caso: para tomar seu controle e transformá-lo em um governo em que a classe trabalhadora esteja no controle do poder político.

Sem dúvida na evolução - ou, melhor, no declínio da sociedade burguesa - poderiam ocorrer momentos em que a tomada final do poder pelos representantes do proletariado ainda não fosse possível, mas sua participação no governo parecesse necessária: se fosse uma questão, por exemplo, de liberdade do país ou de conquistas democráticas como a República, em um momento em que o governo burguês estivesse justamente prejudicado demais e já estivesse desorganizado demais para conseguir fazer com que o povo o obedecesse sem o apoio dos representantes dos trabalhadores no parlamento. Em tal caso, é claro, os representantes dos trabalhadores não teriam o direito de, por um apego abstrato aos princípios, recusar-se a defender uma causa comum. Mas, mesmo neste caso, a participação de social-democratas no governo precisaria ser levada a cabo de maneira que deixasse tanto a burguesia quanto o povo sem dúvida alguma com relação ao caráter temporário e objetivo de sua atuação. Em outras palavras, a participação dos socialistas no governo não deveria, mesmo nesse caso, chegar a uma solidariedade geral com a atuação e existência desse governo. Não parece que tal situação específica ocorra no atual momento na França. Os partidos socialistas já se declararam, de início, dispostos a apoiar qualquer governo sinceramente republicano. Mas hoje, com a incorporação de Millerand ao ministério, que, de qualquer forma, ocorreu sem a aprovação de seus colegas, tal apoio agora assombra parcialmente os socialistas.

Em qualquer caso, para nós a questão não é julgar se o gabinete de Waldeck-Rousseau é um caso excepcional, mas deduzir, a partir de nossos princípios, uma linha de conduta geral. Deste ponto de vista, a participação socialista em um governo burguês

parece ser um experimento que pode somente acabar com um grande prejuízo da luta de classes.

O papel da social-democracia, em uma sociedade burguesa, é essencialmente o de um partido de oposição. Só pode entrar em cena como partido do governo nas ruínas da sociedade burguesa.

Quais são as origens do dia dos trabalhadores?¹

Rosa Luxemburgo

A feliz ideia de usar a celebração de um feriado proletário como um meio para alcançar a jornada de trabalho de oito horas diárias nasceu na Austrália. Os trabalhadores decidiram, em 1856, organizar um dia de completa paralisação juntamente com assembleias e entretenimento como uma manifestação a favor da jornada de oito horas diárias. O dia desta celebração era para ser 21 de abril. Inicialmente, os trabalhadores australianos pretendiam que isto só acontecesse em 1856, mas esta primeira celebração teve um efeito tão forte nas massas proletárias da Austrália, aivando-os e levando a uma nova agitação, que foi decidido repetir a celebração todo ano.

Na verdade, o que poderia dar aos trabalhadores mais coragem e fé em sua própria força que uma paralisação do trabalho em massa, a qual eles mesmos decidiram? O que poderia dar mais coragem para os eternos escravos das fábricas e oficinas do que a reunião de suas próprias tropas? Assim, a ideia de uma celebração proletária foi rapidamente aceita e, da Austrália, começou a se espalhar para outros países até finalmente conquistar todo o mundo proletário.

Os primeiros a seguirem o exemplo dos trabalhadores australianos foram os americanos. Em 1886 eles decidiram que o dia 1º de maio deveria ser o dia universal da paralisação do trabalho. Neste dia, 200 mil deles deixaram seus trabalhos e exigiram a jornada de oito horas diárias. Tempos depois, a polícia e o assédio legal impediram os trabalhadores por muitos anos de repetir esta manifestação [em tal magnitude]. Entretanto, em 1888 eles renovaram sua decisão e decidiram que a próxima celebração seria no

¹ Publicado em fevereiro de 1894. Extraído de <https://www.marxists.org/portugues/luxemburgo/1894/02/dia.htm>.

dia 1º de maio de 1890.

Enquanto isso, o movimento dos trabalhadores na Europa tinha se fortalecido e se animado. A expressão mais poderosa deste movimento ocorreu no Congresso Internacional dos Trabalhadores em 1889. Neste Congresso, que contou com a presença de quatrocentos representantes, foi decidido que a jornada de oito horas deveria ser a primeira exigência. Foi então que o representante dos sindicatos franceses, o trabalhador Lavigne de Bordô, propôs que esta exigência fosse expressa em todos os países através de uma paralisação universal do trabalho. O representante dos trabalhadores americanos chamou a atenção para a decisão de seus camaradas de entrar em greve no dia 1º de maio de 1890 e o Congresso decidiu que esta data seria a da celebração universal dos proletários.

Neste caso, como há trinta anos atrás na Austrália, os trabalhadores realmente pensaram em uma manifestação que ocorresse uma só vez. O Congresso decidiu que os trabalhadores de todas as terras manifestar-se-iam juntos pela jornada de oito horas no dia 1º de maio de 1890. Ninguém falou de uma repetição do feriado para os próximos anos. Naturalmente, ninguém poderia prever a enorme rapidez com a qual esta ideia iria triunfar e como iria ser adotada pelas classes trabalhadoras tão rapidamente. No entanto, foi suficiente celebrar o Dia dos Trabalhadores apenas uma vez para todos entenderem e sentirem que o Dia dos Trabalhadores deveria ser uma tradição contínua e anual [...].

O primeiro de maio exige a introdução da jornada de oito horas. Mas mesmo depois desse objetivo ter sido alcançado, o Dia dos Trabalhadores não foi deixado para trás. Enquanto a luta dos trabalhadores contra a burguesia e a dominação de classe continuar, enquanto todas as exigências não forem conseguidas, o Dia dos Trabalhadores será a expressão anual destas exigências. E, quando melhores dias raiarem, quando a classe trabalhadora do mundo tiver ganho sua liberdade, então a humanidade prova-

velmente irá celebrar o Dia dos Trabalhadores em honra às mais amargas lutas e aos muitos sofrimentos do passado.

Carta da prisão a Sonia Liebknecht¹

Rosa Luxemburgo

Breslau, antes de 24 de dezembro de 1917

Sonitchka, meu passarinho, fiquei tão contente com a sua carta! Queria responder imediatamente mas tinha muito o que fazer, e precisava de grande concentração, por isso não pude dar-me a esse luxo. Então preferi esperar uma oportunidade, pois é muito melhor poder tagarelar com você à vontade.

Pensei em você todos os dias ao ler as notícias da Rússia, e preocupei-me imaginando a sua enorme aflição a cada telegrama estúpido. O que de lá chega neste momento são, na maioria, informações de tártaros, e isso é duplamente verdadeiro no que se refere ao sul. O que importa às agências telegráficas (aqui e lá) é exagerar o mais possível o caos, e elas aumentam de maneira tendenciosa todo boato não confirmado. Até as coisas se esclarecerem, não tem sentido, não há razão para inquietar-se à toa, por antecipação. De modo geral, parece que as coisas se passam sem nenhum derramamento de sangue; em todo caso, os boatos sobre “combates” não foram confirmados. Trata-se simplesmente de uma áspera luta partidária a qual parece sempre, pela explicação dos correspondentes dos jornais burgueses, uma loucura desenfreada e um inferno. No que se refere aos pogroms contra judeus, todos os boatos nesse sentido são completamente falsos. Na Rússia, a época dos pogroms acabou de uma vez por todas. O poder dos trabalhadores e do socialismo é muito forte para isso. A revolução purificou de tal maneira a atmosfera dos miasmas e do ar sufocante da reação que Kichinev é para sempre passê. Tenho menos dificuldade em imaginar pogroms contra judeus na Alemanha... Aí reina sem dúvida a atmosfera de baixeza, covardia, reação e estupidez propícia para isso. Nesse ponto, você

¹ Fonte: <https://www.marxists.org/portugues/luxemburgo/1917/12/17.pdf>.

pode ficar totalmente tranquila no que se refere ao sul da Rússia. Como as coisas desembocaram ali num conflito muito agudo entre o governo de São Petersburgo e a Rada, logo elas devem se resolver e esclarecer, o que permitirá ter um panorama da situação. De todos os pontos de vista não faz nenhum sentido, não há nenhum motivo para que você, na incerteza, se aflija, cheia de medo e inquietação. Tenha coragem, minha menina, mantenha a cabeça erguida, fique firme e tranquila. Tudo vai melhorar, é só não ficar sempre à espera do pior! Eu tinha uma grande esperança de vê-la por aqui em breve, em janeiro. Agora soube que Mat[thilde] W[urm] quer vir em janeiro. Seria difícil para mim desistir da sua visita em janeiro, mas como é natural não posso decidir. Se você disser que só pode vir em janeiro, então talvez fique como estava; talvez Mat[thilde] W [urn] possa vir em fevereiro? Em todo caso, gostaria de saber logo quando a verei.

Faz agora um ano que Karl [Liebknecht] está na prisão em Luckau, neste mês pensei nisso com frequência; faz exatamente um ano você esteve comigo em Wronke e me ofereceu a linda árvore de Natal... Este ano pedi que me comprassem uma, mas a que me trouxeram era muito reles, com galhos faltando – não tem comparação com a do ano passado. Não sei como vou pôr as oito velas que comprei. É o meu terceiro Natal no xadrez, mas não considere isso tragicamente. Estou calma e alegre como sempre.

Ontem fiquei muito tempo acordada – agora não consigo dormir antes da uma, mas preciso ir para cama às 10 porque a luz é apagada –, e então no escuro sonho com diversas coisas. Ontem então pensava: como é estranho eu viver permanentemente numa alegre embriaguez, sem nenhuma razão particular. Assim, por exemplo, estou aqui deitada nesta cela escura, num colchão duro como pedra, enquanto à minha volta, no edifício, reina a habitual paz de cemitério; parece que está no túmulo. Através da janela desenha-se no teto o reflexo do bico de gás ardendo a

noite inteira em frente da prisão. De tempo em tempos ouve-se o ruído surdo de um trem que passa ao longe, ou então, bem perto, debaixo das minhas janelas, o pigarro da sentinela que, com suas botas pesadas, dá alguns passos lentos para desentorpecer as pernas. A areia estala tão desesperadamente sob esses passos que todo vazio e a falta de perspectivas da existência ressoam na noite úmida e sombria. E aqui estou deitada, quieta, sozinha, enrolada nos véus negros das trevas, do tédio, da falta de liberdade, do inverno – e, apesar disso, meu coração bate com uma alegria interior desconhecida, incompreensível, como se debaixo de um sol radiante estivesse atravessando um prado em flor. No escuro, sorrio à vida, como se eu conhecesse algum segredo mágico que pune todo mal e as tristes mentiras, transformando-as em luz intensa e felicidade. E, ao mesmo tempo, procuro uma razão para essa alegria, não encontro nada, e tenho que sorrir novamente – de mim mesma. Creio que o segredo não é outro senão a própria vida; a profunda escuridão noturna é bela e suave como veludo, basta saber olhar. No estalar da areia úmida sob os passos lentos e pesados da sentinela canta também uma bela, uma pequena canção da vida – basta apenas saber ouvir. Nesses momentos penso em você. Gostaria tanto de passar-lhe essa chave mágica para que você percebesse sempre, em todas as situações, o que há de belo e alegre na vida, para que também você viva na embriaguez, como que caminhando por um prado cheio de cores. Longe de mim a ideia de contentá-la com ascetismo, com alegrias imaginárias. Concedo-lhe todas as verdadeiras alegrias dos sentidos. Só gostaria de dar-lhe também a minha inesgotável serenidade interior, para não me preocupar mais com você, para que andasse na vida com um manto de estrelas protegendo-a de tudo que é mesquinho, banal e angustiante.

Você colheu no parque de Steglitz um lindo buquê de bagos negros e rosa-violeta. Os bagos negros podem ser de sabugueiro – seus bagos pendem em cachos pesados e densos entre gran-

des feixes de folhas pinuladas, você certamente conhece – ou, mais provavelmente, de alfena: panícula de bagos, elegantes, graciosas, eretas, e folhinhas verdes, compridas e finas. Os bagos rosa-violeta, escondidos sob folhas bem pequeninas, podem ser de nespereira anã; na realidade, eles são vermelhos, mas neste período da estação, já demasiado maduros e começando a apodrecer, têm frequentemente uma aparência violeta avermelhada; as folhinhas parecem-se com as do mirto, pequenas, afiladas na ponta, o lado de cima verde escuro, semelhante ao couro, o de baixo rugoso.

Soniucha, você conhece o poema de Platen, “Verhängnisvolle Gabel” [Garfo fatal]? Você poderia enviá-lo ou trazê-lo? Karl mencionou uma vez que tinha lido em casa. Os poemas de George são bonitos; agora sei de onde vem o verso “e sob o murmúrio do trigo erubescente”. [Umd unterm Rauschen rötlichen Getreides...] que você sempre recitava quando íamos passear no campo. Você poderia copiar para mim, quando for possível, o novo “Amadis”? Gosto tanto desse poema – naturalmente graças ao lied de Hugo Wolf –, mas não o tenho aqui. Você continua lendo a Lenda de Lessing? Retomei a História do Materialismo, de Lange, que sempre me estimula e restaura. Gostaria tanto que você a lesse um dia desse.

Ah! Sonitchka, passei aqui por uma dor violenta. No pátio onde passeio chegam muitas vezes carroças do exército, abarrotadas de sacos ou túnicas velhas e camisas de soldados, muitas vezes manchadas de sangue...; são descarregadas, distribuídas pelas celas, consertadas, novamente postas nas carroças para serem entregues ao exército. Outro dia, chegou uma dessas carroças, puxada não por cavalos, mas por búfalos. Era a primeira vez que via esses animais de perto. São mais fortes e maiores que os nossos bois, têm a cabeça chata, chifres curvos e baixos, e uma cabeça totalmente negra, de grandes olhos meigos, que lembra a dos nossos carneiros. Vêm da Romênia, são um tro-

féu de guerra... os soldados que conduziam a carroça diziam ser muito difícil capturar esses animais selvagens, e ainda mais difícil utilizá-los para carregar fardos, pois estavam acostumados à liberdade. Foram terrivelmente maltratados até compreenderem que perderam a guerra e que também para eles vale a expressão “vae victis” [ai dos vencidos]... Só em Breslau deve haver uma centena desses animais; acostumados que estavam às ricas pastagens da Romênia recebem ali uma ração parca, miserável. Trabalham sem descanso puxando todo tipo de carga e com isso não demoram a morrer. Há alguns dias então uma dessas carroças cheia de sacos entrou no pátio. A carga era tão alta que os búfalos não conseguiam transpor a soleira do portão. O soldado que os acompanhava, um tipo brutal, pôs-se a bater-lhes de tal maneira com o grosso cabo do chicote que a vigia da prisão, indignada, perguntou-lhe se não tinha pena dos animais. “Ninguém tem pena de nós, homens”, respondeu com um sorriso mau e pôs-se a bater ainda com mais força... Os animais deram finalmente um puxão e conseguiram transpor o obstáculo, mas um deles sangrava... Sonitchka, a pele do búfalo é proverbialmente espessa e resistente, e ela foi dilacerada. Durante o descarregamento, os animais permaneciam imóveis, esgotados, e um deles, o que sangrava, olhava em frente e tinha, na cara escura e nos olhos negros e meigos, uma expressão de uma criança em prantos. Era exatamente a expressão de uma criança que foi severamente punida e que não sabe por qual motivo, por que, não sabe como escapar ao sofrimento e a essa força brutal... eu estava diante dele, o animal me olhava, as lágrimas saltaram-me dos olhos – eram as suas lágrimas. Ninguém pode sofrer mais por um irmão querido do que eu sofri na minha impotência com essa dor silenciosa. Como estavam longe, perdidas, inacessíveis, as pastagens da Romênia, essas pastagens verdes suculentas e livres! Como tudo lá era diferente, o brilho do Sol, o sopro do vento, como eram diferentes os belos cantos dos pássaros ou o melodioso chamado do pastor.

E aqui – esta cidade estrangeira, horrível, o estábulo sombrio, o feno mofado, repugnante, misturado com a palha apodrecida, os homens desconhecidos, assustadores, e – as pancadas, o sangue que corre da ferida aberta... Oh! Meu pobre búfalo, meu pobre irmão querido, aqui estamos os dois tão impotentes e mudos, mas somos só um na dor, na impotência, na saudade. Entretanto os prisioneiros agitavam-se em volta do carro, descarregavam os pesados sacos e arrastavam-nos para dentro; já o soldado enfiara as mãos nos bolsos das calças e percorrendo o pátio com grandes passos, ria e assobiava baixinho uma canção da moda. Diante de mim a guerra desfilava em todo o seu esplendor.

Escreva logo.

Abraços, Sonitchka,

Sua R

Sonichka, querida, fique calma e alegre apesar de tudo. Assim é a vida. É preciso tomá-la corajosamente, sem medo, sorrindo – apesar de tudo. Feliz Natal!

A ordem reina em Berlim¹

Rosa Luxemburgo

A ordem reina em Varsóvia, anunciou o ministro Sebastini na Câmara francesa quando, depois de um terrível assalto sobre o bairro de Praga, a soldadesca de Suvarov entrou na capital polaca para começar o seu trabalho de carrascos contra os insurgentes.

A ordem reina em Berlim!, proclama triunfalmente a imprensa burguesa entre nós, bem como os ministros Ebert e Noske e os oficiais das tropas vitoriosas, para quem a gentilha pequeno-burguesa de Berlim agita os lenços e emite os seus hurras. A glória e a honra das armas alemãs estão a salvo perante a história mundial. Os que combateram miseravelmente em Flandres e em Argonne podem agora restabelecer o seu nome mediante a brilhante vitória atingida sobre trezentos espartaquistas que lhes resistiram no prédio do Vorwaerts. As primeiras e gloriosas irrupções das tropas inimigas na Bélgica e os tempos do general Von Emmich, o imortal vencedor de Lieja, tornaram pálidos ao serem comparados com este das façanhas efetivadas pelos Reinhardt e os seus “camaradas” nas ruas de Berlim. Os delegados dos sitiados no Vorwaerts, enviados como parlamentares para tratarem da sua rendição, foram destroçados a pancadas de garrote pela soldadesca governamental, e isto aconteceu até tal ponto que não foi possível reconhecer os seus cadáveres. Quanto aos prisioneiros, foram pendurados dos muros e assassinados de tal maneira que muitos deles tinham o cérebro fora do seu crânio. Quem acha ainda, depois destes indignos fatos, nas vergonhosas derrotas impingidas pelos franceses, os ingleses e os americanos aos alemães? Spartakus é o inimigo e Berlim o campo de batalha em que somente sabem vencer os nossos oficiais. Noske, “o operário”, é o general que sabe organizar a vitória ali onde Lun-

¹ Publicado originalmente em janeiro de 1919. Fonte: <https://www.marxists.org/portugues/luxemburgo/1919/01/ordem.htm>.

dendorff fracassa.

Como não pensar aqui na matilha vitoriosa que impunha anos antes “a ordem” em Paris, nessa bacanal da burguesia sobre os cadáveres dos combatentes da Comuna? Era a mesma burguesia que acabava de capitular vergonhosamente face aos prussianos e que tinha abandonado a capital do país ao inimigo de fora para fugir ela própria como o derradeiro dos covardes. Uma outra coisa foi depois face aos proletários parisienses mal equipados e sem armas. Contra as suas mulheres e os seus filhos... Então é que puderam mostrar a sua viril coragem os filhos do papai e toda a “juventude dourada” que mandava em Versalhes! Estes filhos de março, pregados até o dia anterior ante o inimigo estrangeiro, souberam de repente ser cruéis e bestiais face a umas vítimas sem defesa, face a uns centos de prisioneiros e moribundos. “A ordem reina em Varsóvia!” “A ordem reina em Berlim!”. Eis como proclamam as suas vitórias os guardas da “Ordem” através de todos os exércitos que se estendem de um lado para outro da luta histórica mundial. A destituição dos vencedores não indica mais do que o final de uma etapa da “Ordem” que deve ser mantida e proclamada periodicamente, mediante toda a classe de sangrentos assassinos, sem deter-se na sua marcha para o seu destino histórico, quer dizer, para o seu fim.

O que tem achegado esta semana às nossas ensinaças? Em primeiro lugar, ainda no meio da luta e dos gritos vitoriosos da contrarrevolução, os proletários revolucionários puderam chegar a medir os acontecimentos e os seus resultados com a grande medida da história. E isto aconteceu assim porque resulta que a Revolução não tem tempo a perder e, em consequência, persegue a sua vitória por cima das tumbas e por baixo das habituais vitórias e derrotas.

Reconhecer as suas linhas de orientação e seguir os seus caminhos com plena consciência é a tarefa fundamental de todos os que lutam pela vitória do socialismo internacional.

É possível esperar uma vitória definitiva do proletariado revolucionário, na sua luta com os Ebert-Scheidemann, para aceder a uma ditadura socialista? Decerto que não, sobretudo se se considerarem devidamente todos os fatores chamados a decidir sobre a questão. O ponto vulnerável da causa revolucionária neste momento é a não madura política da grande massa de soldados que ainda permitem aos seus oficiais que os mandem contra os seus próprios irmãos de classe. De resto, a não madurez do trabalhador-soldado não é mais do que um sintoma da não madurez geral em que ainda se acha imersa a revolução alemã.

O campo, que é donde procedem a maioria dos soldados, fica tanto depois como antes fora do campo de influência da revolução. Berlim é até o presente, face ao resto do país, algo assim como um ilhéu. Os centros revolucionários da província (os de Renânia, Wasserkant, Brunschwitz, Saxe e Wurtemberg nomeadamente) estão de corpo e alma do lado do proletariado berlinense, mas pelo momento falta uma concordância direta na ação, que é a única que pode proporcionar uma incomparável eficácia ao arranque e a combatividade dos operários de Berlim. Além disso, a luta econômica (que é origem de verdadeiras fontes vulcânicas em que se alimenta a revolução) acha-se ainda numa fase claramente inicial.

Disso tudo pode deduzir-se claramente que não é razoável contar pelo momento com uma vitória de tipo decisivo. A luta destas últimas semanas teve como desenlace o resultado das citadas insuficiências. Sempre há um disparo inicial, mas qual era na realidade o ponto de partida da última semana de luta? Como já aconteceu em casos precedentes, como já aconteceu no 6 de dezembro, como já aconteceu no 24 de dezembro, desta vez também esteve a origem numa provocação brutal pela parte do governo. Como no caso do assassinato dos manifestantes desarmados, como no caso da matança dos marinheiros, desta vez foi o atentado da Prefeitura da polícia a causa originária de todos os

acontecimentos. E é que a revolução nem sempre tem hipóteses de agir seguindo as suas livres decisões, em terreno descoberto e depois de um bom plano de manobras ideado por algum bom estrategista. Os seus inimigos tenham também a sua iniciativa, e por vezes inclusive são eles quem a tomam, que por certo é o que se passa geralmente.

Porém, ante o fato da insolente provocação do governo Ebert-Scheidemann, os operários revolucionários estavam forçados a pegarem nas armas. Com efeito, para a revolução, pode dizer-se que era uma questão de honra responder o mais rapidamente possível e com todas as forças ao ataque, porque se assim não fosse teria sido impulsada à contrarrevolução, a uma nova etapa repressiva, com o que teriam resultado comovidas as fileiras revolucionárias e diminuído o crédito moral da revolução alemã.

A melhor manobra é uma boa viragem inesperada e audaciosa.

A resistência surgiu tão espontaneamente, com uma energia tão evidente, do mesmo seio das massas berlinenses, que do primeiro momento pode dizer-se que a vitória moral esteve do lado da rua. Uma lei interior da revolução é a da impossibilidade de esperar na inatividade depois de que se deu um passo para a frente. A melhor manobra é uma boa viragem inesperada e audaciosa. Esta regra elementar de toda a luta é que rege com maior razão todos os passos da revolução. Nesta ocasião haveria de demonstrar aliás o seu instinto, a força interior sempre fresca do proletariado berlinense e uma combatividade do mesmo que não se limitou a reintegrar Eichorn nas suas funções, mas que impulsionou a massa para ir em direção a outros redutos da contrarrevolução, como é a imprensa burguesa, representada de primeira mão pelo Vorwaerts. Se todas estas iniciativas surgiram espontaneamente da massa é porque esta sabia que a contrarrevolução não se havia de conformar com a derrota e que havia de procurar a provocação como fosse uma batalha onde se mediram todas as

forças de ambos os combatentes.

Aqui também depararemos com uma das grandes leis históricas da revolução, contra a qual estilhaçam todas as sutilezas próprias dos pequenos maquiavélicos “revolucionários” ao estilo dos do USPD, que em cada ocasião de lutar não procuram mais do que o seu correspondente pretexto para se bater em retirada. O problema fundamental de toda revolução (neste caso é o da queda do governo Ebert-Scheidemann) surge em cada caso com toda a atualidade, porque cada episódio da luta descarta, com a fatalidade das leis naturais, todo compromisso com a calma ou com as gargalhadas da politiquice reformista, exigindo em todo o momento o máximo por pouco maduras que forem as circunstâncias... Abaixo o governo de Ebert-Scheidemann! Esta é a palavra-de-ordem que emerge como inevitável de cada episódio da nossa atual crise, tornando na única fórmula capaz de exprimir o senso e o significado de todos os conflitos parcelares, e de levar a luta até o seu ponto culminante.

O resultado desta contradição entre o agravamento do objetivo e as insuficiências prévias para o seu cumprimento tem como concreção o estabelecimento da fase inicial do desenvolvimento revolucionário, no decurso do qual as lutas parcelares sempre acabam com uma “derrota” formal. Mas a revolução é a única forma de “guerra” em que (por lei de vida que lhe é própria) a vitória final apenas pode ser atingida através de uma série de “derrotas” prévias.

O que é que nos mostra se não toda a história das revoluções modernas e do socialismo? O primeiro facho que iluminou a luta de classes na Europa foi a insurreição dos sedeiros de Lyon em 1831, que terminou com uma flagrante derrota. O movimento dos cartistas na Inglaterra concluiu também com uma derrota. O levantamento do proletariado em Paris, durante as jornadas de 1848, desembocou igualmente numa esmagadora derrota. E a Comuna de Paris teve semelhante desenlace... Todo o caminho

do socialismo está efetivamente asfaltado de derrotas, apesar do qual vemos que a história do mesmo avança inexoravelmente, passo a passo, para a vitória que há de ser definitiva. Onde estaríamos hoje sem estas “derrotas” das que tiramos a experiência histórica que nos permite reconhecer a realidade das coisas em toda a sua dimensão? Na atualidade, quando temos conseguido chegar já ao limiar da batalha final, é precisamente quando melhor podemos reconhecer que é sobre todas essas “derrotas” sobre as que nós ficamos em pé. Não podemos prescindir de nenhuma delas, porque cada uma das mesmas faz parte da nossa força atual.

Vitória na derrota e derrota na vitória.

Este é justamente o contraste e a aparente contradição que diferencia as lutas revolucionárias das lutas parlamentares. Na Alemanha contamos com quarenta anos de “vitórias” parlamentares, de forma que pode-se dizer que durante todo este tempo estivemos marchando de vitória em vitória, sendo o resultado a grande prova histórica de 4 de agosto de 1914: a derrota política e moral mais catastrófica e inesquecível.

As revoluções, pelo contrário, não nos tenham chegado mais do que contínuas derrotas, mas inevitáveis estas derrotas são a melhor garantia da nossa vitória final... Claro que isso tudo entranha uma condição! E é a de sabermos em que circunstâncias teve lugar cada derrota, quer dizer, se esta foi o resultado de umas massas imaturas que se lançam à luta, ou de uma ação revolucionária paralisada no seu interior pela indecisão, a fraqueza e a falta de radicalismo.

Dois exemplos típicos de ambos os casos poderiam ser a revolução francesa de Fevereiro e a revolução alemã de Março. A ação heroica do proletariado de Paris em 1848 converteu-se na energia mais vivificadora que cabe para o proletariado de todo o mundo, enquanto os lamentáveis desfalecimentos da revolução alemã de março do mesmo ano viram-se metamorfoseados

numa espécie de pesada cadeia para todo o desenvolvimento histórico ulterior da Alemanha, cujos efeitos regressivos podem ser rasteados mesmo nos acontecimentos mais recentes da nossa revolução e na crise dramática que acabamos de viver.

Como será vista, em tal caso, a derrota da nossa Semana de Spartakus à luz da mencionada perspectiva histórica? Como o resultado de uma audaz energia revolucionária perante a insuficiente madurez da situação, ou como o desenlace de uma ação empreendida sem a necessária convicção revolucionária?

De ambas as formas! Porque a nossa crise tem, com efeito, um duplo rosto, o da contradição entre uma enorme decisão ofensiva por parte das massas e a falta de convicção por parte dos chefes berlinenses. Falhou a direção. Mas este é o defeito menor, porque a direção pode e deve ser criada pelas massas. As massas são, com efeito, o fator decisivo porque são a rocha sobre a que será edificada a vitória final da revolução. As massas cumpriram com a sua missão, porque fizeram desta nova “derrota” o elo que nos une legitimamente à cadeia histórica de “derrotas” que constituem o orgulho e a força do socialismo internacional. Podemos ter a certeza de que desta “derrota” também há de florescer a vitória definitiva.

A ordem reina em Berlim!... Ah! Estúpidos e insensatos car-rascos! Não reparastes em que a vossa “ordem” está a alçar-se sobre a areia. A revolução alçar-se-á amanhã com a sua vitória e o terror pintar-se-á nos vossos rostos ao ouvir-lhe anunciar com todas as suas trombetas: ERA, SOU E SEREI!

Documentos

É preciso retirar o genocida Bolsonaro do poder!

Executiva Nacional do MES (21 de março de 2021)

Ecoa pelo país a prédica do jovem youtuber Felipe Neto: Bolsonaro é um genocida! Com esses dizeres, protestamos com faixas e cartazes nas principais cidades do país, na última sexta-feira, dia 19/03.

Bolsonaro é o principal responsável pelas 300 mil vidas a menos – sem contar as subnotificações – em nosso país. Transformou o Brasil no epicentro da pandemia, com um mórbido recorde de mortes diárias sendo superado a cada dia. São entes queridos, amigos, familiares, personagens desse verdadeiro genocídio, que se repete, com cenas dantescas em hospitais que faltam insumos, UTIs, oxigênio. Uma em cada quatro mortes de Covid-19 no mundo está no Brasil.

O desastre econômico não é menor. A economia sofre com a combinação da inflação – o preço da comida disparou- com uma alta de desemprego. Além disso, a gasolina está muito mais cara assim como o gás de cozinha. A fome voltou a ser um drama para milhões. Estamos numa situação de catástrofe sanitária.

O mergulho da crise econômica arrasa milhares de pequenos e médios empresários. A Volkswagen anunciou a paralisação de suas atividades no Brasil. Uma parte dos empresários já sinaliza a preocupação com os rumos gerais do país.

Não se pode esperar. Temos que tirar Bolsonaro agora. Com o agravamento da crise política, se abre uma nova janela para derrubar o governo. E lugar do presidente é sentado no Tribunal Penal Internacional, responsabilizado pelo genocídio brasileiro.

Vamos redobrar a agitação de rua: cartazes, outdoors, faixas. Nossa bancada vai seguir vocalizando essa agitação- com a necessidade do Impeachment!

Derrotar Bolsonaro agora e também nas urnas

A hora da unidade contra Bolsonaro é agora. Fora o genocida. Se ele sobreviver politicamente até 2022, a tendência é de que os estragos para o país sejam enormes mas que, eleitoralmente, ele esteja ainda mais desgastado. É muito improvável a hipótese de não haver segundo turno, que provavelmente ocorreria com Lula. Por isso no primeiro turno o PSOL tem que ter candidatura própria. Quem será este candidato ou candidata deverá ser debatido no momento apropriado.

Se o segundo turno terá um caráter plebiscitário, nosso dever é construir uma alternativa política. Não há risco de não existir dois turnos, precisamos aproveitar a condição para afirmar uma política.

O PSOL deve apresentar uma pré-candidatura própria para defender junto ao público por que Bolsonaro precisa cair e que medidas são necessárias para tirar o país da crise (como o auxílio emergencial em níveis federal, estadual e municipal), além de qual governo necessitamos por uma saída de fundo, antiburocrática e anticapitalista. Um programa anticapitalista que taxe as grandes fortunas, audite a dívida externa, combata o capital rentista. E se oponha a conciliação de classes, que nos levou às derrotas do período anterior.

Vamos apresentar nosso programa e destacar seus eixos em todos os debates que pautem a unidade da esquerda e da centro esquerda. Nossa consciência das diferenças profundas não nos impedirá de estabelecer pactos para evitar agressões e, sobretudo, para enfrentar o bolsonarismo, além do compromisso de lutarmos juntos nas ruas e no segundo turno.

Vamos com toda força derrotar Bolsonaro agora e organizar a luta política interna para defender o PSOL e sua razão de existir.

Abaixo o governo genocida de Bolsonaro!

Executiva Nacional do MES (22 de março de 2021)

Chegamos a quase 3 mil mortes por dia, nos registros oficiais, pela Covid-19: uma marca trágica, mórbida, que faz do Brasil o epicentro mundial da pandemia. Superamos a média móvel de casos e óbitos dos Estados Unidos, até então as maiores do mundo. Estamos vivendo uma tragédia sem precedentes. Sem contar as subnotificações, são quase 300 mil vidas a menos.

A crise política está se agravando no país. Não é possível descartar uma nova janela política, na qual esteja recolocada a hipótese do impeachment. Isso nos impõe a retomada do eixo de luta pelo “Fora, Bolsonaro”. O impeachment pode não ser visto, hoje, como provável, mas o tema voltou à pauta e, por isso, devemos estar na vanguarda para lutar pela realização dessa tarefa fundamental.

O cenário internacional traz novas tendências e arrasta algumas incertezas. Como elementos de novidade, podemos assinalar – sem tratar do tema, neste documento, com profundidade – a nova orientação política e econômica do governo Joe Biden nos Estados Unidos. A aprovação de um pacote de estímulo na ordem de US\$ 1,9 trilhão e a distância das medidas de Trump, por si só, já conferem um novo momento à política global. Trata-se de uma mudança enorme, sobretudo para o Brasil de Jair Bolsonaro. Também assistimos a uma desigualdade muito grande com relação ao enfrentamento à pandemia no planeta. Em alguns países, a vacina já imuniza parcelas significativas da população, enquanto em outros ainda se nota repique de casos e mesmo o confinamento total, como é a situação da Alemanha e da Itália, respectivamente.

Outro fenômeno notável é a eclosão de revoltas de caráter popular numa série de países, nos quais a gestão da pandemia

leveu à ira e à indignação da maioria social. Sem nos repetirmos, é possível mencionar Haiti, Argélia, Paraguai, Líbano, Senegal, Jordânia e, no caso mais emblemático, a luta entre revolução e contrarrevolução em Mianmar.

Nosso vizinho Paraguai passa por uma verdadeira revolta contra o colapso sanitário. Já são mais de dez dias de manifestações multitudinárias. As jornadas de março têm uma especial participação da juventude, que toma a capital Assunção e as principais cidades do país, pedindo a queda do presidente Mario Abdo e de seu vice Velázquez. A luta do povo paraguaio é um processo extremamente progressivo, que tem eco na vanguarda e no ativismo do Brasil.

Entre o vírus e a fome

A situação brasileira é de completo descalabro. Na semana em que se anuncia o novo ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, há um recorde de casos e óbitos por Covid-19. O país se transformou num pária para a comunidade internacional. As novas cepas, como a originada em Manaus e a variante britânica, circulam nos estados, ampliando o contágio e sendo mais letais, inclusive, para os mais jovens.

Eduardo Pazuello não deixará saudades no Ministério da Saúde. Em sua gestão à frente da pasta, o general foi um símbolo da incompetência, do desastre e das mortes. A sua troca foi envolvida em mais uma crise palaciana, com Bolsonaro descartando os nomes sugeridos pelo centrão, como a médica Ludhmila Hajjar, que saiu acusando o bolsonarismo de perseguição. O país teve quatro ministros da Saúde até aqui, sendo que Mandetta e Teich deixaram o cargo alegando incompatibilidade com a orientação anticientífica e negacionista de Jair Bolsonaro.

Se em janeiro e fevereiro vivemos o trauma da falta de leitos e de oxigênio em Manaus, agora, verifica-se o caos alastrando-se pelo país. Em muitas regiões, o nível de ocupação das UTIs

passa de 100%. Os governos não conseguem responder à altura, alternando omissão, falta de coordenação e dificuldade de oferecer uma saída que leve em conta a necessidade de diminuir significativamente a circulação garantindo uma renda digna para a sobrevivência da população.

Com o necessário fechamento das cidades para o combate à disseminação da Covid-19, a economia também sofre um baque e o desemprego deu um salto. Mais da metade da população não está formalmente ocupada. São centenas de milhares de pequenos e médios negócios que estão fechando ou falindo, gerando desespero, ruína e inadimplência, além de mais uma rodada de concentração de capitais e de aumento da desigualdade.

A inflação escala: a cesta básica teve um aumento de 33% em poucos meses. Mesmo com a demagogia de Bolsonaro sobre a redução de impostos e a substituição do presidente da Petrobrás, os preços dos combustíveis e do gás de cozinha sobem a galope.

Estamos diante de uma realidade dramática que faz com que o país retroceda em décadas: a fome volta a ser uma realidade, um pesadelo real para milhões de brasileiros. Estima-se que dos 16 milhões que vivem em condições de pobreza nas favelas, cerca de 82% não conseguem alimentar sua famílias com duas refeições diárias. Segundo dados do IBGE, são 10,3 milhões de brasileiros que já estão passando fome. Enquanto parcelas expressivas do povo enfrentam a insegurança alimentar, a família Bolsonaro é investigada pelo já famoso esquema de “rachadinhas” em seus gabinetes e por seu enriquecimento desproporcional, do qual o último e mais escandaloso exemplo foi a compra da mansão de luxo de R\$ 6 milhões em Brasília pelo senador Flávio Bolsonaro em plena pandemia.

As respostas do governo e do Congresso são uma verdadeira condenação do povo à miséria: o novo auxílio-emergencial terá valores muito inferiores aos de 2020 (R\$ 600 nas primeiras parcelas, depois cortados pela metade) e oscilará entre R\$ 150 e R\$

375 – um verdadeiro escárnio, já que o novo auxílio não cobrirá sequer 40% do preço da cesta básica nas principais capitais do Brasil.

Bolsonaro atenta contra os interesses populares

A linha básica de Bolsonaro é atentar contra a vida, os interesses populares e o patrimônio nacional. O jovem youtuber Felipe Neto não tinha melhor forma de resumir quem é Bolsonaro: um genocida e responsável pelas centenas de milhares de mortes por sua gestão criminosa da pandemia. Equilibrando-se para manter uma posição competitiva na disputa de 2022, Bolsonaro construiu sua aliança com o que há de pior na política nacional e venceu com o centrão a presidência das duas casas legislativas. Acenando para sua base, agita a liberação cada vez maior do porte de armas, insufla protestos minoritários como o de 14/03 e sustenta a linha de entrega das estatais para manter o ajuste e o plano Guedes. A votação da PEC da austeridade que congela salários do funcionalismo e a MP de venda da Eletrobrás respondem a esse plano. E vem mais por aí: reforma administrativa, venda dos Correios, entrega de novos campos e refinarias da Petrobrás, além da manutenção do arrocho salarial com sua política econômica.

Os efeitos do desastre são sentidos. Apesar de todo poder de governo, Bolsonaro teve um forte revés na opinião pública segundo a última pesquisa Datafolha. As pesquisas de opinião já refletem o enfraquecimento do presidente, que tenta operar uma mudança brusca em seu discurso, como na falaciosa nova postura do governo em relação à vacinação. O número dos que avaliam o governo Bolsonaro como ruim/péssimo chega a 44%, além da reprovação de 54% dos entrevistados quando perguntados sobre o papel do presidente na gestão da pandemia. Bolsonaro ainda conserva o apoio de 30%, sobretudo em sua fiel base evangélica.

Há outros setores que ameaçam desgarrar-se da política do

governo. A manifestação de policiais civis em Brasília, desconfortos com o tratamento dado à categoria na PEC, evidencia um importante choque. Outra categoria que deve ser acompanhada é a dos caminhoneiros que, junto com os motoristas de aplicativos, sofre as duras consequências da política de preços da Petrobrás (a razão do aumento constante dos combustíveis) a serviço da remuneração do rentismo. Bolsonaro, sabendo que não pode perder sua base, manipula informações para desviar a indignação dos motoristas e caminhoneiros para os governadores estaduais e para a cobrança de ICMS.

O choque com os governadores é flagrante e uma das marcas da situação política. Existe um descontentamento popular com muitos governadores, como é o caso de João Doria em São Paulo. Bolsonaro sabe disso e busca promover-se. Enfrenta-se, também, com os governadores do DF, de estados do Nordeste e do Rio Grande do Sul – o que levou à ruptura recente de um setor do PTB gaúcho com Roberto Jefferson em solidariedade ao vice-governador Ranulfo.

No entanto, há dificuldades para realizar uma linha mais ofensiva de ação. Com as ruas interditadas pela calamidade do caos da saúde; as condições objetivas de setores da classe extremamente golpeados (pelo desalento, desemprego e, nas camadas populares, pela fome), nota-se a falta de uma oposição mais dura contra o governo. Apesar da agitação sistemática da nossa bancada na Câmara, as grandes centrais sindicais e as lideranças da oposição têm sido incapazes, até aqui, de apontar um caminho distinto e um plano de urgência diante da catástrofe.

As mudanças no tabuleiro político

O restabelecimento dos direitos políticos de Lula é uma vitória democrática que repara uma manobra jurídica realizada com o intuito de retirá-lo das eleições de 2018. Este processo enviado, explicitado pelas reportagens da “Vaza Jato”, foi determi-

nante para a vitória de Bolsonaro e distorceu o cenário político brasileiro nos últimos anos. Não sabemos o nível da articulação prévia que resultou na ação do ministro Fachin, mas é certo que não se trata de uma simples decisão monocrática. Foi uma decisão planejada e carregada de intenções políticas.

A declaração da nulidade das condenações de Lula decorre da verificação da incompetência jurídica de Sérgio Moro, que não seria o “juiz natural” desta causa. Alega-se, também, que a decisão de Fachin buscaria evitar a continuidade do julgamento sobre a suspeição de Moro nos casos envolvendo Lula. No entanto, apesar de a transferência dos processos para a Justiça Federal do DF não inocentar Lula nem debater o mérito das provas obtidas pelas investigações da Lava Jato, este movimento colocou Bolsonaro na defensiva, enfraquecendo a extrema-direita e melhorando as condições da resistência ao bolsonarismo.

O retorno de Lula ao cenário eleitoral também muda o debate sobre 2022. Sua volta certamente impõe um segundo turno nas próximas eleições, colocando-o como o candidato mais forte para derrotar Bolsonaro. Ciente disso, Lula postula-se hoje como principal liderança contra a extrema-direita e, ao mesmo tempo, como a melhor alternativa para a conciliação das relações entre o capital e o trabalho (conforme afirmou em seu último discurso). A combinação entre um simbolismo de esquerda e os acenos concretos à direita – ambos apontando para a construção de uma frente ampla com setores da centro-direita em 2022 – é e será a postura de Lula no próximo período.

A oposição liberal, ou direita não bolsonarista, por sua vez, tem dificuldade de construir um nome do autodeclarado “centro democrático”. Huck ainda não definiu se será candidato e Doria, pela primeira vez, assumiu que não descarta concorrer à reeleição para o governo de São Paulo. Inúmeros analistas sugerem a fraqueza das condições de apresentar um nome desse espaço político, seja pela crise do PSDB e do DEM, seja pela instabilidade

de do centrão. Rodrigo Maia, nome fundamental da direita não bolsonarista, após a derrota acachapante na eleição para a mesa da Câmara, abandonou o DEM e deve buscar abrigo nas fileiras do MDB.

Lula, conhecedor dessa situação, busca costurar uma estratégia que o leve ao segundo turno como favorito. As mais recentes pesquisas de opinião, inclusive, já lhe colocam em primeiro lugar na disputa contra Bolsonaro. O ex-presidente já deixou claro que vai procurar “ampliar” as alianças, cogitando informalmente nomes como Luiza Trajano, controladora da Magalu. A sinalização dada pela Globo, na edição do Jornal Nacional sobre o discurso de Lula, foi evidente, mostrando que pode haver um caminho para uma nova “concertação”. No dia 16/03, Fernando Henrique Cardoso, em entrevista à *Folha*, declarou que votaria em Lula num eventual segundo turno contra Bolsonaro.

Ainda mais sugestiva é a leitura do artigo de Delfim Netto na *Folha* a respeito da volta de Lula à cena. Delfim relembra a política macroeconômica dos dois governos de Lula como uma fórmula extremamente vantajosa ao mercado, que não causou desequilíbrio fiscal. Para o “czar da economia” da ditadura: “Não parece razoável, portanto, supor que Lula seria diferente de si mesmo em uma eventual terceira eleição e que se aproximaria do espectro de uma administração econômica para incorporar suas receitas que não deram certo, ainda que tenha sido de um governo do mesmo partido. Ou, até mesmo, que a menção ao seu nome possa suscitar as mesmas dúvidas e a mesma apreensão no mercado que sua presença na corrida eleitoral de 2002 causava”.

Nossa política e orientação

Diante da catástrofe, urge responder aqui e agora. A necessidade de enfrentar Bolsonaro é imediata. Não podemos esperar 2022. Portanto, o centro de nossa tática e agitação é o enfrentamento ao governo de todas as formas possíveis.

Depois da prisão de ativistas em Brasília em 18/03, nossa resposta foi exemplar: dobramos a aposta e saímos com faixas nas principais cidades do país em solidariedade também a Felipe Neto e a todos que consideram Bolsonaro um genocida. A palavra de ordem “Abaixo Bolsonaro Genocida” unifica e organiza a agitação para o movimento de massas.

Tirar Bolsonaro da presidência é a tarefa prioritária, para a qual deve ser realizado todo tipo de atividade: painéis, carreatas, colagens, projeções e agitações. Qualquer fórmula é melhor do que o governo da morte do genocida Bolsonaro! É preciso retomar a luta pelo impeachment! Para tanto, defenderemos, como método de ação, a necessidade de construir uma greve geral sanitária para sensibilizar o país e dar corpo à indignação contra Bolsonaro e contra os setores burgueses negacionistas que condenam nosso povo à morte e ao sofrimento.

Além disso, é necessário um plano de emergência que garanta vacinas; auxílio-emergencial de, no mínimo, R\$ 600; plano de controle do contágio nas cidades; testagem em massa; política de auxílio/crédito para o pequeno e médio comércio; isenção das contas de luz e água para desempregados; congelamento do preço da gasolina e do gás de cozinha; anistia para as dívidas no SPC e Serasa; reconversão da indústria para a produção imediata de insumos a fim de acelerar o plano nacional de imunização; quebra de patentes das vacinas; além da defesa do SUS.

Nesse cenário, é imprescindível reafirmar a luta contra Bolsonaro e a extrema-direita, ao passo que devemos fortalecer o PSOL, seu programa e perfil como um polo anticapitalista. Ambas as tarefas caminham juntas. Munidos da orientação de combinar a unidade necessária para enfrentar a extrema-direita com a postulação do projeto do PSOL, apresentamos nossa linha política na última reunião do Diretório Nacional do PSOL. Baseamo-nos na necessidade de afirmar o partido e seu programa na contramão de nota publicada pelo jornal *O Estado de São Paulo*,

onde se afirma que o PSOL cogita não ter candidato em 2022.

Temos construído uma intervenção comum com diferentes setores partidários que compartilham a visão de que é fundamental, diante da crise, que o PSOL apresente seu programa e uma saída política para a grave crise brasileira. Tal programa deve ter como eixo uma política real de recuperação das perdas e proteção aos mais pobres; combate ao desemprego; amplo investimento em saúde, educação e infraestrutura; combate sem tréguas ao capital financeiro; auditoria da dívida; taxaço das grandes fortunas, heranças, lucros, dividendos e do capital bancário; controle de capitais e do câmbio; respeito às comunidades originárias e ao meio ambiente; entre outras medidas.

Na afirmação desse programa, desse perfil e caracterizando que as sinalizações de Lula indicam para uma fórmula de conciliação de classes, devemos defender uma pré-candidatura própria do PSOL para vocalizar a política de nosso partido. As pesquisas indicam que Lula deverá estar no segundo turno. O ex-presidente tem consolidada sua defesa da colaboração de classes com a burguesia, pretendendo tornar-se mais viável. Ainda que haja muito tempo para o pleito de 2022, o fato é que a eleição em dois turnos oferece a hipótese de uma candidatura programática por fora do social-liberalismo no primeiro turno e uma escolha plebiscitária anti-Bolsonaro no segundo. O PSOL precisa ser parte do debate político e do enfrentamento à crise nacional.

Queremos compartilhar a defesa de um programa e da radicalidade do PSOL, reivindicando sua história de combates e sua trajetória como único partido com representação parlamentar que nunca agiu contra os interesses do povo. A luta sem tréguas em defesa da classe trabalhadora, contra os ataques neoliberais e contra a impunidade de burgueses e políticos corruptos tem sido a marca do PSOL desde sua fundação, na luta contra a reforma da previdência de 2003, até hoje e deve seguir norteando suas ações. Ao mesmo tempo, não vacilaremos em lutar em unidade com

todas e todos que defendam uma plataforma mínima de superação da emergência nacional pela Covid-19 e pelo caos bolsonarista. Abaixo Bolsonaro genocida! Impeachment, já! Vacinação em massa para todo o povo brasileiro!

Crise política e perigo autoritário no governo Bolsonaro

Secretariado Nacional do MES (31 de março de 2021)

No dia de ontem a crise política foi agravada ao se converter também numa crise militar, a primeira grave crise deste tipo no governo Bolsonaro. A divisão existente na burguesia deu um novo salto e está exposta agora no interior das Forças Armadas, com a cúpula das três forças se distanciando da lógica de confronto permanente que marca o governo na sua relação com as instituições que, de uma forma ou outra, impõem algum limite na tentativa de Bolsonaro de se estabelecer como autoridade acima da lei e até contra ela.

As trocas de comando realizadas em um único dia em seis ministérios (Casa Civil, Secretaria de Governo, Advocacia-Geral da União, Ministério da Defesa, Ministério da Justiça e Segurança Pública e Ministério das Relações Exteriores) representam dois movimentos de um governo que perdeu bases sociais tanto no andar de cima quanto nas camadas médias e setores populares e busca responder ao seu próprio enfraquecimento apostando em duas políticas diferentes que podem se completar ou podem explodir em contradições ainda mais graves: por um lado se aproximando do “centrão” em busca de estabilidade política, e por outro, avançando na aposta antidemocrática para a condução do governo.

A reação dos comandantes das três forças mostrou que Bolsonaro não tem, digamos assim, um Exército para chamar de seu. Embora mantenha grande apoio nas bases militares e nas cúpulas, há setores igualmente importantes que não aceitam mais atrelar as Forças Armadas a sua sorte, sobretudo depois do desastre do general ministro da saúde. Por sua vez o Centrão, embora ávido por poder e por recursos públicos, se move também

levando em conta a opinião pública, sobretudo examinando se a base eleitoral da política governamental evapora ou não, e de olho no que ditam os verdadeiros donos do dinheiro, os capitalistas de modo geral e banqueiros e empresários do agronegócio em particular. A crescente pressão internacional devido à pauta ambiental ou a “carta da Faria Lima”, assinada por destacados economistas liberais, mostra que o andar de cima quer controlar Bolsonaro e até pode querer se livrar dele se for o caso.

Isto ocorre em meio a uma situação social que se deteriora rapidamente. O caos sanitário levou o Brasil a ultrapassar 300 mil mortes por Covid e viver um momento de colapso da rede de saúde com filas para leitos de UTI, falta de equipamentos e insumos. Sem uma política apropriada para enfrentar esta situação, vivemos uma retração econômica onde o desemprego já atinge quase 15 milhões de pessoas, com uma proposta de auxílio emergencial do governo irrisória, entre R\$150 e R\$350. Como se não bastasse temos de enfrentar um calendário de vacinação nacional totalmente atrasado que impede a retomada econômica.

Os motivos da reforma ministerial

Longe de ser uma simples acomodação de forças, como o governo tentou transmitir, as mudanças foram significativas. Nas Relações Exteriores, a saída de Ernesto Araújo é um duro golpe na extrema-direita olavista fruto tanto do fracasso internacional do país na aquisição de vacinas como da grande pressão de setores da burguesia brasileira devido a interesses comerciais na relação com a China.

A ida da deputada Flávia Arruda (PL-DF) para a Secretaria de Governo é outro golpe no bolsonarismo radical porque coloca uma aliada de Arthur Lira que votou pela prisão do bolsonarista Daniel Silveira no setor responsável pelas emendas parlamentares, descontentando a extrema-direita e desfazendo mais uma vez a narrativa “anticorrupção” que mantém parcela dos apoia-

dores do governo. A saída de José Levi da AGU foi outro revés, motivada pela recusa do ex-advogado geral em assinar um ação de Bolsonaro no STF contra o lockdown decretado pelos governadores dos estados do Distrito Federal, Bahia e Rio Grande do Sul, sinalizando a permanência do negacionismo científico do governo.

Em movimento combinado, a saída de Fernando Azevedo e Silva da Defesa aprofundou a crise nas Forças Armadas e teve como resposta o pedido de demissão feito em conjunto pelos comandantes do Exército, Marinha e Aeronáutica. A perda de apoio de Bolsonaro no comando militar ocorre devido ao descontentamento com as tentativas de intervenção do presidente sobre as Forças Armadas, e a nomeação do próximo comandante do Exército pode aprofundar este distanciamento caso não siga a ordem sucessória da corporação e force a aposentadoria de generais hoje na ativa.

Em paralelo à reforma ministerial, Bolsonaro tentou utilizar a morte do policial baiano Wesley Góes como cortina de fumaça e estopim para uma ação nacional de policiais contra os governadores, recuando ao se demonstrar a manipulação do fato em Salvador e a divisão dos policiais em relação à tentativa bolsonarista. Sinalizando para as polícias como um público prioritário do governo, Anderson Torres foi indicado para a Justiça e Segurança Pública e será o primeiro delegado da Polícia Federal neste ministério.

A crise vai continuar

O movimento de Bolsonaro indica uma resposta para suas derrotas do último período, aproximando do fisiologismo e respondendo à sua base social indo contra o isolamento social e em prol de uma agenda policial armamentista. Na mesma direção, convocou os evangélicos para um “dia de jejum e oração pela liberdade” que contou com apoio de lideranças neopentecostais.

Com sua popularidade em queda, a constante ameaça vinda do STF e a volta de Lula ao jogo eleitoral, Bolsonaro tenta manter sua governabilidade ao mesmo tempo que busca preservar seus apoiadores mais duros com um discurso autoritário/religioso e a manutenção da postura negacionista mesmo após o recuo na questão na vacina.

O governo enfrenta uma situação de tensão em múltiplas frentes: do Congresso, que pode avançar no impeachment caso a situação se deteriore mais, dos militares insatisfeitos e que possuem o vice-presidente, do empresariado que sente os resultados econômicos da péssima gestão da pandemia, de setores da direita indignados com a “capitulação” aos corruptos, além da quantidade cada vez maior da população que sofre as consequências da profunda crise no país. A entrada do Centrão nas negociações orçamentárias trouxe um novo ingrediente pois hoje tanto o Tesouro quanto Paulo Guedes reclamam do orçamento que fura o teto de gastos ao ceder às pressões dos parlamentares fisiológicos.

Um impeachment de Bolsonaro, realizado pela própria burguesia refletindo estes interesses diversos, é hipótese que não pode ser descartada, já que resolveria também o problema para o establishment político representado por um possível segundo turno entre Lula e Bolsonaro nas eleições de 2022. Muito embora Lula não seja uma ameaça à ordem burguesa, ele não é o candidato preferencial da burguesia. Pelo menos não ainda. Diante de Bolsonaro pode vir a ser. Mas por enquanto a maioria burguesa aposta na terceira via liberal, e para viabilizar tal caminho pode até tentar tirar Bolsonaro do páreo.

Justamente por estar no momento mais crítico de seu governo, Bolsonaro avança em possíveis saídas autoritárias não para resolver a crise, mas para aproveitá-la a seu favor. As mudanças na Defesa e no comando militar, a proposta de federalização das polícias militares, as recentes manifestações armadas pró-Bolsonaro em algumas capitais e as tentativas de capitalizar a morte

recente do PM em Salvador são sinais dos vários níveis nos quais Bolsonaro tenta criar condições para ações violentas que desorganizem ainda mais o regime burguês e que lhe permita aparecer como um polo político capaz de impor ordem pela força, venha de onde vier, sejam milícias, policiais militares ou soldados do Exército. Mas sua dinâmica segue sendo de enfraquecimento e sua capacidade de ser um polo está cada vez mais comprometida.

O fato de que Lula tenha entrado no cenário também significou algo novo para a burguesia, não só para o povo. Para camadas populares se fortaleceu a esperança de volta ao passado bem menos ruim do que hoje. Para setores da burguesia a ideia de que Bolsonaro já não tem favoritismo eleitoral e portanto seus esforços de negociação podem já podem se deslocar para o PT ou para uma terceira via.

De toda forma, sempre vale o alerta: a crise entre o governo e as Forças Armadas dificulta os planos mais radicais do bolsonarismo, mas não os anulam. As movimentações nas polícias militares e a relação orgânica da família Bolsonaro com as milícias, aliadas a um governo cada vez mais cercado politicamente, pode se desenvolver em ações antidemocráticas e atos de violência que exigirão respostas contundentes. Ao invés de paralisar, esta constatação deve servir como um chamado à mobilização.

Fora Bolsonaro: nossa primeira tarefa

Neste cenário de conflito que se arma, nosso centro está na tarefa da derrubada de Bolsonaro. A palavra de ordem “Bolsonaro Genocida” se ampliou na sociedade e reforçou a necessidade de agitar o Fora Bolsonaro nas redes, nos pannels, nas carreatas, nas ações simbólicas, de solidariedade ativa, de organização sindical e nas demais iniciativas tomadas no contexto pandêmico. Da mesma forma, é imprescindível estarmos preparados para a volta às ruas assim que as condições sanitárias permitirem, ou mesmo antes caso isto seja necessário para a definição da situa-

ção. A sustentação do governo pelo Congresso permanece e Bolsonaro ainda não se jogou na aventura de um golpe aberto, mas esta possibilidade existe e exigirá uma resposta decidida e imediata com mobilização de massas. Além disso, ações que possam provocar rupturas entre as forças de segurança devem ser levadas a cabo principalmente entre os praças também atingidos pela crise e pela carestia.

As eleições de 2022 seguramente são um tema importante desde já, mas esperá-las como tática principal para derrotar Bolsonaro é um erro que ignora as necessidades do momento atual. As tarefas de mobilização pelo Fora Bolsonaro e de vigilância contra o autoritarismo devem se centrar para todos os partidos do chamado campo progressista, das centrais e federações sindicais, das organizações da sociedade civil e da população como um todo, pautando claramente um programa em defesa da vida perante a crise múltipla e das liberdades democráticas perante a ameaça da extrema-direita. As ações do Juntos!, das Juntas! e o trabalho de solidariedade ativa como os da Rede Emancipa são parte de nosso esforço.

A ação parlamentar também tem um papel muito importante nesse processo, seja resistindo aos inúmeros ataques do governo seja impulsionando a mobilização social e a solidariedade internacional. Os próximos meses serão determinantes para o desenvolvimento da situação política, ainda mais caso se fortaleça a possibilidade do impeachment, e estamos frente a um momento no qual todos os setores progressistas e frentes de luta devem estar preparados para contra-atacar frente ao avanço autoritário e passar à ofensiva assim que surja esta possibilidade.

A saída real para a crise que vivemos só será possível através da ação popular que derrote Bolsonaro e imponha medidas concretas. A aceleração da vacinação e o aumento do auxílio emergencial para valores dignos são nossas necessidades mais imediatas, além da derrubada de Bolsonaro. Ao mesmo tempo

necessitamos ir construindo no país um polo anticapitalista que defenda medidas de fundo, que opere a transferência de recursos dos ricos para o povo trabalhador.

Unificação MES-TLS: um salto de qualidade na construção de um polo socialista no PSOL

MES e TLS (31 de janeiro de 2021)

Estamos diante de um novo salto na construção de uma ferramenta revolucionária que aponte para um polo socialista no PSOL: concluímos um processo de aproximação orgânica, que resulta em nossa fusão e em novas sínteses que fortalecerão o MES e colocarão novos desafios no horizonte. A TLS acaba de votar, em sua conferência, a incorporação aos quadros políticos do MES. As bases programáticas que permitem essa nova relação estratégica são dadas por nossa luta em comum para afirmar o projeto estratégico de um polo revolucionário e marxista dentro do PSOL, que disputa a direção partidária visando ao enraizamento partidário e à busca por influência de massas para nossas posições.

Com um trabalho comum a partir de 2013, a TLS e o MES estreitaram laços nos últimos anos. Após um acúmulo de longo tempo – com a conformação de chapas e teses comuns para os últimos congressos partidários –, foram amadurecidas as condições para esse salto. Há cerca de dois anos, decidimos aceitar o desafio e dar o passo de construir uma aproximação orgânica. Nossa base programática comum expressou-se, por exemplo, na tese para o VII Congresso Partidário “PSOL Em Movimento”, onde expressamos uma compreensão comum acerca das tarefas e dos desafios atuais da situação brasileira e mundial, sobretudo o enfrentamento ao bolsonarismo e à extrema-direita. Reforçamos, assim, a ação na vida partidária e no movimento – como, por exemplo, a atividade da TLS e do MES na disputa do movimento de trabalhadores da educação básica, seja via CNTE, seja via a parceria com os companheiros do SEPE e em expansão.

A TLS originou-se da antiga ALS, grupo ligado aos setores da esquerda do PT nos anos 1990. A organização teve uma expressão inicial no ABC paulista e depois se expandiu nacionalmente por meio de sua atuação nos professores e em outros setores. Tornou-se uma das maiores correntes da Apeosp (o sindicato de professores da rede estadual de São Paulo), dirigindo inúmeras subseções, e conquistou inserção nacional, com seu principal trabalho sendo o do SINPOL de Pernambuco, dirigido pelo companheiro Áureo Cisneros, líder dos policiais antifascistas, além de atuar em sete estados (Acre, Alagoas, Bahia, Pernambuco, Piauí, Roraima e São Paulo), com força relevante no PSOL, marcada pelo dinamismo do camarada Leandro Recife, com presença destacada na Executiva Nacional do Partido.

A unificação que agora concretizamos é, para nós, um processo riquíssimo, que dá sequência a uma história de fusões e incorporações em curso na própria gênese do MES desde 1999. Nossa unificação aponta o fortalecimento de uma ferramenta socialista e revolucionária, que seguirá aberta a novas composições e experiências. A organização que resulta desse processo também nos força a dar um salto organizativo, que permita a incorporação de uma nova coluna de quadros e de novos setores de forma qualitativa. Após a unificação, a organização sindical de nossa corrente (que, no MES, desenvolvia-se até então pela bandeira da plataforma sindical anticapitalista “Mover”) agora se denomina Trabalhadoras e Trabalhadores na Luta Socialista (TLS), com uma nova localização. A equipe sindical nacional será responsável pelo êxito desse espaço.

Nossa militância está renovada para dar o combate por uma nova direção para o movimento de massas. Colocamos na ordem do dia a necessidade de enfrentar e derrotar Bolsonaro e a extrema-direita; vamos buscar a luta por construir maioria social e estimular todo tipo de enfrentamento ao bolsonarismo, especialmente, diante da crise em curso, a luta pelo impeachment, por

vacina para todos e pelo retorno do auxílio emergencial.

Nossa base programática é internacionalista e se inspira na solidariedade e no aprendizado com os processos mais dinâmicos em curso de luta e de resistência dos povos, como vimos recentemente com os exemplos das manifestações do “Black Lives Matter” nos Estados Unidos, da luta das mulheres na Polônia e dos enfileiramentos recentes na América Latina, como a derrota do golpe na Bolívia, a luta por uma nova constituinte no Chile e as novas expressões políticas e eleitorais no Peru e no Equador. Dentro da IV Internacional, seguiremos construindo uma saída anticapitalista e ecosocialista para as trabalhadoras, trabalhadores e povos de todo o mundo.

Reafirmamos o PSOL como projeto estratégico, dando centralidade às lutas sociais e colocando nossos tribunais a serviço de uma estratégia socialista e revolucionária. Seguimos a luta do conjunto das e dos trabalhadores, das mulheres, da negritude, das LGBTQs, de quilombolas, indígenas, da juventude, nos bairros, na educação popular, e em todas nossas ferramentas e instâncias.

Hoje, portanto, é um dia histórico e a unidade revolucionária entre dois setores da esquerda socialista, em meio a um período de intensa fragmentação de setores da esquerda radical, não é apenas uma soma. Nossa unificação abre caminho para novas fusões e unificações com grupos socialistas de todo o Brasil, com os quais temos debatido e atuado. Celebramos esse momento brindando à unidade e esperançosos com nossa contribuição para derrotar Bolsonaro e ampliar a luta pela construção de uma alternativa socialista, tão necessária para nosso país.

Viva a luta das trabalhadoras e dos trabalhadores!

Viva o socialismo!

Manifesto de ingresso da militância do coletivo 1º de Maio no MES

Coletivo 1º de Maio

Vimos de longe!

O Coletivo Primeiro de Maio, corrente interna do PSOL, se formou em 2012, reunindo lideranças de juventude e militantes com longa trajetória de luta, em especial do interior do estado de São Paulo. Das Marchas do MST, greves e enfrentamentos contra as privatizações nos anos 1990 às mobilizações contra as reformas neoliberais, pelo passe livre, levantes feministas e ocupações em defesa da educação pública, nos anos 2000 e 2010, a militância do Coletivo Primeiro de Maio sempre teve como eixos o combate radical ao capitalismo, a oposição firme aos governos, a construção dos movimentos sociais, o enraizamento e a disputa massiva de poder local nas cidades e o fortalecimento do PSOL enquanto instrumento para a revolução brasileira.

Diante dos desafios a que nos propomos, nos orientamos pelas grandes disputas, nos jogamos em cada luta social em defesa dos direitos sociais e da vida do nosso povo, estimulamos o conflito com os de cima em cada lugar, fortalecemos cada foco de resistência contra o aprofundamento da desigualdade, da exploração, da dependência, da violência, organizamos ações e coletivos populares, estudantis, sindicais, feministas, antirracistas, LGBTs, ecossocialistas, articulamos intensa formação política, conquistamos sindicatos e entidades estudantis, construímos figuras públicas com referência massiva, elegemos vereadores(as), conquistamos mandatos de deputado estadual, protagonizamos a primeira disputa de segundo turno em uma cidade paulista, em Sorocaba, no ano de 2016, contribuímos para consolidar o PSOL enquanto alternativa de esquerda no estado de São Paulo.

Em meio à maior pandemia dos últimos 100 anos e a uma

crise econômica mundial de grande magnitude, se intensifica a situação de caos social, segregação profunda, concentração de riqueza, aumento do desemprego, da pobreza e da violência estatal, destruição do meio ambiente, precarização das condições de trabalho, desmonte dos serviços públicos, avanço de políticas xenofóbicas e racistas, escalada do autoritarismo. A ascensão do bolsonarismo, sustentado no tripé ultraliberalismo econômico, ultraconservadorismo social e militarismo, se pauta pelo negacionismo da ciência e da história, pelo ajuste fiscal extremo, pelo elogio do ódio e da barbárie, pelo desprezo pela vida e já levou à devastação sem precedentes da Amazônia e do Pantanal, ao desmonte completo da previdência social, a uma ofensiva brutal de criminalização da luta, ao colapso do SUS, ao aumento da fome, da miséria e à morte de mais de 235 mil brasileiras e brasileiros pela COVID-19.

O momento político exige das lutadoras e lutadores rebeldia, ousadia e fortalecimento de experiências organizativas combativas, robustas e com capacidade de resistência, mobilização, alcance, enfrentamento e perspectiva de crescimento.

Diante desse cenário, anunciamos publicamente nossa decisão de engrossar as fileiras do Movimento Esquerda Socialista – MES, uma organização com mais de 20 anos de história na luta socialista, que tem contribuído de forma decisiva para fomentar o combate à ordem e para afirmação do PSOL enquanto alternativa de projeto de poder nacionalmente. O acerto da aposta na construção na juventude nos últimos anos, através do Juntos e do Emancipa, da movimentação para construir a CSP-Conlutas como ferramenta de reorganização sindical combativa, da grandeza de colocar o nome de Luciana Genro para a candidatura à presidência em 2014, da firmeza em agitar a indignação popular e em pautar uma agenda que retome questões centrais para a transformação radical da estrutura segregadora – como as políticas de investimento maciço nas áreas sociais, a taxaço

das grandes fortunas, a reformulação da segurança pública -, da preocupação em construir lideranças jovens, mulheres, negras, LGBTs alinhadas com a defesa intransigente das trabalhadoras e trabalhadores posicionaram o MES com força na disputa nacional, reforçaram as trincheiras de resistência no movimento social e no parlamento e localizaram muito bem essa organização no enfrentamento ao bolsonarismo e aos grandes dilemas do país e da conjuntura.

Vamos com o MES contribuir com a construção de um forte polo de esquerda consequente, com um programa revolucionário, pautado pela independência política e pela democracia, voltado para impulsionar a luta de massas junto à classe trabalhadora. Vamos com o MES consolidar o PSOL como instrumento da revolução brasileira e do socialismo internacionalista. Viemos de longe, resistimos bravamente à dura realidade atual e semeamos a possibilidade de outro futuro para nosso povo. Compartilhamos a construção partidária cotidiana em várias regiões do estado de São Paulo e nos orientamos para multiplicar nossas forças, avançando na perspectiva organizativa a partir da nossa experiência e com a rebeldia e vigor do MES, para seguir articulando e enraizando a revolução. Como diria Plínio de Arruda Sampaio, “estamos nos preparando para uma maratona e não apenas para uma corrida de 100 metros”. É hora de somar forças e trilhar novos rumos para estar à altura das tarefas do período e do compromisso com a transformação social profunda. Se muito vale o já feito, mais vale o que será!

13 de fevereiro de 2021

Assinam este texto:

1 Raul Marcelo Sorocaba Ex-Deputado Estadual

2 Leandro Sartori Itapira Vereador PSOL Itapira

3 Marcio Souza Sorocaba Diretório Nacional PSOL

4 Carolina Filho Campinas Executiva Estadual PSOL SP

5 Paula Penha Sorocaba Executiva Estadual da APEOESP e

Presidenta do PSOL Sorocaba

6 Maria Helena Galhani Americana Presidenta do PSOL Americana

7 Gustavo Marinho Alves Araçoiaba Da Serra Presidente PSOL Araçoiaba da Serra

8 André Luiz Ferreira Da Silva Iguape Presidente PSOL Iguape

9 Ulysses Maia Codognotto Indaiatuba Presidente PSOL Indaiatuba

10 Everthon Juliano De Oliveira Lopes Itapetininga Presidente PSOL Itapetininga

11 João Vitor Gonçalves Salto De Pirapora Presidente PSOL Salto de Pirapora

12 Virgínia Maria Baldan Ferreira Vinhedo Presidenta PSOL Vinhedo

13 Rodrigo Chizolini Votorantim Presidente PSOL Votorantim

14 Felipe Brilhante Maropo Indaiatuba Diretoria Estadual APEOESP

15 Pedro Oliveira Campinas Diretoria Estadual APEOESP

16 Regina Fabiano De Miranda Indaiatuba Presidenta Sindicato Servidores Municipais Indaiatuba (SSPM)

17 Maria Amelia Ferracciu Pagotto Capivari Diretoria SINASEFE

18 Amarildo Aparecido Dos Santos Sorocaba Coordenação APEOESP Sorocaba

19 Magda Souza Sorocaba Coordenação APEOESP Sorocaba

20 Bruno Francisco Pereira Americana

21 Maria Fernanda Pereira Galhani Americana

22 Daiane Tacher Cunha Araçoiaba Da Serra

23 Érico Felix Buffolo Araçoiaba Da Serra

24 Daniel De Carvalho Botucatu

25 Bruno Modesto Silvestre Campinas

- 26 Evandro Bueno Campinas
- 27 Fabrício Cezar Gomes Antônio Campinas
- 28 Fernanda De Oliveira Souto Campinas
- 29 Ícaro Diagonal Turci Campinas
- 30 Leandro Carneiro Campinas
- 31 Marina Gabriele Schol Campinas
- 32 Rafael Magalhães Campinas
- 33 Rebeka Gonçalves Dias Campinas
- 34 Iara Ferracciu Pagotto Tavares De Melo Capivari
- 35 Marina Barreto Pinheiro (Dramin) Florianópolis (SC)
- 36 Jorge Roberto Sarmiento Sifuentes Guapiara
- 37 Amara Maria De Lima Indaiatuba
- 38 Ana Flavia Moraes Oliveira Indaiatuba
- 39 Bruno Nunes De Araújo Indaiatuba
- 40 Elaine Alves De Abreu Indaiatuba
- 41 Erica Nady Indaiatuba
- 42 José Neuton Brilhante Maropo Indaiatuba
- 43 Kelli Cristina Sigrist Dos Santos Indaiatuba
- 44 Márcia Regina Rosenfeld Gonçalves Indaiatuba
- 45 Maria Aparecida Brilhante Maropo Indaiatuba
- 46 Matheus Felipe Fernandes Coutinho Indaiatuba
- 47 Pablo Gustavo Barbosa De Oliveira Indaiatuba
- 48 Valdomiro Dos Santos Junior Indaiatuba
- 49 Bruno Felipe Ferreira Inocencio Itapetininga
- 50 Fernanda Maria Pinheiro De Oliveira Lopes Itapetininga
- 51 Glecio Lopes Arruda Itapetininga
- 52 Gustavo José Santos De Oliveira Itapetininga
- 53 Ivan Rodrigues de Camargo Itapetininga
- 54 Jonathan Moreira Barleto Itapetininga
- 55 Lucas Pires Dos Santos Domingues Vieira Itapetininga
- 56 Maria Laura De Carvalho Alves Itapetininga
- 57 Ricardo Hirata Ferreira Itapetininga
- 58 Sonia Maria Leme Itapetininga

- 59 Vitor Jose Santos De Oliveira Itapetininga
- 60 Cristiano Florence Itapira
- 61 Thiago Silva Florio Jacareí
- 62 Ana Paula Alves Francisco Jundiaí
- 63 Cleofas Teixeira Barbosa Jundiaí
- 64 Fabio Pereira Campos Alves Jundiaí
- 65 Glauco Giuliano Vicentin Gobbi Jundiaí
- 66 Paulo Moraes Taffarello Jundiaí
- 67 Osmar Augusto Fick Junior Leme
- 68 Paulo Roberto Moraes Severino Leme
- 69 Lívia Lazaneo Limeira
- 70 Marina Boscariol Piracicaba
- 71 Julia Rosa Pinto Salto De Pirapora
- 72 Ricardo Oliveira Zanchetta Salto De Pirapora
- 73 Silas Pereira da Silva Salto De Pirapora
- 74 Deusmar Alves Da Silva São José Do Rio Preto
- 75 Josie Silvestre De Moraes Da Silva São José Do Rio Preto
- 76 Maria Silvestre De Moraes São José Do Rio Preto
- 77 Rafaela De Moraes Da Silva São José Do Rio Preto
- 78 Fabio Lourenco Da Silva São Paulo
- 79 João Batista Silva Dos Santos São Paulo
- 80 Alda Celina Franco Ferraz Sorocaba
- 81 Ana Carolina Ribeiro Sorocaba
- 82 Anete Aparecida Da Guia Sorocaba
- 83 Carine Santos Souza Sorocaba
- 84 Carlos Alberto De Jesus Sorocaba
- 85 Cassiane Aparecida Da Cruz Sorocaba
- 86 Claudemir da Cunha Sorocaba
- 87 Daniel Ferraz Nascimento Sorocaba
- 88 Edson Dantas Sorocaba
- 89 Eduardo Henrique Furlan Sorocaba
- 90 Elaine Mendes da Silva Sorocaba
- 91 Fernanda Fontes Arruda Sorocaba

- 92 Flavio Macedo Reis Sorocaba
- 93 Gabriela Marina De Freitas Vicente Sorocaba
- 94 Geovana Ungaro Rodrigues Sorocaba
- 95 Giovana Maria De Jesus Narcizo Sorocaba
- 96 Grazielle Bezerra Santos Sorocaba
- 97 Hugo Leonardo Mendes Batalha Sorocaba
- 98 Jean De Jesus Peres Sorocaba
- 99 Josafat Paulucci Rodrigues Sorocaba
- 100 Lohuan Prieto de Paula Santos José Sorocaba
- 101 Lucas Garrido Sorocaba
- 102 Luiz Carlos da Silva Sorocaba
- 103 Marcos Dias De Moura Sorocaba
- 104 Maria Jose Blondel Enrione Sorocaba
- 105 Maria Luisa Dias Genesi Sorocaba
- 106 Matheus Felipe Ferreira Da Silva Sorocaba
- 107 Nilson Furlan Sorocaba
- 108 Rafael Martins Spina Sorocaba
- 109 Roldão Henrique Camargo Sorocaba
- 110 Sara Daniela Menez Gonçalves Ramos Sorocaba
- 111 Sara Zenith Pinto da Silva Sorocaba
- 112 Silvio José Cruz Sorocaba
- 113 Tadeu Ferraz Sorocaba
- 114 Valdinei Pereira Queiroz Sorocaba
- 115 Vinícius Ricardo Do Nascimento Sorocaba
- 116 Felipe Jovani Tavares Moreira Tatuí
- 117 Kátia Elisa Silveira Tatuí
- 118 Marilene De Fátima Vieira Tatuí
- 119 Carolina De Oliveira Souto Uberaba (MG)
- 120 Potiguara Mateus Porto De Lima Vinhedo
- 121 Valéria Rachid Otavio Vinhedo
- 122 Adailton Dias Santos Votorantim
- 123 Alex de Oliveira Santos Votorantim
- 124 Aline Giron Stuchi Votorantim

- 125 Alison Fernandes Santos Votorantim
- 126 Amanda Caroline de Oliveira Santos Votorantim
- 127 Amanda Cristina Schlic Garcia Chizolini Votorantim
- 128 Ana Cristina Oliveira Votorantim
- 129 Andre Stuchi Romera Votorantim
- 130 Emerson Dos Santos Teobaldo Votorantim
- 131 Felipe Erik Amaro Pravatta Votorantim
- 132 Gabriel Vicente Souza Da Silva Votorantim
- 133 Ivan Da Silva Pereira Votorantim
- 134 João Wyllian Henrique De Oliveira Votorantim
- 135 Joelma Palmeira Votorantim
- 136 José Wellington Oliveira da Silva Votorantim
- 137 Mário Luís Nieri Votorantim
- 138 Raissa Maria Mac Tiers da Silva Votorantim
- 139 Renata Chizolini Votorantim
- 140 Rosalina Rodrigues Votorantim
- 141 Vinicius Felipe da Costa Votorantim
- 142 Viviane Cristina Melo Pereira Votorantim

Anúncio de ingresso no Movimento Esquerda Socialista

Mariana Conti¹

Hoje tomamos uma importante decisão: eu e muitos camaradas de luta decidimos por ingressar na organização política Movimento Esquerda Socialista, o MES. Os motivos de ingresso são muitos, mas gostaria aqui de expressar dois deles.

O primeiro é o fato de que essa organização tem, ao longo dos anos, apostado na necessidade do reagrupamento das organizações revolucionárias no Brasil e no mundo. A aposta de que diferentes tradições, culturas políticas e experiências organizativas podem desdobrar em sínteses políticas, para enfrentar os desafios de um mundo polarizado, em profunda crise social e com enorme vácuo do movimento socialista, me parece correta e necessária.

O segundo motivo é a aposta no protagonismo dos setores mais dinâmicos da classe trabalhadora e que tem imprimido tintas de radicalidade na política nos últimos anos: a juventude, as mulheres, a negritude, as LGBTQIA+s. Saúde a aguerrida militância do MES e sua direção, fundadora do PSOL, pela calorosa acolhida e agora seguimos juntos na caminhada da luta socialista.

17 de fevereiro de 2021

1 Socióloga, vereadora de Campinas (SP) pelo PSOL e da Executiva Nacional do MES.

É tempo de unir forças! O Barulho anuncia um processo de unificação com o Movimento Esquerda Socialista (MES)

Coletivo O Barulho dessa Cidade é a Nossa Voz

Neste momento, em que a extrema direita ocupa o poder político central em diversos países, inclusive no Brasil, os socialistas acumulamos as tarefas de apontar saídas transformadoras para a crise política e econômica e de construir resistências às políticas de miséria e morte. Desafios enormes, que devem ser cumpridos coletivamente. O Movimento Esquerda Socialista (MES) e o Barulho, junto a outros agrupamentos do PSOL, estão se abrindo a um processo de unificação e construção de sínteses políticas. Uma decisão de multiplicar forças, que anunciamos com entusiasmo e esperança.

O Barulho surgiu em 2014, a partir da campanha eleitoral para deputado distrital de Fábio Felix, que tinha como mote “O barulho dessa cidade é a nossa voz”. A campanha conseguiu engajar militantes experientes de diversos agrupamentos do PSOL no DF e ativistas não filiados, além de encantar pessoas que se politizaram e entraram em contato com a luta social naquele momento. Tendo como bandeira a defesa dos direitos humanos e do direito à cidade, a campanha reuniu militantes e ativistas conectados com momentos importantes da história política da cidade, como a ocupação da Reitoria da UnB em 2008, as greves e protestos que culminaram com a ocupação da Câmara Legislativa do DF e com o Fora Arruda em 2009 e 2010, como aqueles que estavam nas ruas em junho de 2013 no Distrito Federal. Além disso, integrantes do movimento cultural, estudantil, LGBTIQ, pelos direitos das crianças e adolescentes, entre outros, fizeram do momento eleitoral em 2014 uma verdadeira campanha-movimento, e o grupo deu sequência às atividades após 2014. Foram

pautados debates públicos na capital federal que se tornaram referência, e o grupo foi capaz de intervir em momentos difíceis e complexos na conjuntura nacional, como na luta contra a presidência de Eduardo Cunha na Câmara dos Deputados, na denúncia e mobilização contra o golpe parlamentar de 2016, e, em âmbito local, na articulação em defesa dos direitos de crianças e adolescentes, por mudanças no sistema penal e socioeducativo.

Mesmo como organização local, sempre tivemos consciência de que nossa luta pelas transformações de que a sociedade necessita são globais, uma vez que o capitalismo, o racismo e o sexismo se estruturam globalmente, e que o avanço da luta por direitos na nossa cidade se articula nacionalmente. Nosso grupo também compreende, há muito, a necessidade de construir o PSOL como ferramenta política para a apresentação de um programa de mudanças profundas no nosso país e de reorganização do campo das esquerdas. A decisão de ingressarmos coletivamente junto ao MES nos entusiasma com a perspectiva de conexão mais orgânica com lutas pelo país e de aglutinação, por meio da IV Internacional, com lutas em ascenso pelo mundo, como o Black Lives Matter nos Estados Unidos, e como no Chile a luta liderada pelos estudantes por uma nova Constituinte. Também, essa decisão nos anima a afirmar a disputar um Partido com independência política, enraizamento social, alta densidade democrática e capacidade crítica de avaliação das outras experiências das esquerdas no poder.

A construção comum com o MES tem sido duradoura, e vai além da disputa partidária, para a construção junto à sociedade. Estivemos juntos na fundação do Emancipa no DF, que se revelou aposta acertada na potência das periferias e na construção política pela base. Internamente ao PSOL, assinamos nos últimos dois Congressos do Partido as mesmas teses, sinal de nossa compreensão e ação comuns, e, no âmbito do DF, desde 2017, construímos com outras forças um bloco que se provou capaz de

aglutinar novos setores e figuras e de colocar em prática relações mais democráticas entre os grupos e entre as bases do partido e sua direção. Para o processo eleitoral de 2018, contamos com o partido mais fortalecido e pudemos apresentar uma chapa com vínculos orgânicos com as juventudes, o movimento estudantil, de mulheres, de negros e negras e LGBTI+. Resultado desse trabalho político foi a eleição do Fábio Felix como primeiro deputado distrital eleito pelo PSOL na história do Distrito Federal.

A decisão de iniciar um processo de unificação orgânica, decorre, assim, de uma relação de confiança política, de formulação e ação cotidianamente construídas em conjunto. Com este passo não pretendemos ignorar diferenças táticas, de trajetória ou de cultura política. O que nos anima nesta caminhada é a possibilidade de somar forças com transparência e franqueza. Isso significa que não abrimos mão, neste processo, de trazer nossas contribuições políticas, seja a respeito das caracterizações e apostas para conjuntura política, seja a respeito de métodos de discussão, tomada de decisão e funcionamento organizativo. Acreditamos que é assim que se amplificam vozes subalternas na construção coletiva.

A maneira como raça, gênero e sexualidade se interseccionam à classe como dispositivos de poder sobre as pessoas tem sido objeto de pesquisa e teorização política nas últimas décadas. Seja ao conformar as esferas pública e privada, e as fronteiras entre elas, seja ao viabilizar mecanismos violentos de desumanização e de gestão da pobreza, o certo é que esses dispositivos são mais que mero agenciamento de identidades individuais e se articulam estruturalmente com o capitalismo. O compromisso da organização com essas agendas e com os representantes desses movimentos são demonstrações de práticas políticas emancipatórias que nos afiançam nesse processo.

Racismo, sexismo e lgbtphobia estruturam o conjunto das nossas relações sociais e exigem das organizações marxistas cons-

tantes reformulações organizacionais e programáticas. Nesse diapasão, o oferecimento de respostas políticas que apontam para justiça criminal como solução para crises políticas merecem ser avaliadas, uma vez que não podem acumular para o conservadorismo em sua face punitivista. Os sistemas de segurança pública e penitenciário brasileiros contam com prática endêmica de tortura e violência estatal, e atuam de forma nitidamente seletiva e racista. É preciso construir saídas que não sinalizem apostas no fortalecimento dessas engrenagens no Brasil.

Representantes de movimentos negros, feministas e LGB-TI+ tem alcançando espaço nas disputas institucionais por representação política pelo mundo, principalmente em partidos de esquerda e, no Brasil, especialmente no PSOL. A eleição de representantes dessas lutas é ainda uma novidade recente, história da qual temos orgulho de fazer parte, como Barulho, na eleição do Fábio Felix em 2018. Esse mérito também é do MES, pela eleição do Fábio no DF, e de diversos outros representantes desses grupos.

No cenário político de ascenso conservador, fragmentação e debilidade do campo das esquerdas, processos de fusões são animadores. Representam a soma de forças em torno de um objetivo comum – a construção de trincheiras de resistências para a afirmação de direitos e da democracia, além da afirmação do PSOL como alternativa política à esquerda. Representam ainda algo além: a disposição para construir coletivamente algo maior e diferente da simples soma das duas partes. É um gesto de esperança e confiança que o novo vai nascer.

O socialismo cresce!

Luiz Fernando Souza Santos: presente!

Executiva Nacional do MES

Na noite desta quinta-feira (11), recebemos a triste notícia do falecimento, em Manaus, de nosso camarada Luiz Fernando Souza Santos. Professor do Departamento de Ciências Sociais da UFAM, dirigente da Adua, do PSOL e do MES no Amazonas, Luiz foi uma das mais de 270 mil vidas perdidas, no Brasil, para a Covid-19 e para o caos promovido por governos assassinos e pela sanha negacionista de empresários, arrivistas políticos e religiosos.

O Prof. Luiz Fernando foi um sociólogo, intelectual marxista brilhante, engajado na reflexão e produção acadêmica sobre a teoria sociológica, a Amazônia e o Brasil. Em seu livro *O Panóptico Verde* (2014), resultado de seu mestrado em Ciências Sociais na UFAM (2002), realizou uma apropriação crítica do conceito de biopolítica para refletir sobre o que chamou de a “ambientalização da natureza amazônica” por meio de pesquisa sobre a criação do Parque Nacional do Jaú. Em seu doutorado, na Unicamp (2018), Luiz refletiu sobre o lugar da Amazônia no pensamento marxista brasileiro: podem-se ler algumas de suas conclusões em “Lógica Marxista e Amazônia em tempos de Bolsonaro”, artigo para a *Revista Movimento* n. 16. Nele, fica nítida a marca do seu pensamento: o rigor e a capacidade crítica de mãos dadas com seu compromisso com as lutas de nosso povo. Além de dirigente sindical e político, em 2018, Luiz foi candidato a senador do Amazonas pelo PSOL, quando obteve 27,5 mil votos com uma campanha militante.

“Passamos em Manaus por dias de turbilhão. Fomos lançados no olho do furacão das consequências mais letais da pandemia pelo Sars-Cov-2. Minha escrita mesma é construída agora sob o sopro da morte, que atingiu minha família e atinge os lares da cidade. Mas, onde estão as determinações das condições em que nos encontramos?”.

Com estas palavras, Luiz iniciava um artigo recente de sua coluna no site de nossa revista, apenas uma semana antes de descobrir-se contaminado pela segunda vez e após já ter perdido a cunhada e a sogra para a doença. Luiz denunciava, no artigo, os governos David Almeida, Wilson Lima e Bolsonaro pelo colapso da saúde amazônica e pelas mortes. Nosso camarada infelizmente não sabia que denunciava o descaso criminoso que também retiraria sua própria vida.

Aos 56 anos, Luiz Fernando deixa sua esposa Houry Karla, o filho Lucas e as filhas Larissa Fernanda e Rebecca, a quem mandamos nosso abraço, nossos sentimentos e nosso pesar. Guardaremos de nosso camarada as melhores lembranças de sua inteligência e camaradagem. Quando Luiz cursava doutorado na Unicamp, sua filha Larissa, nossa companheira, começou a militar no Juntos. Pensador inquieto, ele quis saber melhor quem eram aqueles jovens e sua elaboração teórica. Luiz, um trotskista que ainda via com desconfiança as organizações, encontrou-se com o MES, tornou-se convicto de que conosco iria militar e assim o fez até o final da vida. Sua perda não será em vão. Combateremos os responsáveis pelas mortes de nosso povo e lutaremos para honrar seu legado teórico, seu compromisso com os trabalhadores, o movimento indígena e os demais movimentos que atuam em defesa dos povos da Amazônia. Luiz Fernando Souza Santos: presente! Até o socialismo sempre, camarada!

As raízes de uma Manaus sem ar e de vacina para os ricos¹

Luiz Fernando Souza Santos (1966 – 2021)²

Passamos em Manaus por dias de turbilhão. Fomos lançados no olho do furacão das consequências mais letais da pandemia pelo Sars-Cov-2. Minha escrita mesma é construída agora sob o sopro da morte, que atingiu minha família e atinge os lares da cidade. Mas, onde estão as determinações das condições em que nos encontramos?

Para não ir tão longe numa visada na linha do tempo, embora seja possível, vou lembrar aqui brevemente do governo de José Melo. Nunca será demais apontar o esquema fraudulento que este governador montou para pilhar recursos da saúde pública no Amazonas. Um esquema milionário que envolveu o governador e empresários que exploravam o setor de saúde. Quando a Polícia Federal estourou o esquema criminoso o chamou de Operação Maus Caminhos.

À época desta pilhagem, David Almeida era o líder do governo na Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas (ALEAM). Qualquer denúncia contra o governo era atacada por seu líder de forma raivosa e destemperada na tribuna. David Almeida se tornou Presidente da ALEAM. O então deputado Sabá Reis passou a ser líder de José Melo. Meses depois, o Zé Merenda (como é conhecido Melo por conta de superfaturamento de produtos da merenda escolar quando foi Secretário de Educação do Estado) foi preso e teve seu mandato cassado. David Almeida, ao assumir interinamente o governo do Estado, afirmou que daria continuidade à gestão de Melo. Sabá Reis continuou como líder

1 Publicado originalmente em 23 de janeiro de 2021 em coluna no site da *Revista Movimento* apenas uma semana antes de Luiz Fernando descobrir que estava contaminado pelo Sars-CoV-2 pela segunda vez. Após semanas internado numa batalha por sua vida, nosso camarada faleceu em 11 de março de 2021.

2 Sociólogo, foi professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Amazonas.

de governo.

O tempo passou. Veio a pandemia e o Estado que teve seus recursos para a saúde roubados não estava preparado para enfrentá-la. Na primeira onda não havia leitos nos hospitais, insumos básicos. Cenas dantescas foram inevitáveis. Mortos empilhados em contêineres ou espalhados em corredores de hospitais, valas coletivas, etc. O atual governador Wilson Lima é, também, personagem ativa no roteiro de horror, assim como a política genocida de Bolsonaro, mas não vou explorar isso aqui (já o fiz em outras publicações).

No segundo semestre de 2020 houve a corrida eleitoral para a Prefeitura de Manaus e Câmara de Vereadores. Concomitante às eleições a pandemia continuava, suas taxas de infecção e de óbitos foram manipuladas de modo a apresentarem um cenário de que estava tudo bem. Pesquisadores alertavam para o perigo, defendiam uma política de isolamento social, de lockdown, que nunca ocorreu.

David Almeida foi eleito. O líder, fiel escudeiro, do ex-governador preso na Maus Caminhos, agora saía eleito Prefeito de Manaus. Ao tomar posse, a escalada acelerada de contágio pelo coronavírus já estava posta. Em poucos dias, um cenário pavoroso que de longe empalideceu a primeira onda do vírus em Manaus explodiu. Não há oxigênio nos hospitais. Na capital e no interior as pessoas estão morrendo sem ar. O Amazonas é tal qual um campo de concentração, no qual seus governantes e administradores são como soldados da SS e, a massa da sociedade local, aquela que deve morrer asfixiada.

Dias antes do colapso do fornecimento de oxigênio no Amazonas, a empresa fornecedora havia comunicado do aumento da demanda em razão da escalada de contágio e dos riscos de desabastecimento. O governo Bolsonaro sabia. Quando o Ministro Pazuello esteve em Manaus, já tinha esse informe, mas, ao invés de traçar uma política para prevenir tal colapso, foi deliberada-

mente omissos. Fez propaganda do “tratamento precoce” com kit de remédios sem eficácia para os efeitos do COVID-19. Foi embora. Quatro dias depois, Manaus ficou sem oxigênio.

A chegada da vacina abriu os portões do inferno que deixaram à mostra todo o ódio de classe dos governantes do Amazonas e de Manaus. O plano de vacinação revela-se um engodo, uma mera formalidade, pois a vacina é para as classes ricas do lugar. Sob o comando do Prefeito David Almeida, filhas e filhos dos ricos, empresários e políticos foram vacinados. Sabá Reis, que junto com David Almeida, foi líder do governo de José Melo, é agora Secretário de Limpeza Pública do município. Sabá Reis furou a fila e recebeu a primeira dose da vacina.

A Operação Maus Caminhos, a primeira onda do vírus, com pico nos meses de março e abril de 2020, a explosão de contágio e mortes sem oxigênio nesse início de ano e a vacinação dos poderosos, pelo exposto aqui, revelam que a letalidade do Sars-Cov-2 em Manaus e diversas cidades do interior não se explica exclusivamente pelas determinações biológicas do mesmo, mas por sua articulação numa rede de corrupção, de roubo da coisa pública e, fundamentalmente, de um escancarado ódio das classes mais ricas do lugar contra os trabalhadores, os pobres, os indígenas, os idosos etc.

As cidades do Amazonas estão sitiadas pelo vírus e por um projeto de morte bancado pela política reacionária e pelos ricos arrivistas. Não há uma pessoa sequer das classes subalternas na capital do Amazonas que não tenha um morto para chorar. Balzac parecia antever a Manaus de nossos dias com suas classes ricas a escarnecer da miséria dos debaixo quando, em *Ilusões Perdidas*, escreveu: “velhas famílias dependuradas em seu rochedo como corvos ressabiados. (...) Escarnecedoras, denegridoras, avaras. (...) Famílias que sofrem de um monarquismo burro, devotamente fanáticas”.

O roubo dos recursos destinados à saúde, a negação de políti-

cas de isolamento social, a ausência de renda mínima para os mais pobres numa escala temporal que acompanhe o desenrolar da pandemia e em seus desdobramentos a *posteriori*, tratamento precoce sem base científica, colapso do fornecimento de oxigênio e a vacinação dos mais ricos, apontam para a potencialização dos efeitos letais do Sars-Cov-2 por um projeto que se assenta no ódio-pânico dos donos do poder nos sertões amazônicos. Contra o ódio de classe destes últimos, a alternativa é a organização da classe que vive do trabalho para tomar as ruas.

No momento em que escrevo este texto as ruas do país são tomadas pela Carreata Fora Bolsonaro. No Amazonas, uma Frente Cabana, que reúne diversos partidos de esquerda, lideranças indígenas, pastorais sociais, sindicatos, estudantes etc. também vai às ruas. A Carreata Fora Bolsonaro local apresenta três bandeiras: *pague o auxílio, vacina já! e oxigênio*.

Na cidade sem oxigênio, a reversão do atual quadro de morte passa por derrotar aqueles que estão no poder.

Fora, Bolsonaro!

Fora, Wilson Lima!

Fora, David Almeida!

